

O Museu Paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná

Cíntia Braga Carneiro



CÍNTIA BRAGA CARNEIRO

O Museu Paranaense
e Romário Martins:
a busca de uma identidade para o Paraná



Este livro foi diagramado e produzido pela EDIÇÃO POR DEMANDA, uma encomenda do autor, que detém todos os direitos de conteúdo, comercialização, estoque e distribuição dessa obra.

Diagramação: Equipe da Edição por Demanda

ISBN: 978-85-67310-05-3

C289 Carneiro, Cíntia Braga
O Museu Paranaense e Romário Martins : a busca de uma identidade para o Paraná / Cíntia Braga Carneiro.— Curitiba : SAMP, 2013.
202 p. ; il.

ISBN 978-85-67310-05-3

1. Museu Paranaense. 2. Martins, Alfredo Romário, 1874-1948. 3. Paraná – História. I. Título.

CDD (20.ed.) 069.098162

CDU (2. ed.) 069.013(816.2)

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

CÍNTIA BRAGA CARNEIRO

O Museu Paranaense
e Romário Martins:
a busca de uma identidade para o Paraná

Primeira Edição

CURITIBA
2013

Sociedade de Amigos do Museu Paranaense

Créditos

Governador do Paraná

Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura

Paulino Viapiana

Diretora-Geral da SEEC

Valéria Marques Teixeira

Coordenadora do Sistema

Estadual de Museus

Christine Vianna Batista

Diretor do Museu Paranaense

Renato Augusto Carneiro Junior

Capa

Raquel Cristina Dzierva

Editoração

Roberto Guiraud - Designer

Fotos e Ilustrações

Acervo do Museu Paranaense

Sociedade de Amigos do

Museu Paranaense – SAMP

Marionilde Dias Brepohl de Magalhães

Presidente



Apoio



Patrocínio



Realização



Este livro foi impresso com recursos da Lei Rouanet.

Sumário

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

1 - DE “GABINETES DE CURIOSIDADES” A “MUSEUS CIENTÍFICOS”: OS PRIMEIROS MUSEUS.....	29
1.1 - A criação dos museus brasileiros: um caminho para a identidade nacional	37
1.2 - O Museu Nacional.....	39
1.3 - O Museu Paraense Emilio Goeldi	42
1.4 - O Museu Paulista.....	44
1.5 - O Museu Paranaense: seus primeiros anos (1874 a 1902)	47
2 - PARANÁ: A JOVEM PROVÍNCIA EM BUSCA DE SUA IDENTIDADE	63
2.1 - Curitiba: a cidade no início do século XX	68
2.2 - Os movimentos da intelectualidade paranaense	74
2.3 - O Paranismo	90
2.4 - Romário Martins: uma breve biografia	96
3 - O MUSEU PARANAENSE SOB A DIREÇÃO DE ROMÁRIO MARTINS	101
3.1 - A relação com o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense	124
3.2 - A relação com os indígenas	128

4 - O MUSEU PARANAENSE E AS EXPOSIÇÕES: ESPETÁCULOS DA IDENTIDADE REGIONAL	131
4.1 - A Exposição do Cinquentenário da Província do Paraná	140
4.2 - A Exposição Nacional de 1908	151
CONCLUSÃO	165
BIBLIOGRAFIA.....	171
FONTES	177
ANEXOS	180

Apresentação

Renato Carneiro Jr.
Diretor do Museu Paranaense

O Museu Paranaense, fundado em 1876, sendo uma das instituições museológicas mais antigas em funcionamento no Brasil, possui uma história de grande relevância científica, com publicações, principalmente nas décadas de 1940 a 1960, de artigos científicos nos campos da zoologia, entomologia, botânica, geografia, arqueologia e antropologia, entre outras. Há, inclusive, um livro organizado por Fabiano Ardigó em que o historiador restabeleceu o papel do Museu como centro irradiador de pesquisas em diversas áreas àquela época.

Com o tempo, a instituição perdeu este lugar de destaque, assumido pela Universidade Federal do Paraná, onde vários departamentos foram criados ou fortalecidos a partir da ação de pesquisadores ligados ao Museu Paranaense, mais fortemente, mas não apenas, nos anos em que esteve à frente da instituição o médico e professor José Loureiro Fernandes.

No entanto, o Museu Paranaense não deixou de fornecer subsídios para se "fazer ciência" em pesquisas de campo ou no fornecimento de fontes para a elaboração de trabalhos acadêmicos em diversos níveis, desde monografias de conclusão de curso a dissertações, teses e artigos científicos. Nossos arquivos, biblioteca e

o acervo museológico em geral têm contribuído há gerações para se conhecer mais da cultura, da história e até da pré-história dos que viveram e vivem neste pedaço de território brasileiro a que hoje chamamos de Paraná.

Assim, ao lançar esta coleção de livros com teses e dissertações geradas a partir de nosso acervo, ou com a participação de pessoas ligadas ao Museu, queremos fazer uma homenagem àqueles que buscaram entender mais o que é esta sociedade paranaense e que ainda têm seus estudos inéditos, por força de um mercado editorial que não privilegia a produção local. A coleção **Teses do Museu Paranaense** traz ao público, no formato impresso e em edição eletrônica, os estudos que permitiram qualificar a equipe do Museu, atual ou mais antiga, como um importante grupo de pesquisadores no interior da Secretaria da Cultura do Paraná, mostrando seu valor e esforço.

Agradecemos à Sociedade de Amigos do Museu Paranaense e aos apoiadores, como a Companhia Paranaense de Energia - Copel e a Fomento Paraná, pelos recursos destinados a esta publicação, a partir da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura do Governo Federal.

Apresentação da obra

Cíntia Braga Carneiro
Mestre em História do Brasil

Em 2001 finalizei minha dissertação para o Mestrado no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Francisco Napolitano de Eugênio, na qual analiso o papel que o Museu Paranaense desempenhou no processo de construção de uma identidade para o estado do Paraná, entre 1902 e 1928, anos em que teve como diretor Romário Martins.

Este período coincidiu com a busca pela intelectualidade paranaense da identidade regional, processo que culminaria no movimento paranista, no final dos anos 1920.

A tese central de meu trabalho é a de que a direção de Romário Martins foi determinante para a transformação do museu em uma espécie de “laboratório” da procura por tal identidade. Como jornalista, historiador e político, ligado aos movimentos da intelectualidade paranaense do início do século XX, e também como fundador e membro atuante do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, Romário Martins pretendia que o Museu Paranaense se constituísse em um espaço para a divulgação das ideias paranistas e para a construção de uma identidade própria para o estado do Paraná.

Na pesquisa, utilizaram-se fontes bibliográficas e documentais, como o jornal *A Republica*, documentos oficiais do estado do Paraná e publicações do Museu Paranaense, entre outras, e nelas pôde-se, também, mapear a política de aquisição de objetos museográficos. Foram, ainda, analisados eventos importantes, como a participação do Museu Paranaense em diversas exposições, destacando-se a Exposição do Cinquentenário da Província do Paraná, de 1903 e a Exposição Nacional, de 1908.

A decisão de publicar este trabalho com algumas atualizações se deve ao fato de, passados mais de dez anos, não haver nenhuma dissertação, tese ou estudo mais aprofundado sobre a instituição no período e, portanto, ele vem sendo procurado, ao longo desta década, por pesquisadores interessados nos temas nele abordados.

Nas citações, fontes e anexos em que foram utilizados textos de época conservaram-se a grafia original. No mais, este livro foi revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Agradeço a todas as pessoas que me auxiliaram nesta tarefa, principalmente a meu marido, meu maior incentivador, e a meus filhos Marina e André, que contribuiram com sugestões e na revisão do texto, ciente de que ambos têm conhecimento e capacidade para tanto.

Introdução

Criado no final do século XIX, constituindo-se no primeiro museu da então província do Paraná e, a partir de 1882, no terceiro museu público do Brasil,¹ o Museu Paranaense permanece como uma importante instituição cultural do estado, mantendo-se como uma referência para a sociedade paranaense.

No decorrer de seus mais de 136 anos de existência, tendo em vista que foi criado oficialmente em 25 de setembro de 1876, o Museu Paranaense esteve instalado em seis locais e somente em 2002 ganhou uma sede própria, onde está localizado atualmente, à Rua Kellers, 289, no antigo Palácio São Francisco, sede do Governo do Paraná entre 1938 e 1954.

Mesmo com as várias mudanças em sua localização, o museu sempre foi bastante visitado, seja pelas suas exposições ou pela sua função pedagógica, já que atende muitos estudantes.

Atualmente, o que se pretende por parte dos que trabalham no museu é que cada uma das pessoas que o visite possa conhecer um pouco mais sobre a história do Paraná, pois esse se constitui em um de seus principais objetivos.

¹ O primeiro foi o Museu Real, também chamado Imperial e, mais tarde, Nacional, fundado em 1818, no Rio de Janeiro, por Dom João VI e o segundo foi o Museu Paraense, de 1866, posteriormente denominado Museu Paraense Emílio Goeldi.

A presença do Museu Paranaense foi concebida como instituição capaz de realizar a integração dos diferentes tempos e espaços propostos.

Do ponto de vista temporal, o Museu Paranaense expressará a história do Paraná, da pré-história ao tempo presente. Do ponto de vista espacial, compreende a ocupação, a constituição e a integração do território e da população paranaense.²

Para tais finalidades, as exposições permanentes têm como propostas mostrar a ocupação do território e facilitar o reconhecimento da identidade do Paraná, como está expresso nos folhetos distribuídos aos visitantes: “Arqueologia, Etnologia e História são as suas especialidades, permitindo que hoje o Museu Paranaense exponha peças de seu acervo com o objetivo de facilitar o reconhecimento da identidade paranaense”.³

A proposta deste trabalho consiste em compreender como se deu o processo em que este estabelecimento cultural passou a desempenhar o papel de um elemento formador da identidade paranaense, que até os dias de hoje é apregoado.

Sabe-se que, no Paraná, durante o processo para a emancipação política da então denominada Quinta Comarca da Província de São Paulo, os defensores deste movimento separatista escreviam artigos

² POSSE, Zulmara; KUBO, Elvira; CARDOSO, Jayme. A história no Museu: o projeto no Museu Paranaense. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA (SBPH), 1996, Curitiba. **Anais da XVI Reunião**. Curitiba, p. 63, 1996.

³ PARANÁ. **Trajetória das sedes do Museu Paranaense**. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, Secretaria de Estado da Cultura, Museu Paranaense, s/d.

em jornais e faziam publicações propagando que a separação da Comarca era fundamental para o seu progresso.

Após a emancipação, que se deu em 1853, era necessária a afirmação de uma identidade para a jovem província do Paraná, para consolidar sua unidade perante o país e, mais tarde, no início do século XX, também por motivo da disputa para legitimação de seus limites com o estado vizinho de Santa Catarina.

Essa identidade para o Paraná foi sendo construída por alguns intelectuais, políticos e artistas que exaltavam as características ou especificidades locais: suas riquezas naturais, seu território e sua população.

As questões que se levantam neste estudo são se existiram mudanças significativas no que tange à aquisição e exposição do acervo desta instituição e se houve realmente um interesse maior em promover e/ou participar de novas exposições, manifestando-se o desejo em divulgar as riquezas naturais e os valores paranaenses, entre os anos de 1902 a 1928, quando o Museu Paranaense esteve sob a direção de Romário Martins, jornalista, historiador e político paranaense.

O museu teria tido, dessa maneira, uma função importante na difusão do paranismo, proposto por Romário Martins, um dos mais importantes propagadores desse movimento?

Esse diretor poderia ser considerado como o ideólogo da instituição, reunindo em torno de si pessoas que colaboraram com o museu, através de sua rede pessoal de relações, de suas publicações e de suas atividades políticas?

O museu poderia ser caracterizado como uma instituição científica nos moldes daquelas de outros centros brasileiros, com estudos nas áreas de arqueologia, antropologia, etnologia e história?

A hipótese é de que o museu, no período focado, passou a se constituir em um espaço que contribuiu para a construção de uma identidade para o estado do Paraná de forma mais determinada.

Para tal verificação, o estudo teve início em um período anterior ao delimitado, abrangendo desde a proposta para a criação do museu, em 1874, sua inauguração, em 1876, a política de seus primeiros diretores para esta instituição, ainda na época imperial até, de forma mais aprofundada, a fase em que Romário Martins assumiu a direção do museu, realizando modificações quanto aos objetivos do mesmo.

Para obter respostas às indagações deste trabalho, na pesquisa foram utilizadas fontes bibliográficas, documentais e jornalísticas, cuja leitura e interpretação tiveram o intuito de analisar o papel do Museu Paranaense na sociedade do Paraná do início do século XX.

Na bibliografia existente sobre os museus, no Brasil, praticamente não há referências ao Museu Paranaense. A leitura de consistentes obras sobre museus para o desenvolvimento deste trabalho constata este desconhecimento sobre esta instituição do século XIX, da região meridional do país e ressalta a necessidade de divulgação desta história que também faz parte da história brasileira.

Como exemplo, José Neves Bittencourt,⁴ que trabalhou com quatro instituições: o Museu Nacional, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Museu Naval e o Museu Militar, analisando os acervos destes museus da época imperial, em sua conclusão, cita o Museu Paranaense, dizendo ter sido fundado em 1870 (sic) e considerando que os museus regionais do século XIX eram derivações daqueles da Corte e que só viriam a se desenvolver com a extinção do Império no Brasil.

Também Lilia Moritz Schwarcz,⁵ em seu livro, ainda que não sejam diretamente seus objetos de estudo, trata de três museus etnográficos brasileiros – o Museu Nacional, o Museu Paulista e o Museu Paraense Emílio Goeldi – com características similares ao Museu Paranaense, mas não menciona a existência dos museus do sul do Brasil.⁶

Os conceitos teóricos que auxiliam a entender as questões referentes a museus como nação, nacionalismo, memória e identidade, além das informações sobre exposições, foram encontrados em diversas publicações.⁷

⁴ BITTENCOURT, José N. **Território largo e profundo**: os acervos dos museus do Rio de Janeiro como representação do Estado Imperial. 1808-1889. Niterói, 1997. 422 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.

⁵ SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁶ Além do Museu Paranaense, existia o Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, fundado em 1903.

⁷ Como nos **Anais do Museu Paulista**, nos **Anais do Museu Histórico Nacional**, na **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, na **Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa História** e na **História**: questões e debates, revista da Associação Paranaense de História.

As questões teóricas referentes à nação e ao nacionalismo, utilizadas para um maior entendimento do pensamento dos intelectuais e diretores do Museu Paranaense do início do século XX, foram trabalhadas a partir de concepções de Eric Hobsbawm e Benedict Anderson; sobre memória foram consultadas obras de Maurice Halbwachs, de Jacques Le Goff e de Pierre Nora.

Há uma grande relação entre o papel dos primeiros museus públicos como locais para preservação da memória e de identificação nacional. Segundo Le Goff que, juntamente com Pierre Nora, trabalhou com conceitos de memória, considerando-a como elemento básico para a constituição e consolidação das sociedades: “Na França, a Revolução criou arquivos nacionais públicos com documentos da memória nacional, bibliotecas públicas e museus públicos”.⁸

Reconhecendo a importância que teve a nação e o nacionalismo na história, muitos foram os estudos e trabalhos a respeito destes conceitos escritos por historiadores, antropólogos, filósofos, cientistas sociais, políticos e economistas, principalmente a partir da década de 1860.

⁸ LE GOFF, Jacques. Memória. In ROMANO, Ruggiero (dir.). **Enciclopédia Einaudi**, v. 1. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1983. p. 38.

De acordo com Francesco Rossolillo:

*A referência à Nação foi, no decorrer da Revolução Francesa e, mais tarde, desde meados do século XIX até nossos dias, um dos fatores mais importantes no condicionamento do comportamento humano e na história política e social. Em nome da Nação se fizeram guerras, revoluções, modificou-se o mapa político do mundo.*⁹

Eric Hobsbawm¹⁰ faz a distinção entre o nacionalismo exclusivo dos Estados, ou movimentos políticos de direita e a consciência nacional, do cidadão que, nos Estados modernos, vai constituir o solo no qual os sentimentos políticos aparecem.

Para as questões relacionadas à identidade foram consultados trabalhos de Néstor García Canclini, de Ulpiano T. Bezerra de Meneses, de José Carlos Reis e de Stuart Hall.

Entende-se que, ao se tratar de identidade, é possível encontrar diferentes concepções para este fenômeno social e que as Ciências Sociais não chegaram a um consenso quanto a este conceito, como afirmou Márcia Kersten¹¹ ao trabalhar em sua tese com temas relacionados à cultura e ao patrimônio cultural, que acabaram convergindo para a discussão sobre a identidade nacional.

⁹ ROSSOLILLO, Francesco. Nação. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: EdUNB, 1997. p. 795.

¹⁰ HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹¹ KERSTEN, Márcia S. de A. **Os rituais do tombamento e a escrita da história**. Bens tombados no Paraná, entre 1938-1990. Curitiba, 1998. 325 f. Tese (Doutorado) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, p. 5.

De acordo com Ulpiano de Meneses,¹² identidade pressupõe semelhanças consigo mesmo, como condição de vida biológica, psíquica e social; ela tem a ver mais com processos de reconhecimento do que de conhecimento. Ela não se constitui em uma essência, um referencial fixo, anterior às sociedades e grupos, que apenas a receberiam advinda do passado, não é algo estático, porém consiste em um processo incessante de construção e reconstrução.

A afirmação da identidade está vinculada a necessidades de reforço e de construção de imagens e os museus, locais que se caracterizam pela prioridade em exposições de objetos materiais e pela possibilidade de explorá-los cognitivamente e afetivamente, se constituem em um campo fértil para definir e reforçar identidades.

Eles têm um papel fundamental na legitimação do poder e do imaginário da população e tiveram esta função, por exemplo, na consolidação das nacionalidades na Europa, no século XIX. Assim, os museus locais ou regionais são aqueles em que os processos de identidade podem encontrar um espaço mais aceitável de expansão.

Na análise do museu enquanto instituição pública foram incorporados os conceitos de Jürgen Habermas quanto à “formação da esfera pública burguesa”, pois o nascimento do museu como a instituição que se conhece atualmente está ligado a essa questão, que pode ser entendida como “a esfera de pessoas privadas reunidas em

¹² MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Nova Série, n. 1, p. 209, 1993.

público”,¹³ portanto, pessoas que se relacionam entre si como público na esfera burguesa. Para a compreensão de aspectos da intelectualidade foi consultada obra de Angel Rama, adequando seus estudos aos intelectuais paranaenses.

Analisando a formação de Romário Martins como intelectual, recorre-se a Rama, quando ele afirma que “a letra apareceu como a alavanca de ascensão social, da respeitabilidade pública e da incorporação aos centros do poder”.¹⁴

Romário Martins pertenceu a uma categoria de intelectual autodidata, pois, como não teve condições financeiras para educar-se em uma universidade, precisando trabalhar desde cedo, sua preparação intelectual se deu através de suas leituras, pesquisas e debates com outros intelectuais da sociedade, constatando-se que “seja por razões econômicas ou intelectuais, a Universidade deixa então de ser a via obrigatória do letrado como o tinha sido necessariamente no século XIX e inclusive na modernização. Com inédita dignidade aparece a categoria autodidata”.¹⁵

¹³ HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

¹⁴ RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 79.

¹⁵ Idem, p. 148.

Fontes

As principais fontes documentais pesquisadas consistiram nos jornais *A Republica* entre os anos de 1900 a 1928, opção esta feita por ter sido Romário Martins seu diretor de redação por longo período, ali expressando suas ideias e seu pensamento, ao utilizar esta publicação como um espaço de divulgação das atividades e de assuntos relacionados ao museu.

Outros jornais, como o *Dezenove de Dezembro* e o *Diario da Tarde*, foram consultados à medida que surgiram assuntos polêmicos, sobre os quais se fez necessário buscar opiniões divergentes ou complementares a respeito de matérias que envolviam o Museu Paranaense.

A importância desses tipos de fontes é que elas tornam possível descobrir o pensamento das pessoas de um determinado grupo social e suas relações com instituições culturais, principalmente com o Museu Paranaense, através dos textos individuais dos escritores e jornalistas.

Como afirma Angela Brandão:

*O jornal ou a revista ganham importância, não porque sejam lidos pela comunidade, nem porque estabeleçam uma determinada leitura dela, mas porque são produzidos por homens que fazem parte dessa cultura e que, a menos que sejam gênios ou loucos, usam de uma linguagem comum. Tal importância não está perdida mesmo que se leve em conta a restrita circulação desses veículos diante do analfabetismo ou do pouco caso pela expressão escrita.*¹⁶

Também foram consultados documentos oficiais do estado do Paraná, como Relatórios de Presidentes de Província e de Estado, Relatórios de Secretários de Estado, Mensagens apresentadas pelos Presidentes do Estado ao Congresso Legislativo e Leis, Decretos e Regulamentos do Estado do Paraná.

Utilizou-se como fontes, ainda, o *Boletim do Museu Paranaense* (1904), o *Relatório ao Secretário de Estado dos Negócios do Interior pelo diretor Romário Martins* (1906), os *Catálogos e estudos do Museu Paranaense*, de Romário Martins (1925) e publicações avulsas do Museu Paranaense, como *Guia do Museu Paranaense*, de Agostinho Ermelino de Leão (1900), *Museu Paranaense: resenha histórica, 1876-1936*, de Loureiro Fernandes (1936), o artigo *Oitenta anos de vida do Museu Paranaense*, de Loureiro Fernandes e Marília Duarte Nunes (1956), os *Boletins do Museu Paranaense*, de 1968 a 1979 e os *Arquivos do Museu Paranaense, Série Antiga*, de 1941 a 1954 e *Nova Série*, de 1955 a 1993.

¹⁶ BRANDÃO, Angela. **A fábrica de ilusões**: o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba. (1905-1913). Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1994. p. 47.

As correspondências pessoais de Romário Martins encontradas em caixas do Departamento Estadual de Arquivo Público - DEAP e na Reserva Técnica do Museu Paranaense foram, também, importantes fontes de pesquisa. Elas proporcionaram, além de informações preciosas concernentes ao tema, a possibilidade de se descobrir uma face pouco conhecida deste intelectual, com apontamentos manuscritos que revelaram muito de seu sistema de trabalho.

Quanto à estrutura deste trabalho, ele está dividido em quatro capítulos.

No primeiro são abordados alguns assuntos relacionados a museus: a origem dos mesmos, o aparecimento dos museus públicos, a criação dos primeiros museus brasileiros, como o Museu Nacional, o Museu Paraense Emilio Goeldi e o Museu Paulista.

Ainda neste capítulo apresenta-se o Museu Paranaense, desde a sua fundação e os primeiros anos desta instituição, primeiramente como iniciativa particular e, mais tarde, como um órgão oficial da província do Paraná, até a gestão de Romário Martins como seu diretor, abrangendo, portanto, o período de 1874 a 1902.

No segundo capítulo é mostrado o contexto político, econômico, social e, principalmente, cultural do Paraná no final do século XIX e início do XX, com a intenção de situar os idealizadores e fundadores do Museu Paranaense, pessoas ligadas à burguesia da erva-mate e influentes na sociedade paranaense de então.

Também é feita a contextualização da cidade de Curitiba no início do século XX, principalmente o ambiente cultural, que teve influência na definição das funções culturais e ideológicas do Museu Paranaense. Nesta época, a intelectualidade paranaense travava discussões sobre os mais diversos assuntos, sendo enfatizado o nacionalismo, o positivismo, o simbolismo e o anticlericalismo, correntes e movimentos fundamentais para a compreensão do pensamento de Romário Martins, além de uma breve biografia e análise da sua atuação no movimento paranista.

O terceiro capítulo apresenta o Museu Paranaense sob a direção de Romário Martins, durante os anos de 1902 a 1928, através da análise das informações geradas pelas fontes da imprensa e oficiais sobre esta instituição, mostrando, ainda, a relação deste museu com o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense e com os indígenas.

No quarto capítulo trata-se da participação do Museu Paranaense em algumas exposições, destacando-se a Exposição do Cinquentenário da Província do Paraná, de 1903, realizada em Curitiba e a Exposição Nacional, de 1908, primeiramente como preparatória em Curitiba e, no mesmo ano, no Rio de Janeiro, como um encaminhamento para as respostas às indagações deste trabalho.

Na conclusão está a apresentação dos resultados da pesquisa quanto às funções culturais do Museu Paranaense, principalmente sobre seu papel na construção da identidade para a sociedade do Paraná nas primeiras décadas do século XX.

1

**DE “GABINETES DE
CURIOSIDADES” A
“MUSEUS CIENTÍFICOS”:**

OS PRIMEIROS MUSEUS

A palavra museu deriva do grego *museion*, que significa “templo das musas”, e corresponderia à denominação de espaços dedicados às musas em cidades como Alexandria, Atenas e Siracusa. Segundo a Mitologia, estas musas seriam nove divindades, filhas de Zeus, cada uma sendo protetora de uma arte em especial.

Considerando a história dos museus, podem-se encontrar alguns momentos significativos. Um primeiro remonta à Antiguidade Clássica, quando eram reunidas coleções de objetos de arte e de outros variados objetos em templos gregos e romanos.

A maioria dos livros e enciclopédias apresenta como sendo o primeiro museu o de Alexandria, que teria sido construído por Ptolomeu Filadelfo (Ptolomeu I, soberano do Egito), que deu esse nome a uma parte do seu palácio, onde se reuniam os sábios e filósofos mais célebres de seu tempo para o estudo das letras e das ciências, tendo à sua disposição a biblioteca que se tornou famosa na Antiguidade.

Se o Museu de Alexandria pode ser designado como o primeiro museu é assunto discutível, mas sua importância como estabelecimento cultural consiste no modelo que representava, extensivo a outros: somente era acessível a poucos, estava ligado à criação e produção científica e ao ensino da ciência.

Segundo Waldisa Rússio Guarnieri:

*Ao escolhermos o Museu de Alexandria para representar a Antiguidade, tivemos em conta que ele representa a grande ruptura com o museu sagrado para caminhar para o museu científico e, portanto, humano. Entretanto, como os demais museus da Antiguidade, fica restrito ao acesso de poucos: substitui os sacerdotes e sacerdotisas por cientistas e filósofos, o sagrado pelo científico e um restrito público de devotos por um outro, não menos seletivo, de jovens nobres.*¹⁷

Um segundo momento significativo na história dos museus é o Renascimento. Durante a Renascença difundiu-se entre amadores, estudiosos e cientistas a paixão pelas galerias de arte e pelos gabinetes de curiosidades, lugares reservados, fechados ao público, onde eram mantidas raridades para a contemplação dos homens eruditos. Nessa época, por volta do século XV, se formaram as primeiras “coleções principescas”, grandes acervos dos príncipes e reis, destinados ao deleite de seus colecionadores e, portanto, acessíveis a um público bastante restrito.

Sob a influência dos humanistas da Renascença, que trouxeram novamente o interesse pela Antiguidade e o gosto por coleções, apareceram, portanto, os primeiros locais onde grandes obras de arte e curiosidades eram reunidas e expostas a um público selecionado.

O interesse pelo passado distante levou à expansão da mania de colecionar, inicialmente na Itália e depois em toda a Europa. Eram comuns coleções de moedas, de armas, de bronze, de mármore, de vasos, de capitéis de colunas, de sarcófagos e de antiguidades em

¹⁷ GUARNIERI, Waldisa Rússio. Museu, museologia, museólogos e formação. **Revista de Museologia**. São Paulo, Ano 1, n. 1, p. 9, 1989.

geral. Todavia, até o século XVII, essas coleções permaneceram fechadas nos palácios ou nos gabinetes de curiosidades, com a população mantida distante delas.

Esses espaços museológicos, aos quais se podem considerar como os antepassados mais distantes dos atuais museus, foram, nesse período, locais de manifestação do poder do príncipe, sendo um símbolo do poder das casas reais europeias.

Surge, então, um terceiro momento na história destes estabelecimentos: o Iluminismo, quando os museus europeus foram se modificando, transformando-se em locais de pesquisa e em instituições públicas.

Na medida em que as obras filosóficas e literárias em geral foram sendo produzidas para o mercado, esses bens culturais tornaram-se, a princípio, acessíveis a todos e não mais se constituíam somente parte da representatividade pública da Igreja ou da corte.

A cultura passava, em forma de mercadoria, a ser questionável. Todas as pessoas, enquanto leitores, espectadores, ouvintes, podiam, através do mercado (desde que tivessem posses ou formação acadêmica), apropriar-se dos objetos em discussão; podiam conversar sobre eles, comentá-los, interpretá-los, enfim, fazer parte da cultura e da arte.

São típicos desse período os críticos e as revistas e os jornais consagrados à crítica da arte e cultura. Esse tipo de manifestação foi muito importante para a formação do espírito moderno, pois, como diz Habermas: “só mediante a apropriação crítica e da filosofia, da

literatura e da arte é que também o público chega a se esclarecer, até mesmo a se entender como processo vivo do Iluminismo”.¹⁸

Assim como os concertos e os teatros ganhavam espectadores, quando aqueles existentes nas cortes e nos palácios reais se tornaram públicos, aconteceu com os museus: “como o concerto, os museus institucionalizam o julgamento leigo sobre a arte: a discussão torna-se um meio de sua apropriação”.¹⁹

Nesse contexto sociocultural se deu a criação dos museus como instituições públicas na Europa, pela pressão das camadas burguesas, que não tinham acesso às coleções, e estas foram sendo abertas ao público em geral. O *Ashmolean Museum* de Oxford, Inglaterra (fundado em 1683) foi o primeiro museu a abrir suas coleções a todo e qualquer estudioso que o procurasse. Essa abertura, uma novidade fundamental, colocou o antigo “gabinete de curiosidades” na trilha do moderno conceito de museu público.

No chamado Século das Luzes, como é conhecido o século XVIII, tem-se, portanto, a origem do museu moderno, com suas funções de pesquisa, educação, valorização do racionalismo, método e classificação. Na França, uma galeria real foi aberta ao público em 1749, no palácio de Luxemburgo, em Paris. Entretanto, somente após a Revolução Francesa a população teve acesso às grandes coleções e criaram-se diversos outros museus, como o *Louvre*, por exemplo, em 1793.

¹⁸ HABERMAS, op. cit., p. 58.

¹⁹ Idem, p. 56.

Em Portugal, o movimento da Ilustração, cujas ideias eram de busca da civilização e do progresso, foi responsável pela criação de gabinetes e jardins botânicos e pelas coleções de objetos retirados da natureza, que teriam influências sobre o Império do Brasil.

A partir de 1880, o debate sobre a “questão nacional” tornou-se um assunto importante da política interna em quase todos os Estados europeus. As questões ligadas à nacionalidade revelaram-se de grande interesse e suscitaram discussões tanto para os governos, confrontados com vários tipos de reivindicações nacionais, quanto para os teóricos marxistas e para os partidos políticos que procuravam nestas respostas as bases e as estratégias para um programa político. Da mesma forma para os ideólogos dos museus, pois estes estabelecimentos se constituíam em locais de representação e legitimação da nação.

Segundo Ana Cláudia Fonseca Brefe:

*Justamente durante o século XIX, quando a definição do presente estava intrinsecamente atrelada à reconstrução do passado e à valorização da História, esses exemplares templos de exaltação da nação constituíram-se em instrumentos privilegiados para a produção e exaltação da memória nacional.*²⁰

²⁰ BREFE, Ana Cláudia F. Os primórdios do Museu: da elaboração conceitual à instituição pública. **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, n. 17, p. 284, 1998.

Durante a maior parte do século XIX, inicialmente na Europa e depois se difundindo para outros países do mundo, o fenômeno do nacionalismo, de grande importância desde a Revolução Francesa, foi identificado com movimentos liberais e forneceu critérios de legitimidade para a formação de um Estado independente. A democratização da política em um número crescente de nações e a criação de um Estado administrativo moderno, mobilizador e influenciador dos cidadãos, foram mudanças políticas que possibilitaram a ascensão do nacionalismo.

Tendo em vista que na maioria dos movimentos nacionalistas os aspectos linguísticos e/ou étnicos foram reforçados, na prática, por meio da crescente migração geográfica e, com base em teorias, pelo evolucionismo darwinista e pelo conceito de raça, as ligações com o racismo ficaram mais evidentes.

A base dos nacionalismos era a mesma: a presteza com que as pessoas se identificavam emocionalmente com a sua nação e como podiam ser mobilizadas. Essa presteza foi explorada politicamente, pois o sentimento nacional podia ser canalizado para fins de obediência.

No século XIX, os museus europeus foram se modificando para, além de instituições públicas, se tornarem locais de pesquisas científicas, sendo que sua existência nas grandes cidades era “quase tão importante quanto os sistemas de iluminação pública e de esgotos”.²¹

²¹ RIPLEY, Dillon. **The secret grove** – essays on museums. Nashville: American Association for State and Local History, 1969, apud BITTENCOURT, p. 37.

As nações europeias, em acelerado processo de industrialização e interessadas na educação pública, viam, através dessas instituições, uma forma de dar à sua população acesso à ciência e à história. Assim, os museus, locais ideais para divulgação do progresso e dos novos padrões de civilização, passaram a ser localizados em grandes espaços e as exposições se tornaram mais organizadas.

Os antigos “gabinetes de curiosidades”, estabelecimentos formados por uma variedade de objetos, como quadros, livros, bronze, curiosidades em geral, deram lugar aos “museus de ciências” e “museus de história”, locais voltados para o ensino e pesquisa das ciências e que foram se disseminando por todo o mundo.

Os museus saem definitivamente das pequenas salas em que, trezentos anos atrás, tinham surgido. Prédios grandiosos, exposições mais bem cuidadas – quando não suntuosas – tomam o lugar das reuniões desorganizadas de objetos do século anterior. Passam, definitivamente, a divulgadores do progresso, ensinando a seus visitantes os benefícios dos novos padrões de civilização. ²²

Também no continente americano foram sendo criadas instituições culturais na concepção europeia e se firmando de acordo com as sociedades locais, sendo que o século XIX é chamado por especialistas, como Stutevart e Stocking, como a “era dos museus”, tal o número de instituições fundadas – entre elas o Museu Paranaense.

²² NEVES, Margarida de S. As arenas pacíficas. **Revista Gávea**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica – RJ/Departamento de História, n. 5, p. 332, 1988.

1.1 - A criação dos museus brasileiros: um caminho para a identidade nacional

Os dois primeiros museus brasileiros, Museu Nacional e Museu Paraense Emilio Goeldi, assim como o Museu Paulista, são bastante conhecidos, através de dissertações, teses e publicações.²³

Da mesma maneira como os dois primeiros museus brasileiros, o Museu Paranaense foi criado no modelo europeu dos gabinetes de história natural ou de ciência natural e assim era considerado no início do século XX, como se pode depreender de um papel com o timbre de *Museu Paranaense de Historia Natural e Ethnographia*, encontrado em um livro no qual foram guardadas as correspondências de 1900 a 1915.

O Museu Paranaense tinha uma organização interna bastante similar aos outros museus do Brasil, com seções de zoologia, botânica, geologia, mineralogia, etnologia, arqueologia e antropologia. Também sofreu alguns problemas comuns, como a carência de recursos financeiros, de pessoal especializado e de infraestrutura, dificuldades na pesquisa e na produção de material científico, enfim, na realização de seus objetivos.

²³ Os resumos dos históricos destes museus foram baseados em trabalhos de Lilia M. Schwarcz, de Guy de Hollanda, de José Neves Bittencourt e de Oswaldo Rodrigues da Cunha, constantes na Bibliografia.

Como o Museu Paraense Emilio Goeldi, junto ao Museu Paranaense existia um jardim zoológico que, mais do que um atrativo para o público, pretendia demonstrar que a instituição estava voltada para estudos sobre as ciências naturais.

Todos esses museus possuíram como diretores pessoas influentes, responsáveis pela gestão das instituições e pelo seu desenvolvimento, apesar dos percalços citados, seja organizando as coleções, classificando os objetos, incentivando as pesquisas e os estudos nas ciências naturais, buscando cientificidade e objetividade ou escrevendo artigos nas publicações de seus respectivos estabelecimentos.

Aproveitando a análise de três museus – o Nacional, o Paraense Emilio Goeldi e o Paulista – feita por Lilia Schwarcz, e, após o estudo em particular de cada uma dessas instituições brasileiras, pode-se chegar a conclusão que também o Museu Paranaense se encaixava nestas suas observações:

*A coincidência, no entanto, não está só nas datas mas principalmente nos modelos e formulações que marcam a especificidade das instituições, em sua perspectiva enciclopédica, evolutiva, comparativa e classificatória. Em sua nova fase os museus demarcam regras, distinguem coleções e destacam o profissionalismo. Nesse sentido, será interessante retomar o projeto personalista que cada museu desenvolveu na figura de seus diretores gerais.*²⁴

²⁴ SCHWARCZ, Lilia M. O nascimento dos museus brasileiros. In: MICELI, Sergio et al. **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989, p. 29.

Os museus de ciências naturais ou os museus de história se constituíram em espaços para a consolidação da identidade e da memória nacional ou, conforme o caso, regional, pois tentavam exibir os mais variados objetos de modo organizado, compreensível para uma identificação com o público, parecendo instituições consagradas à exaltação da sociedade específica de cada local.

1.2 - O Museu Nacional

O primeiro museu brasileiro, Museu Real ou Imperial e, depois de 1822, Museu Nacional, foi criado no início do século XIX, por Dom João VI, no Rio de Janeiro, após a instalação da corte portuguesa no Brasil. Foi fundado como uma instituição científica, no estilo dos gabinetes de história natural do movimento de Ilustração de Portugal, do século anterior, pelo que se pode constatar pelo decreto de criação, de 6 de junho de 1818, e com sede no atual edifício do Arquivo Nacional, à Praça da República.

Segundo esse decreto, o Museu tinha como objetivos propagar os conhecimentos e estudos de ciências naturais no Reino do Brasil, que encerrava em si milhares de objetos dignos de observação e exame e que poderiam ser empregados em benefício do comércio, da indústria e das artes, portanto, organizar os dados da natureza, identificar os produtos naturais desta parte do mundo para o proveito das ciências e das artes a fim de que os estudiosos e naturalistas pudessem ter informações sobre eles, além de servir como uma espécie de monumento em homenagem a seu fundador.

Interessante notar que o Museu Nacional permaneceu alguns anos sem apresentar exposições públicas, tendo ficado guardado seu acervo, que era composto inicialmente por doações feitas pelo rei Dom João VI, como algumas antiguidades, coleções de quadros, armas antigas, animais empalhados, artefatos indígenas, objetos de arte e de mineralogia. A partir de 1821, por meio de um decreto real, o museu tornou-se público, porém com possibilidade de ser visitado apenas em um dia de semana, durante três horas.

Ao longo do século XIX, viagens de interesse científico trouxeram ao Brasil muitos naturalistas europeus, de várias especialidades, para explorarem o território brasileiro em busca de espécimes para suas coleções. Alguns de seus objetivos eram ampliar os acervos dos museus de seus países e “salvar” o quanto pudessem do que julgavam que logo estaria extinto, o que eles fizeram enfrentando desafios com sacrifícios, pelas dificuldades aqui encontradas, como clima quente, selvas, doenças etc.

Para esses naturalistas, a grande preocupação centrava-se na classificação dos objetos e não na questão da preservação do conjunto das peças, uma vez que a ideia imperante era que essas culturas se extinguiriam até por um princípio de seleção, estando os vestígios, segundo a visão destes cientistas, mais bem preservados em museus metropolitanos.²⁵

As funções iniciais do Museu Nacional foram coincidentes com as dos gabinetes de história natural, apresentando amostras de minerais, entretanto, no decorrer do século XX, o acervo do museu

²⁵ SCHWARCZ, op. cit., p. 26.

foi recebendo também coleções de pinturas, antiguidades egípcias, greco-romanas, medalhas, moedas antigas e modernas de várias nações, coleções de mineralogia, zoologia e botânica, que, em conjunto aos objetos brasileiros (arqueológicos e indígenas), construíram um verdadeiro universo de “fragmentos”.

Durante algum tempo, o Museu Nacional foi a única instituição brasileira voltada à investigação nas ciências naturais, servindo também ao ensino, com laboratório químico, onde eram realizadas análises de amostras minerais, e tendo diretores que eram consultados sobre assuntos de mineração e de recursos naturais do país. Mesmo com estas funções, desde a sua criação, a instituição enfrentou muitos problemas, como a carência de recursos financeiros condizentes com suas necessidades, de pessoal especializado e de instalações adequadas às suas finalidades.

Através de um decreto, em 1876, o museu foi reorganizado, passando a ter três seções voltadas para as ciências naturais. A partir de então, foi criada uma revista científica da instituição trimestral: *Archivos do Museu Nacional*, para comunicação e permuta com instituições do exterior, além de terem sido promovidos cursos e desenvolvidas pesquisas.

A questão da identidade nacional aparecia no Museu Nacional à medida em que colecionava objetos que representassem um passado, assim como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro reunia documentos que mostravam uma representação do passado do território brasileiro, inclusive sobre os autóctones.

Desde 1866 esse museu organizava parte das exposições universais, sendo que muitos dos produtos naturais expostos nesses eventos saíram de suas coleções.

Em 1892, após a Proclamação da República, o museu, que esteve muito vinculado à representação do Estado Imperial, principalmente à figura do Imperador, cumprindo uma importante função na construção da memória da nação e se constituindo em uma das principais instituições científicas do período do Império do país, foi transferido para o Palácio da Quinta da Boa Vista, onde se encontra até hoje.

1.3 - O Museu Paraense Emilio Goeldi

Como já foi comentado, ao se tratar do Museu Nacional, muitos naturalistas estrangeiros estiveram em expedições científicas pelo Brasil durante o século XIX, também na região norte, com a preocupação de coletar, classificar, pesquisar e promover estudos nas áreas das ciências naturais.

No entanto, os cientistas brasileiros não desenvolviam estes tipos de atividade e somente no ano de 1866, em Belém, no Pará, manifestou-se o interesse por parte de um grupo de intelectuais para a criação de um museu de história natural, que seria, então, uma instituição de cunho científico.

Foi, assim, fundada a “Sociedade Filomática do Pará”, que inaugurou suas coleções com a denominação de Museu Paraense, tendo como um dos colaboradores Domingos Soares Ferreira Penna, geógrafo, etnógrafo, jornalista e político do Pará.

Esta instituição particular surgiu com a finalidade do estudo da natureza amazônica, de sua flora e de sua fauna, da constituição geológica, das rochas e dos minerais, da geografia da imensa região e da história do Pará e da Amazônia e teve como primeiros diretores representantes da sociedade paraense.

Em 1871, foi transformada em uma repartição pública e, por motivos da carência de recursos financeiros e da demissão de vários estudiosos, enfrentou dificuldades para se manter, tanto que no final do período imperial, o museu chegou a ser extinto, sendo reinaugurado em 1891.

Dois anos depois, o naturalista suíço Emílio Goeldi assumiu a direção da instituição, com novas propostas para a mesma, semelhantes às da Europa, iniciando várias atividades. Recebeu naturalistas estrangeiros, promoveu a organização das seções do museu: zoologia, botânica, geologia, paleontologia, mineralogia, etnologia, arqueologia e antropologia, de uma biblioteca especializada nas ciências naturais e antropologia e de um jardim zoológico e botânico, anexos ao estabelecimento. Também elaborou duas publicações: *Boletim do Museu Paraense* e *Memória do Museu Paraense*, em que se procurou apresentar trabalhos científicos, muitos escritos por cientistas estrangeiros e pelo próprio Goeldi, que era zoólogo.

Esse diretor, que permaneceu no cargo por quase 14 anos, esforçou-se para que o museu desempenhasse um importante papel à

sociedade paraense, rica com a economia da borracha, mas carente de um local de pesquisa e de uma instituição que tivesse como finalidade o estudo da história natural e da antropologia do Brasil e, particularmente, da Amazônia. Durante sua gestão, esse museu teve grande desenvolvimento, tanto na parte das exposições, quanto na das pesquisas nos diferentes ramos da ciência natural e antropologia.

Como auxiliou o Barão do Rio Branco nas questões de demarcação de limites entre o Brasil e a Guiana Francesa, ligadas à consolidação do território nacional, em uma forma de homenagem o museu passou a ser denominado Museu Paraense Emílio Goeldi.

1.4 - O Museu Paulista

Desde as festas da comemoração da independência do Brasil de 1824 surgiu a ideia da criação de um monumento em São Paulo em homenagem a este acontecimento, o que só chegou a ser efetivado muitos anos mais tarde.

Com o desenvolvimento da economia cafeeira na região, a qual possibilitou a transformação da cidade, entre vários sinais de progresso, foi construído um suntuoso prédio que, inaugurado em 1890, estava pronto para ser o primeiro museu de São Paulo.

No entanto, somente em 1893 o então Museu do Ypiranga foi criado juridicamente, contendo em seu acervo coleções doadas por Joaquim Sertório, que se constituíam em espécimes de história natural, peças de mobiliário, jornais e objetos indígenas.

Suas finalidades eram “o estudo da história natural da América do Sul e, em particular do Brasil, acompanhando os métodos mais aceitos nos museus científicos modernos e procurando, quanto possível, pô-los ao alcance dos entendidos e do público”.²⁶

Neste mesmo ano, o zoólogo e médico alemão Hermann von Ihering foi contratado como responsável pela organização do museu, inaugurado oficialmente em 7 de setembro de 1895.

Esta instituição se propunha a reunir mostra de todo o conhecimento humano, como um verdadeiro museu enciclopédico, nos moldes dos europeus, baseado em saber evolutivo, classificatório, comparativo e relacionado às ciências naturais. Iniciou-se a publicação da *Revista do Museu Paulista*, principalmente com artigos de seu influente diretor e de naturalistas estrangeiros, predominantemente sobre assuntos referentes à zoologia.

Hermann von Ihering foi um diretor que imprimiu uma marca na sua administração no museu, da mesma forma que Romário Martins no Museu Paranaense, Emilio Goeldi no Museu Paraense e Ladislau Netto e Batista Lacerda no Museu Nacional.

Romário Martins chegou a escrever a von Ihering, quando enviou-lhe o seu relatório sobre o Museu Paranaense, em 1906, solicitando-lhe sugestões para as atividades que poderia desenvolver na instituição do Paraná.

A resposta deixa clara a visão de Hermann von Ihering:

²⁶ ANAIS DO MUSEU PAULISTA. São Paulo: 1944. p.14.

O que o seu Museu precisaria seria um Zoologo de competencia e um preparador habil. Taes profissionaes não se encontram no paiz devendo ser chamados de fôra em este ponto lhe poderia ser util. (...) V.S. deve saber que se por ventura quizesse dedicar-se a um ramo da Zoologia, como por exemplo Ornithologia, só com trabalho continuo de muitos anos chegaria a conhecimentos regulares. Isto naturalmente só no caso de ser versado perfeitamente em linguas modernas, particularmente no inglez e no allemão e de dispor de boa e rica literatura. Como segundo toda probabilidade isto não lhe será possivel intendo que V.S. ha de restringir-se ao estudo da Anthropologia e á direcção do Museu fazendo o mais possivel para ganhar um ou outro auxiliar competente na sua especialidade.²⁷

Por esta carta percebe-se a importância que Hermann von Ihering dava aos ramos das ciências naturais, principalmente à zoologia, refletida no perfil do Museu Paulista, bem como a falta de pessoal brasileiro capacitado para as funções consideradas importantes nestes estabelecimentos.

Em 7 de setembro de 1922 foram abertas à visitação pública várias novas salas, constituindo uma seção da história paulista e nacional, com quadros como o famoso *Independência ou Morte!* de Pedro Américo, de forma que, além do Museu Paulista continuar a ser um espaço para estudos e pesquisas no campo das ciências naturais, criou uma seção histórica e foi recebendo acervo de livros, numismática, objetos de arte e de etnografia e iniciou, ainda,

²⁷ Correspondência pessoal de Romário Martins. Reserva Técnica do Museu Paraense. Documento manuscrito 888-29. (1906).

a edição dos *Anais do Museu*, publicação de consulta importante para os pesquisadores e estudiosos da história e da museologia.

Atualmente, o Museu Paulista também conhecido como Museu do Ipiranga, está incorporado à Universidade de São Paulo e, com o desmembramento dos acervos de arqueologia e etnologia para o Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, tornou-se um museu exclusivamente histórico.

1.5 - O Museu Paranaense: seus primeiros anos (1874 a 1902)

Dos meados do século XIX até as duas primeiras décadas do XX, eram comumente realizadas no Brasil exposições nacionais, uma forma de os governos provinciais mostrarem seus produtos e particularidades, funcionando também como preparação para as exposições universais nos países da Europa e nos Estados Unidos.

As primeiras exposições universais tiveram início em 1851, em Londres, e, a partir desta data, vários eventos foram organizados, com a participação do Brasil em alguns deles.

*As exposições universais, espécies de feiras anuais, onde máquinas, inventos, mercadorias de vários países industrializados eram expostas cada ano em uma parte do mundo, assumem, segundo Foot Hardman, um caráter de “exibição universal da civilização burguesa”.*²⁸

²⁸ BRANDÃO, op. cit., p. 22.

Na verdade, elas vieram a ser mais do que simples feiras ou mercados: serviam para estabelecer relações comerciais e industriais entre as nações, para difundir suas políticas, para exibir os progressos da indústria dos países – elas se constituíram em manifestações de todo um pensamento:

*Na mais condensada representação material do projeto capitalista do mundo. Reuniam, num mesmo espaço, representações das regiões em expansão (países europeus e Estados Unidos emergentes), das regiões sob pleno regime colonial e das regiões distantes (do ponto de vista imperialista), promissoras fontes de matérias-primas, como a América Latina. Uma verdadeira representação do mundo, tal como concebido pela filosofia dominante.*²⁹

No Brasil, para a organização das exposições nacionais formavam-se inicialmente comissões provinciais, encarregadas de coletar produtos de seus territórios e preparar todos os materiais para esses eventos que, depois de selecionados, iriam para as exposições em outros países.

O desembargador Agostinho Ermelino de Leão³⁰ e o médico

²⁹ BARBUY, Heloisa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: N. Série, v.4, p. 211, jan./dez. 1996.

³⁰ Agostinho Ermelino de Leão, fundador e primeiro diretor do Museu Paranaense, nasceu em Paranaguá, Paraná, em 1834. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, Pernambuco, exercendo vários cargos na administração pública, como juiz, chefe de polícia, desembargador, deputado provincial, vice-presidente das províncias da Bahia e do Paraná, tendo assumido a presidência desta última por algumas vezes. Foi um dos fundadores do Teatro São Teodoro, do Clube Curitibano e da Sociedade de Aclimação Paranaense. Participou das comissões organizadoras do Paraná para as exposições de Paris, de Viena e da Filadélfia. Recebeu comendas de Oficial da Ordem da Rosa, do Cruzeiro e de Cristo, comprovando o prestígio que tinha junto ao Império. Faleceu em 1901.

José Cândido da Silva Murici³¹ foram dois integrantes destas comissões organizadoras das exposições na província do Paraná. Com as finalidades de dar um destino à grande variedade de produtos devolvidos quando terminavam as já mencionadas exposições, de coletar amostras da produção agrícola e industrial da província e de expor e difundir as riquezas do Paraná, eles fizeram ao presidente de província do Paraná, Francisco José Cardoso de Araujo Abranches, a proposta de criação de um museu e de um jardim de aclimação em Curitiba, em 1874.

Nesse ano, entretanto, eles estavam bastante envolvidos com a exposição provincial, preparatória para a nacional, que, por sua vez, selecionaria os expositores brasileiros que representariam o Brasil na Exposição da Filadélfia, em 1876.

Foi em 1875 que o presidente da província Adolpho Lamenha Lins, por decreto, nomeou uma comissão constituída por Agostinho Ermelino de Leão, José Cândido da Silva Murici e o engenheiro André Braz Chalréo Junior para tratar da fundação

³¹ José Cândido da Silva Murici nasceu em Salvador, Bahia, em 1827. Formou-se em Medicina pela Faculdade da Bahia e veio nomeado vacinador para o Paraná, no mesmo ano da instalação da província, em 1853. Foi deputado provincial de 1864 a 1869, autor dos Catálogos das Exposições: Provincial, de 1866, de Córdoba, de 1871 e dos Estados Unidos, de 1872, recebendo menções honrosas nas exposições do Rio de Janeiro e de Paris e condecorações da Ordem da Rosa, de Cristo e de São Bento de Aviz, no Brasil; a Ordem de Cristo, de Portugal e a Ordem da Coroa, da Alemanha. Além de exercer a medicina, possuía grande interesse e conhecimento em botânica e foi eleito Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba e o idealizador da construção de um hospital. Seu nome foi dado a um dos núcleos coloniais criados na então província. Faleceu em 1879.

e instalação deste museu. Criou-se, então, primeiramente, a “Sociedade da Aclimação”, como parte do projeto que previa a criação do museu e que passou a funcionar, inclusive, em uma das salas do prédio destinado à futura instituição.

Existe um diploma no Museu Paranaense, referente à Exposição Nacional de 1875, conferindo ao “Museu de Curitiba” uma menção honrosa pelos minerais que exibiu nesta ocasião, no Rio de Janeiro.



Figura 1 - Diploma de “Menção Honrosa ao Museu de Curitiba”, 1875. Acervo do Museu Paranaense.

Por esse documento, verifica-se que antes mesmo de ter sido criado oficialmente, o museu participava de exposições sob o nome de “Museu de Curitiba”, como nesta Exposição Nacional, prévia para a Exposição da Filadélfia, na qual foi premiado pela apresentação de um exemplo de riqueza natural paranaense, ganhando uma menção honrosa, “pelo ouro em veios e rochas fedspathas”.

A proposta da Sociedade da Aclimação era “a introdução, aclimação, domesticação, propagação e melhoramentos das espécies, raças ou variedades de animais ou vegetais, quer suscetíveis de emprego útil, quer de simples acessórios de ornamento”.³²

Segundo o próprio presidente da província, Lamenha Lins:

“Nenhuma provincia do imperio offerece melhores condições para a criação de uma associação de aclimação, do que a do Paraná.”

“A variedade de seu clima, a uberdade do solo, sua topographia toda especial, proporcionam-lhe a vantagem de poder acclimar animaes e vegetaes uteis de todos os paizes.”

*“Em uma provincia essencialmente agricola e creadora como esta, é desnecessario demonstrar a utilidade de uma associação cujo fim concorre poderosamente para o desenvolvimento da agricultura, melhoramento das raças e animação á lucrativas industrias.”*³³

³² DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, 13 de outubro de 1875.

³³ PARANÁ. Presidente de Província (1875-1877: Lamenha Lins). **Relatorio apresentado à Assembléa Legislativa do Paraná, no dia 15 de fevereiro de 1876 pelo Presidente de Provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolpho Lamenha Lins.** Curityba: Typ. Da Viuva Lopes, 1876, p. 106.

Um ano depois, em 25 de setembro de 1876, o Museu Paranaense foi inaugurado após uma reforma no edifício do antigo Mercado Municipal, em um modesto prédio no largo Conselheiro Zacarias, como mostra a figura 2.

Era uma instituição particular, conhecida como Museu de Curitiba ou, ainda, Museu da Capital, sendo que Agostinho Ermelino de Leão e José Cândido da Silva Murici assumiram sua direção sem nenhuma remuneração. Com o falecimento deste último, em 1879, coube a Ermelino de Leão prosseguir como diretor, sendo o responsável pelo recebimento de doações.



Figura 2 - Primeira sede do Museu Paranaense, no prédio do antigo mercado, no largo Conselheiro Zacarias, em Curitiba, século XIX, em ilustração de Rodolfo Doubek, por ocasião do centenário do Museu. Acervo do Museu Paranaense.

No ano de 1880, por ocasião da visita de D. Pedro II à província, o imperador e a sua comitiva visitaram o museu, acompanhados pelo diretor, e registraram seus nomes no livro de visitantes. O imperador fez, na época, doações de alguns objetos ao museu e criticou a falta de um catálogo do acervo em exposição.

Segundo José Loureiro Fernandes:

*Na vida social da Capital da província, desempenhou o Museu por muito tempo papel preponderante. O seu recinto era o local escolhido para a entrega oficial de prêmios, quer escolares, conferidos pelo Govêrno, quer de exposições nacionais e estrangeiras, conferidos pelos respectivos juris.*³⁴

Foi no Museu Paranaense que a princesa Isabel distribuiu, em dezembro de 1884, na data do aniversário de Dom Pedro II, os prêmios aos paranaenses nas exposições do Rio de Janeiro e da Filadélfia, quando o Visconde de Nacar aproveitou para libertar seus últimos escravos.³⁵

Mesmo como instituição particular, frequentemente o museu era auxiliado pelo governo provincial e pela população, pois como outras instituições semelhantes, sofria com a falta de verbas, de espaço adequado para as suas instalações e com a situação do edifício, localizado em lugar úmido, às margens do rio Ivo.

³⁴ FERNANDES, J. Loureiro. **Museu Paranaense**: resenha histórica, 1876-1936. Curitiba: Museu Paranaense, 1936, p. 3.

³⁵ CARNEIRO, David. Efemérides Paranaenses. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v. XXXI, p. 289, 1976.

Foram feitas ampliações no prédio, com a ajuda do povo, através de loterias e doações particulares, o que possibilitou:

*Concluir o lance do edifício, dotando-o de um novo e espaçoso salão, sem tornar as obras pesadas ao erário provincial. As festas populares e os donativos particulares forneceram os recursos para a construção, e pequena foi a importância retirada da Thesouraria para este mister.*³⁶

O museu participou da Exposição Antropológica Brasileira, realizada do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1882, resultando na publicação de um catálogo dos objetos remetidos à exposição e anexos com trabalhos linguísticos e etnográficos de Telêmaco Borba e de Frei Luiz de Cemitille. Neste mesmo ano, passou a pertencer à província do Paraná, pelo ato n° 393 do Governo Provincial de Carlos Augusto de Carvalho, com o nome de Museu Paranaense e teve, então, seu primeiro regulamento aprovado.³⁷

Esse documento tinha por objetivo regulamentar as normas do museu: suas finalidades, dias e horários de funcionamento, auxílios financeiros, critérios para nomeação dos recursos humanos e suas respectivas funções.

Dessa forma, o Museu Paranaense foi estabelecido em um prédio próprio provincial e destinado a reunir e conservar sob sua guarda, devidamente classificados, os produtos naturais e industriais que interessassem ao estudo da história natural ou que mostrassem as riquezas da província e quaisquer curiosidades em geral.

³⁶ LEÃO, Agostinho Ermelino de. **Guia do Museu Paranaense**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1900, p. 4.

³⁷ O conteúdo deste regulamento encontra-se no Anexo I, tendo sido mantida a grafia original.

Seria dividido em quatro seções: 1ª: antropologia, zoologia e paleontologia animal; 2ª: botânica em geral e paleontologia vegetal; 3ª: mineralogia e geologia e 4ª: arqueologia, etnografia e numismática.

Numa análise da divisão interna da instituição pode-se perceber que esta se enquadrava como um museu de história natural e de “gabinete de curiosidades” e que, se não era ainda preocupação de seu diretor estabelecer critérios para expor o acervo do Museu Paranaense, já se notava, porém, a intenção da exibição de riquezas naturais da província, ao lado da variedade de objetos curiosos, aos olhos do público.

As finalidades de um estabelecimento cultural como o museu não eram bem explicitadas, mesmo Ermelino de Leão julgando que elas estavam suficientemente claras para toda a população, como afirmou:

Estabelecimentos identicos ao que tenho a honra de dirigir não necessitam que se demonstre a sua utilidade. Ninguem ignora quão grandes, quão salutaes proventos são os que delles se pode tirar, facilitando, no nosso meio, o estudo tão descuidado das sciencias naturaes, patenteando mesmo aos olhos menos observadores, uteis ensinamentos, quer quanto a este como a outros ramos do saber humano, e abrindo as portas, como já tenho feito, a estabelecimentos escolares para ahi realizaram lições.³⁸

³⁸ PARANÁ. Governador do Estado (1892-1896: Xavier da Silva). **Relatorio apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, Governador do Estado do Paraná pelo Secretario de Negocios do Interior, Justiça e Instrucção Publica Caetano Alberto Munhoz, em 31 de agosto de 1895.** Curitiba: Typ. e Lith. a vapor da Companhia Impressora Paranaense, 1895.

A ideia básica era de que o museu fosse uma instituição voltada às ciências naturais e com alguma função pedagógica, já que era acessível à visitação pública e às escolas. O estabelecimento ficava aberto ao público aos domingos e dias santos, das 10 às 16 horas e, excepcionalmente, com a devida autorização do diretor.

O pessoal que trabalhava na instituição era constituído pelo diretor, por um secretário e por um porteiro, também com funções de servente. É interessante salientar como as atividades do diretor refletiam o seu pleno poder frente à instituição, pois, além das funções burocráticas, ele também era encarregado em promover relações entre o museu e estabelecimentos análogos, em indicar nomes para pessoas que julgasse merecedoras do título de benemérito do museu e, ainda, em promover o ensino das ciências físicas e naturais, através de conferências e cursos realizados na instituição.

Também quanto aos recursos financeiros, o diretor poderia fundar uma associação que ganhasse os auxílios do governo e receber doações que, quando julgasse “donativos de importância”, teria o nome do doador exposto no museu.

Em 1886, a Biblioteca Pública passou a funcionar na sala de honra do prédio do museu e, como o desembargador Ermelino de Leão foi desempenhar outra função na Bahia, o comendador Manoel Ricardo Carneiro, a partir deste ano, ficou sendo diretor do Museu Paranaense e da Biblioteca.

No período da direção deste último, de 1886 a 1892, o museu esteve em meio às indefinições geradas pela mudança de regime de governo:

*O progresso do Museu estacionou; é bem verdade que êsse período abrange os anos que imediatamente antecedem e sucedem à proclamação da República, anos nos quais, com o recrudescer dos ideais abolicionistas e republicanos e a súbita mudança de regime, criou-se no ambiente social da província um clima pouco propício para a vida de instituições como o Museu.*³⁹

Ao retornar à província, Ermelino de Leão reassumiu a direção da instituição, em 1892, recebendo muitas doações e se envolvendo com a transferência do museu para outra sede, no antigo Paço da Assembleia Provincial, à travessa da Assembleia, atual rua Cândido Lopes, no centro de Curitiba, onde foi reaberto à visitação pública em 1900. No pátio deste prédio foi organizado um pequeno parque zoológico, com alguns mamíferos, aves e répteis, cerca de 40 animais.

³⁹ FERNANDES, J. Loureiro e NUNES, Marília Duarte. **Oitenta anos de vida do Museu Paranaense**. Edição comemorativa. Curitiba: Museu Paranaense, 1956. p. 7.

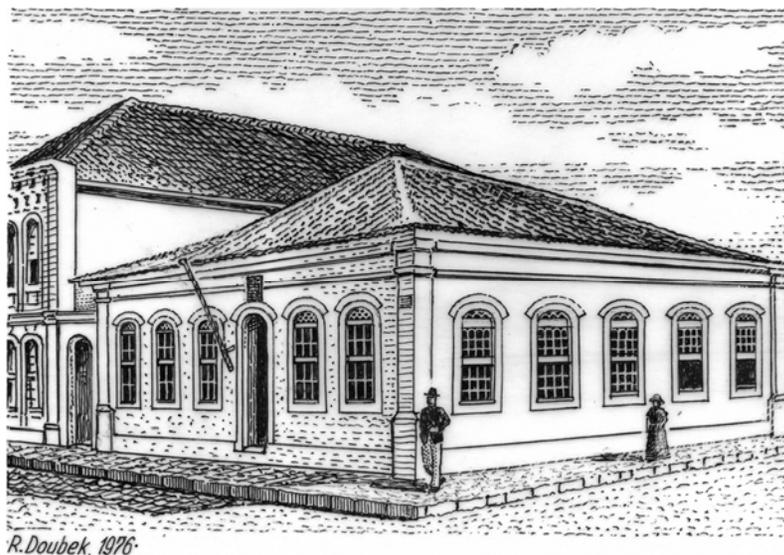


Figura 3 - Segunda sede do Museu Paranaense, na Assembleia Provincial, na esquina das atuais ruas Dr. Murici e Cândido Lopes, centro de Curitiba, de 1900 a 1913. Acervo do Museu Paranaense.

Nessa época, o acervo do museu era constituído por objetos inanimados e animais, vivos e empalhados, e as exposições mostravam as riquezas da terra e o que dela era extraído, como amostras de minerais e de produtos da flora paranaense. Assim, já nos seus anos iniciais, o museu foi se tornando, através das suas exposições, um espaço para a divulgação e valorização das riquezas do Paraná.

Após a inauguração da nova sede, mostrada na ilustração, Agostinho Ermelino de Leão publicou o *Guia do Museu Paranaense* para orientar os visitantes a percorrerem as seções e nele fez um relato da história do museu comentando:

Desde logo a sympathia e o interesse do publico pelo estabelecimento se manifestaram, traduzindo-se em numerosas dadivas de objectos interessantes e raros, que vinham enriquecer seos mostruarios, ao mesmo tempo que tornavam acanhadas as proporções do compartimento que lhe era reservado.⁴⁰

Por esta publicação pode-se ter ideia das várias seções do museu e dos objetos nelas expostos: na entrada, os corredores com trabalhos litográficos da Impressora Paranaense e a seção de arqueologia, com objetos indígenas e arqueológicos, alguns provenientes dos sambaquis; depois o salão de honra, com vitrines contendo retratos de políticos e objetos antigos e históricos de autoridades e personagens considerados importantes, além de exemplares relacionados às ciências naturais; em seguida, as seções mineralógica, numismática e a sala da monarquia e da revolução, com quadros a óleo de Dom Pedro II e objetos variados, relativos à Revolução Federalista e, por fim, o jardim zoológico, que funcionava no pátio contíguo ao museu.

Constituíram, ainda, doações para o museu nesses anos do início do século XX, anunciadas no jornal *A Republica*, juntamente com o nome dos doadores, muitas medalhas, moedas e papel moeda, armas de fogo antigas, animais para o zoológico e amostras de minerais.

⁴⁰ LEÃO, op. cit., p. 3.

É oportuno salientar a importância deste registro de doações feito pela imprensa, pois o fato de doar algo ao museu significava juntar o próprio nome do doador ao monumento e, dessa maneira, seu nome ficaria perpetuado. Neste aspecto, são importantes as observações de Le Goff ao afirmar que “o monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva)”⁴¹ e os doadores tinham essa intenção de inscrever seus nomes na história do museu.

Nos estudos dos outros museus brasileiros desse período analisados anteriormente, observa-se que doação de objetos era uma forma usual e importante de ampliação dos seus acervos e esse procedimento adquiria grande significação, o mesmo acontecendo no Museu Paranaense.

As ofertas de animais feitas para o zoológico apareciam na imprensa com as suas respectivas denominações científicas, na intenção de mostrar que a seção zoológica do museu era voltada também para estudos científicos de história natural.

O museu servia, ainda, como um espaço para reuniões de membros de comissões organizadoras das diversas exposições que aconteciam na cidade ou preparatórias para as de outros locais, bem como para palestras em seu salão e, às vezes, para apresentação de bandas musicais, como uma composta por operários da cidade que lá tocou.

⁴¹ LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: ROMANO, R. (dir.) **Enciclopédia Einaudi**, v.1, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983. p. 95.

Essa instituição instalou-se e sobreviveu nestes anos iniciais graças à atuação de um dos seus idealizadores e primeiro diretor, Ermelino de Leão, que aceitava todos os tipos de doações, sem preocupação com critérios para as aquisições ou com a seleção de objetos.

Esse diretor também se preocupava com consertos e reformas no prédio, alertando para a conveniência de se mudar o museu para um local mais apropriado. Recebia visitantes ilustres, representando a instituição que, nesta época, estava ligada à Secretaria de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública.

Como acontecia em outras instituições culturais brasileiras, encontrava dificuldade para contar com profissionais que pudessem realizar a classificação científica das coleções.

Em 1900, Bernardo A. da Veiga ficou interinamente no cargo de diretor do museu durante a ausência de Ermelino de Leão, por motivo de doença. Com a morte deste último, em 1901, o seu filho, o historiador Ermelino Agostinho de Leão passou a dirigir este estabelecimento, por pouco tempo, nos anos de 1901 e 1902 e, após solicitar sua exoneração, foi substituído por Romário Martins, que permaneceu até 1928 na direção do museu.

2

PARANÁ: A JOVEM PROVÍNCIA EM BUSCA DE SUA IDENTIDADE

Pode-se considerar que a identidade paranaense começou a ser construída no processo de emancipação política e territorial da Quinta Comarca da Província de São Paulo, no decorrer do século XIX, quando, ao se procurar subsídios para a criação da nova província, as argumentações apoiavam-se nas diferentes características da então comarca com o território de São Paulo, ressaltando-se a qualidade da terra, do clima e os seus produtos típicos, como a erva-mate e o pinheiro.⁴²

Na época em que se deu a emancipação e a instalação da nova província e durante o período provincial, a economia paranaense esteve baseada fundamentalmente na extração, industrialização e exportação da erva-mate, ao lado de atividades como o comércio de gado e a exploração da madeira.⁴³

Em consequência da produção do mate em larga escala, surgiu, como afirma Francisco Magalhães Filho, a chamada “burguesia industrial”,⁴⁴ responsável pela transformação e organização da sociedade paranaense.

⁴² TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Paranidade ou Paranismo? A construção de uma identidade regional. **Revista da SBPH**. Curitiba, n.13, p. 65-74, 1997.

⁴³ Há uma vasta produção bibliográfica sobre a erva-mate no Paraná. No livro **Semeando iras rumo ao progresso**, Magnus Roberto de Mello Pereira aborda questões relacionadas à indústria ervateira no Paraná.

⁴⁴ MAGALHÃES FILHO, Francisco. Evolução histórica da economia paranaense. **Revista paranaense do desenvolvimento**. Curitiba, v.28, n.31-52, p. 49, jan/fev. 1972.

Foram os burgueses do mate, justamente com os senhores dos Campos Gerais (tropeiros, comerciantes de gado), representantes da elite econômica e política da então comarca que, ao obterem a emancipação política e administrativa da província, constituíram oligarquias dominantes durante o período do Império.

Aos poucos, o grupo de comerciantes de gado foi perdendo a hegemonia para os proprietários dos engenhos que, em ascensão econômica, no apogeu da industrialização da erva-mate, buscavam a hegemonia política.

Com a província recém-emancipada, a preocupação do primeiro presidente nomeado, Zacarias Goés de Vasconcellos, bem como dos outros primeiros sucessores, foi quanto à sua organização e estruturação e, com estes objetivos, criaram-se repartições de serviços públicos, administrativos e jurídicos, organizaram-se escolas, construíram-se estradas, como a que ligaria Curitiba ao litoral, e várias outras obras, o que demandou mão de obra especializada, vinda de diversos lugares do país.

Entretanto, neste início da instalação da província, não havia apenas a premente necessidade da construção de obras que lhe permitissem uma infra-estrutura: era preciso a construção de um discurso que consolidasse esta jovem província, agora independente, enquanto uma nova unidade do Império. Neste processo de construção de uma identidade para o Paraná destacava-se a valorização dos elementos locais, do território paranaense e da história desta população.

Desde a segunda metade do século XIX, houve incentivo à vinda dos imigrantes europeus para o Brasil, já que fazia parte da política de colonização promovida pelo Império a ocupação do território, que só havia sido explorado no litoral.

No Paraná, o plano de colonização agrícola visava o desenvolvimento de uma agricultura de abastecimento e de ocupação das terras desocupadas, de maneira diferente do que ocorreu em São Paulo, por exemplo, onde a imigração foi voltada para a plantação do café.

Ocorreu uma verdadeira campanha para atrair a vinda de imigrantes europeus ao Paraná e aí, novamente, nota-se a propaganda de exaltação da natureza paranaense por parte dos políticos e intelectuais, mostrando esta província com o clima ameno e temperado, com a terra propícia para o cultivo da lavoura e população quase totalmente livre.

Vieram, então, grupos de imigrantes de várias nacionalidades para o Paraná: muitos portugueses, alemães, italianos, poloneses, ucranianos e também, em menor número, franceses, suíços, ingleses, holandeses, russos e austríacos se estabeleceram em colônias nos arredores de Curitiba e no planalto curitibano, trazendo mudanças no processo da produção agrícola e na sociedade paranaense.

A imigração do Paraná não teve por objetivo suprir a carência de mão de obra para a grande lavoura de exportação, mas sim, criar uma agricultura de abastecimento, uma vez que a economia da Província e

*depois Estado, em grande parte girava em torno da atividade ervateira e do comércio de gado. A par desta agricultura de abastecimento, a mão de obra imigrante foi demandada para a realização de grandes obras como a construção de estradas de ferro (principalmente a Curitiba-Paranaguá), a instalação de linhas telegráficas e outros serviços públicos.*⁴⁵

Com o apogeu da atividade da erva-mate, manifestou-se por parte da burguesia ervateira a preocupação com o espaço urbano paranaense e com um ambiente cultural, daí surgindo os primeiros jornais, as revistas e as escolas secundárias.

Foi, portanto, o crescimento de uma forte economia ervateira que propiciou o desenvolvimento urbano e cultural de Curitiba, de maneira que os idealizadores e fundadores do Museu Paranaense, representantes desta burguesia, tiveram grande influência na sociedade, criando estabelecimentos culturais, como o próprio museu.

De acordo com Bega: “no plano regional essa atividade foi de extrema importância à medida que fornece a base material para que uma série de manifestações culturais possa ocorrer”.⁴⁶

Foram criadas na capital paranaense várias instituições voltadas à cultura, à arte e à educação, como o Arquivo Público, em

⁴⁵ DE BONI, Maria Ignês. **O espetáculo visto do alto**; vigilância e punição em Curitiba (1890-1920). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, p. 8.

⁴⁶ BEGA, Maria Tarcisa S. **Sonho e invenção do Paraná**: geração simbolista e a construção de identidade regional. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP.

1855, a Biblioteca Pública, em 1857 (instalada em uma das salas da Inspetoria da Instrução e inaugurada oficialmente em 1859), a Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná, em 1866, o Museu Paranaense, em 1876, e algumas sociedades culturais e dramáticas, para a realização de bailes e apresentações teatrais, o que demonstrava um maior interesse com o desenvolvimento sociocultural da população.

2.1 - Curitiba: a cidade no início do século XX

Curitiba foi confirmada capital da nova província do Paraná pela Assembleia Provincial em 1854, principalmente pela sua localização mais central, dentro dos limites provinciais, do que Paranaguá ou Guarapuava, outras localidades que pretendiam esta indicação.

Era, então, apenas uma vila recém-elevada à categoria de cidade, com um comércio acanhado, péssimas instalações sanitárias, sem calçamento, arruamento, alinhamento das construções, iluminação pública ou estradas ligando a outros lugares.

Aos poucos, a cidade foi se transformando e, com a vinda de muitos imigrantes (alemães, inicialmente), houve um incremento no comércio e nos serviços em geral. Contava, no final do século XIX, com 93 estabelecimentos comerciais e alguns serviços, como ourives, afinadores de pianos, dentistas, alfaiates, professores de línguas, entre outros.

O contexto do início do século XX, em Curitiba, de acordo com vários estudos sobre o período, mostra uma época de grandes transformações. Eram cada vez mais evidentes os sinais de mudanças e de modernizações na cidade, que pouco se parecia com a pequena vila provincial de antes. No campo das ideias, o interesse girava em torno da urbanização e modernização da cidade, do progresso e da técnica.

Alguns intelectuais da época deixaram publicações com informações sobre a cidade, como, o historiador Rocha Pombo, em 1900, e, mais tarde, Romário Martins, em 1922, que deram seus testemunhos dos “sinais de progresso” de Curitiba.

*Preocupado em demonstrar a evolução da cidade em direção ao progresso, Romário Martins fará ainda o inventário das ruas, casas, prédios, lojas de comércio, oficinas, escolas, indústrias, jornais e tipografias de Curitiba. Informa a quantidade e descreve as características e peculiaridades de cada um destes itens que integram o quadro urbano, e as transformações e os incrementos que recebem desde a segunda metade do século XIX até 1931.*⁴⁷

Era preocupação da administração pública implementar a modernização e Curitiba, a exemplo de outras urbes maiores do país, passou por uma fase de reformas, buscando a reestruturação da cidade e resolução dos problemas de saneamento e urbanização.

⁴⁷ SZVARÇA, Décio. **O forjador**: ruínas de um mito. Romário Martins, 1893-1944. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, p. 82.

No que se refere a saneamento, cabiam aos médicos higienistas muitas funções, como eliminar odores e miasmas (transmissores de doenças), controlar epidemias, cuidar da saúde da população e orientá-la quanto aos hábitos de higiene, pois uma das preocupações era higienizar a cidade.

Higienizar implicava em drenar pântanos, alinhar e calçar ruas, retificar cursos de rios, instalar água encanada e rede de esgotos, arborizar praças, prevenir focos potenciais de enfermidades onde estivessem (prédios, fábricas, cemitérios), adotar medidas preventivas, como vacinas e, principalmente, combater hábitos anti-higiênicos. Em suma, ordenar o espaço, disciplinar usos, controlar e regular hábitos.⁴⁸

Quanto à questão da urbanização, houve projetos de modernização e embelezamento da cidade, com a abertura, pavimentação e calçamento de ruas, arborização, instalação de iluminação elétrica, limpeza pública, construção de edificações, expansão de fábricas e de locais de passeio, como praças e parques, além da abertura de espaços públicos, como os cafés e casas de espetáculo. Essa preocupação com a urbanização foi atenuada durante a Primeira Guerra Mundial, retomando-se mais tarde.

A cidade de Curitiba na época da Primeira República era, portanto, bastante diferente daquela do período provincial, agora com o alinhamento das ruas já macadamizadas, com as construções

⁴⁸ DE BONI, op. cit., p. 24-25.

da Igreja Matriz, do Hospital Santa Casa de Misericórdia, do Passeio Público, de prédios públicos, como o da Universidade do Paraná, de sobrados e de palacetes particulares, pertencentes aos burgueses do mate.

Na área dos transportes, notava-se a ampliação da rede ferroviária, a implantação das linhas de bondes com o sistema de tração elétrica e o aumento de automóveis em circulação, inclusive dos primeiros táxis, partindo da Praça Tiradentes:

*Vimos hoje, ao passar pela Praça Tiradentes, mais um testemunho dessa ancia progressista que já vai dominando nosso homens publicos, fazendo-os imitar esses grandes estadistas que se têm imposto pela energia e patriotismo. Mais uma medida que muito recomenda o genio empreendedor de quem a ideou e fel-a realidade, vem de conferir á nossa bella capital conceito lisongeiro relativo á sua civilização e adeantamento. Carros de praça á disposição do publico no coração da cidade, tornando rapida a comunicação entre todos os pontos da capital. É um melhoramento cujo alcance nos força a felicitar-mos o illustre prefeito interino snr. Romario Martins.*⁴⁹

O avanço tecnológico também se evidenciava com atrações dos cinematógrafos no parque de diversões Coliseu Curitibano,⁵⁰ os

⁴⁹ A REPUBLICA. Curitiba, 5 de outubro de 1907. p. 1.

⁵⁰ Angela Brandão, em seu livro **A fábrica de ilusões**, já citado, através de pesquisa na imprensa, conta a história deste parque de diversões em Curitiba como exemplo da valorização das máquinas e da técnica, do progresso técnico, da mecanização do trabalho, do tempo e do espaço da cidade e do lazer, no período do início do século XX.

fotógrafos, as máquinas exibidas nas muitas exposições agrícolas e preparatórias para as nacionais, e assim novidades se sucediam, como a subida dos primeiros balões e aeroplanos.

À medida que crescia e urbanizava-se, Curitiba passava a ter mais atividades na área cultural e foram abertas escolas de artes, música e pintura, com aulas ministradas por professores estrangeiros, surgiram grupos musicais, clubes e sociedades literárias, além do Museu e dos dois teatros:

“O Musêo que está sob a direcção do sr. dr. Ermelino de Leão, funciona no antigo edificio da Assembléa; possui ainda Corityba, dous theatros o São Theodoro e o Hauer, este particular, bem montados, espaçosos e confortaveis”.⁵¹

Neste período, um dos setores que também encontrou grande desenvolvimento foi o da imprensa: vários periódicos, jornais e revistas, nos quais a intelectualidade paranaense divulgava aspectos do cotidiano da cidade e as suas ideias e opiniões, ganharam novos recursos gráficos e a imprensa passou a se constituir em empresas mais sofisticadas, com o lançamento, por exemplo, de revistas ilustradas.

O surgimento de diversos clubes literários, grêmios e associações é comentado pelo escritor Nestor Vítor, ao descrever Curitiba no início do século XX:

⁵¹A REPUBLICA. Curitiba, 5 de janeiro de 1900. p. 1.

*Foram fundadas sociedades recreativas, desportivas, musicais, instrutivas, beneficentes, de beneficiência e recreio, comemorativas, de defesa de classe, de propaganda, de educação cívica, religiosa, etc. Só de grupos espíritas há organizados fatidicamente uns treze, temos sete lojas maçônicas.*⁵²

Após a pesquisa em vários trabalhos que apresentam a contextualização da cidade de Curitiba no período da Primeira República, o que se pode perceber é que houve, por parte dos historiadores, intelectuais, escritores da época, a intenção de construir e mostrar uma imagem de cidade idealizada, onde os projetos políticos visavam o desenvolvimento, a modernização, o progresso, enfim, a civilização de Curitiba.

Entretanto, ao lado dos projetos do governo para promover o progresso da cidade e dos discursos da elite da época, havia uma outra realidade, não descrita com tanta veemência: a dos habitantes na luta contra a pobreza, a carestia, o desemprego, a falta de moradia, as doenças e a violência policial.

A constância com que nos defrontamos com estas visões (de progresso, riqueza, orgulho de um povo civilizado e trabalhador) nos faz acreditar que não se tratavam de conclusões isoladas. Grande parte do pensamento dominante analisava deste modo e impunha tal análise para o conjunto da sociedade, como uma concepção única e verdadeira. Era uma

⁵² SANTOS, Nestor Vítor dos. **Terra do futuro**: impressões do Paraná. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. 2 ed., p. 126.

*forma de o discurso hegemônico impor sua concepção ideal de sociedade sem conflitos e sem contradições.*⁵³

Apesar do discurso pró-desenvolvimento por parte do governo e da elite paranaense, a insalubridade, as epidemias, o crescimento populacional que ocasionava a insuficiência de moradias, de empregos e de infraestrutura sanitária, os problemas de segurança pública e as tensões entre nacionais e imigrantes foram alguns dos muitos problemas desse período, que nos alertam para as contradições e conflitos vividos pela sociedade curitibana de então.

2.2 - Os movimentos da intelectualidade paranaense

Na cidade de Curitiba, o que se encontrava no início da República, na área das ideias, era um ambiente de debates sobre os mais variados assuntos. As discussões versavam sobre republicanismo, livre-pensamento, ocultismo, positivismo, patriotismo, nacionalismo, movimentos operários, simbolismo, neopitagorismo, maçonaria, espiritismo, paranismo e anticlericalismo. Esses mais diversos assuntos e diferentes modos de pensar eram difundidos por toda a parte, dividindo a opinião pública curitibana.

⁵³ RIBEIRO, Luiz Carlos. **Memória, trabalho e resistência em Curitiba** (1890-1920). São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado em História). 261 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 29.

A imprensa que então se aprimora é veículo dessa reflexão controversa. Nas páginas das revistas e jornais, dos almanaques, anuários e suplementos, o pensamento da cidade pulsa com raro vigor: “Diário da Tarde”, “Olho da Rua” e “Electra” são radicais e irreverentes; “Veritas” e “Estrela” transmitem o fervor católico; “Cenáculo” e “Esphyngé” são maçons; “Luz de Krotona” é neopitagórica; “A Doutrina” é espírita. Versando sobre uma variedade infinita de assuntos, os periódicos curitibanos do início do século discutem a República, repudiam os forasteiros e exaltam a Pátria: combatem ou defendem a religião; restringem ou exacerbam os preconceitos e a igualdade dos sexos; apregoam liberdades. Eles representam, em sua maioria, agremiações, sociedades, ligas, agências e outras formas de agrupamentos, que se disseminam pela cidade. Intelectuais das mais variadas origens compõem esses grupos, utilizando seus canais de divulgação.⁵⁴

Para o entendimento das funções do grupo de intelectuais paranaenses, pode-se considerar a explicação de Angel Rama ao tratar da “cidade letrada”, quando afirma que dentro da parte material e visível das cidades, havia outra, composta por um grupo social de letrados:

Para levar adiante o sistema ordenado da monarquia absoluta, para facilitar a hierarquização e concentração do poder, para cumprir sua missão civilizadora, acabou sendo

⁵⁴TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias**: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural, 1996. p. 105.

*indispensável para as cidades, que eram a sede de delegação dos poderes, que dispusessem de um grupo social especializado ao qual encomendar esses encargos.*⁵⁵

Esse grupo intelectual foi constituído durante longo tempo por religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e intelectuais, até que a laicização, que começou sua ação no século XVIII, fosse substituindo-os por intelectuais profissionais, que, na sua maioria, compunham o anel protetor do poder, o executor de suas ordens.

A força desse grupo de letrados pode ser percebida, de acordo com Rama, através de sua extraordinária longevidade, pois, constituído no último terço do século XVI, continuava atuante dois séculos depois. Existia uma relação complexa entre as instituições ou classes e os restritos grupos que exerciam as funções intelectuais, em contato imediato com o forçoso princípio institucionalizador que caracteriza qualquer poder.

Com excessiva frequência, veem-se nas análises marxistas os intelectuais como mero executantes dos mandatos das Instituições (quando não das classes) que os empregam, perdendo-se de vista sua peculiar função de produtores, enquanto consciências que elaboram mensagens, e, sobretudo, sua especificidade como desenhistas de modelos culturais, destinados à constituição de ideologias públicas. (...) um campo que lhe é próprio e que dominam, pelo qual se lhes reclama serviços, que consiste no exercício das

⁵⁵ RAMA, op. cit., p. 41.

*linguagens simbólicas da cultura. Não somente servem a um poder, como também são donos de um poder.*⁵⁶

No Paraná, alguns dos intelectuais da “cidade letrada” alcançaram proeminência pública, demonstrando suas capacidades a partir de suas funções específicas (donos das letras) e seu poder nas diversas instituições a que pertenceram: em colégios, universidades, institutos e museus, como foi, por exemplo, o caso de Romário Martins.

Na formação do pensamento da intelectualidade brasileira, entre os muitos movimentos existentes no início do século XX, é importante destacar alguns, que permitiram maior conhecimento do pensamento dos intelectuais paranaenses e primeiros diretores do Museu Paranaense: o nacionalismo, o positivismo, o simbolismo e o anticlericalismo. Estas formas de pensamento acabaram influenciando a atuação de alguns diretores do museu, principalmente a de Romário Martins.

O nacionalismo foi uma forte característica do período republicano, pois como não houve uma participação popular na proclamação da República no Brasil, surgiu a necessidade em legitimar e consolidar a nova forma de governo.

No Brasil, a questão do nacionalismo adquiriu um caráter distinto de outros países, talvez pela razão do próprio processo de emancipação nacional, ocorrido de forma diferente de outros locais.

⁵⁶ Idem, p. 47.

Nos países latino-americanos, por exemplo, a independência se deu através de lutas, houve uma articulação e participação popular, inclusive de escravos, com força para expulsar o colonizador.

Aqui, continuou-se com a monarquia, sendo o rei português, e não aconteceu uma mobilização popular pela independência, que se deu em 1822.

É conhecida a frase com a qual o viajante francês Saint-Hilaire expressou sua impressão sobre o Brasil, ao visitá-lo, entre 1816 e 1822: “Havia um país chamado Brasil, mas absolutamente não havia brasileiros”. Esta foi uma característica notada desde o período do Império e que iria perdurar até o período inicial da República.

Era preciso criar uma ideia de homem brasileiro, de povo brasileiro, no interior de um projeto de nação brasileira.

O que o Brasil queria ser? Eis a primeira questão da identidade. A resposta de quem podia responder então, isto é, as elites brancas que fizeram a independência: o Brasil queria continuar a história que os portugueses fizeram na colônia. A identidade da nova nação não se assentaria sobre a ruptura com a civilização portuguesa; a ruptura seria somente política.⁵⁷

Houve, portanto, uma preocupação com a construção da imagem do país e para esta tarefa o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi criado, em 1838. No discurso da inauguração desta

⁵⁷ REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Editora Fund. Getúlio Vargas, 1999. p. 31.

instituição, seus objetivos foram declarados: “Além do desejo de fundar uma historiografia nacional e original, há a intenção de não só ensinar e divulgar conhecimentos, como formular uma história que, a exemplo dos demais modelos europeus, se dedicasse à exaltação e glória da pátria”.⁵⁸

Destacou-se, como salienta Francisco Paz, a necessidade de conjugar os esforços dos brasileiros na elaboração de uma verdadeira história geral do Brasil, caracterizada pela busca da gênese da nação, pelo ideal de progresso e pelo entendimento da natureza como elemento definidor da unidade natural da pátria, diante da falta de uma unidade cultural. Era preciso reunir e organizar os elementos históricos dispersos pelas províncias e destacar os feitos dos grandes homens, pois eles eram apontados como exemplo às gerações futuras.⁵⁹

O passado do Brasil era lembrado de forma enaltecida em um discurso que conjugava a história com o nacionalismo, com a exaltação da natureza e das riquezas naturais brasileiras, com os índios representados de forma romântica e com a realeza como um governo acima de qualquer instituição. A escravidão era propositalmente esquecida desta história, apesar de a mão de obra escrava ter sido um recurso tão importante para o desenvolvimento da economia e tão longamente explorada.

⁵⁸ SCHWARCZ, op. cit., p. 102.

⁵⁹ PAZ, Francisco Moraes. **Na poética da História**: a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba, 1995. 563 f. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. p. 316.

Segundo José Murilo de Carvalho,⁶⁰ ao tratar do imaginário da República no Brasil, a ideologia é o instrumento clássico de legitimação de regimes políticos no mundo moderno. No país havia, então, três correntes ideológicas na disputa pela natureza deste novo regime: o liberalismo à americana, o jacobinismo à francesa e o positivismo. Em suas diferentes visões e pensamentos sobre a República estes grupos se utilizaram de discursos nacionalistas para que se obtivesse um maior envolvimento da população na vida política da nação. Nesta luta ideológica, empregaram instrumentos como imagens, alegorias, símbolos, rituais e mitos (alguns com inspiração na República Francesa), sinais importantes na construção de uma imagem nacional e de um novo conjunto de valores sociais e políticos.

Nesse período era necessário inculcar na população um sentimento de comunidade, de identidade nacional, buscar-se uma identidade coletiva no país, pois, apesar da presença de alguns elementos que fazem parte de uma identidade nacional, como a unidade da língua, da religião e da política, não existia um sentimento nacional no Brasil e, de acordo, com Paz: “O sentimento de pertencimento nacional somente ocorre quando diferentes homens compartilham de uma mesma cultura, isto é, de um mesmo sistema de ideias, signos e associações. Ainda, quando se reconhecem como pertencentes à mesma nação.”⁶¹

Alguns símbolos já se tornaram tradicionalmente identificação oficial dos países, como a bandeira e o hino. Da mesma forma, no

⁶⁰ CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

⁶¹ PAZ, op. cit., p. 109.

Brasil, a criação destes dois símbolos foi disputada pelos ideólogos da República. A bandeira nacional, com a divisa Ordem e Progresso, tinha uma concepção positivista e a música do hino nacional – a letra foi alterada – permaneceu a mesma da época do Império, numa escolha feita pelo povo.

Apesar do empenho por parte do governo, de intelectuais e de artistas para a legitimidade do novo regime por meio da construção de estátuas, de monumentos, do mito do herói republicano, na figura de Tiradentes, dos quadros, da literatura, dos selos, das medalhas e das moedas, não se criou um imaginário popular republicano capaz de gerar uma identidade nacional para o povo brasileiro.

Nesse contexto do Brasil República, além da busca por uma identidade coletiva para o país, procurava-se a construção de identidades regionais, através da criação de símbolos, de mitos e de discursos que exaltassem as especificidades dos estados.

*Além de toda uma engenharia política montada para a construção de uma imagem de República, o federalismo e a descentralização abrem espaço para construção de identidades regionais, a maior parte seguindo a mesma esteira de construção de uma nova ideia de Nação, agora não mais relacionada a questões de Meio e Raça, mas vinculada a uma ideia de ciência e técnica, de modernidade e indústria, de inserção em um modelo econômico.*⁶²

⁶² PEREIRA, Luis Fernando Lopes. **Paranismo**: cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba, 1996. 215 f. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, p. 49.

No Paraná não foi diferente: também se tentou construir uma identidade própria, pois o estado era, ainda, considerado como território de passagem, devido ao caminho das tropas do Rio Grande do Sul a São Paulo e Minas Gerais, no século XVIII.

Em Curitiba, particularmente, é preciso salientar que houve certa dificuldade na imposição de ideologia republicana brasileira, devido ao nacionalismo étnico dos vários grupos de imigrantes, que moravam nas colônias, nos arredores da cidade ou mesmo na área urbana e tentavam manter suas línguas, religiões, tradições e culturas de origem:

*Nesse momento em que o nacionalismo brasileiro ganha um impulso e características especiais, vai ao seu encontro a reação da ideologia étnica dos grupos imigrantes que se constrói em oposição a este nacionalismo e com uma retórica etnocêntrica e muito ligada aos países de origem.*⁶³

Na área cultural houve conflitos com italianos e alemães e pressões para a ocupação de espaços da área urbana. Diante das tensões geradas pelos diferentes hábitos culturais dos brasileiros com os imigrantes, que buscavam a preservação de seus costumes nas mais diversas formas, foram criadas sociedades e organizações com diversos objetivos, como clubes de lazer, bibliotecas, grupos de dança, música e teatro, publicadas revistas e jornais em alemão, italiano ou polonês, ou ainda, frequentadas escolas onde os professores ministravam as aulas em seu idioma natal.

⁶³ TRINDADE, op. cit., p. 184.

Outra forma de pensamento do período republicano brasileiro, a partir de meados do século XIX, foi o positivismo, sistema filosófico formulado pelo francês Augusto Comte, de uma proposta de reforma social, que conciliava elementos conservadores, como a defesa da ordem, com ideais progressistas ou liberais, como a necessidade da civilização e do progresso.

Daí o famoso lema do positivismo comtiano: “o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”.

(...) A reforma que (Comte) defende pressupõe, por sua vez, a reforma do saber, já que a sociedade se caracteriza exatamente pela etapa de desenvolvimento espiritual que atingiu. O termo “positivismo” deriva da lei dos três estados que Comte formula em sua teoria da história, designando as características globais da humanidade em seus períodos históricos básicos: o teológico, o metafísico e o positivo. A característica essencial do estado positivo é ter atingido a ciência, quando o espírito supera toda a especulação e toda a transcendência, definindo-se pela verificação e comprovação das leis que se originam na experiência.⁶⁴

Segundo a versão positivista, a República marcaria o início da transição para o período positivo e, portanto, a monarquia, correspondendo à fase anterior (período metafísico), deveria ser superada em nome do progresso. A República seria uma verdadeira

⁶⁴ JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 48.

comunidade, extensão da própria família – a mátria, ao invés da pátria, numa exaltação ao papel da mulher na sociedade.

Eram propostas dos positivistas: a separação entre Igreja e Estado, a organização deste com um Executivo forte e intervencionista, uma política social implementada pelo Estado e a incorporação do proletariado à sociedade moderna.

No Brasil, bem como no Paraná, a influência positivista foi significativa, pois seus partidários constituíam um grupo ativo com uma doutrina própria e concepções definidas sobre os meios políticos que deveriam ser adotados no país para aplicar as reformas indicadas por Comte e consolidar o regime republicano.

Para disseminar suas ideias utilizavam a palavra escrita (jornais, livros e publicações), falada (conferências públicas) e os símbolos cívicos (bandeira, representação da pátria através da figura feminina, estátuas, monumentos, datas comemorativas). Da mesma maneira, o espaço dos museus, através das exposições, que se constituíram em eventos para promover a interação entre a população e os ideais de civilização, de ordem e de progresso, caros ao positivismo.

*Em vez de uma simples filosofia ou uma filosofia da história, o positivismo comptiano evoluiu na direção de uma religião da humanidade, com sua teologia, seus rituais, sua hagiografia. Pretendendo ser uma concepção laica, fundia o religioso com o cívico, ou melhor, o cívico se tornava religioso. Os santos da nova religião eram os grandes homens da humanidade, os rituais eram festas cívicas, a teologia era sua filosofia e política, os novos sacerdotes eram os positivistas.*⁶⁵

Numa análise sobre a ação positivista no Brasil, pode-se considerá-la como vitoriosa em certos objetivos, porém derrotada em muitos outros: “sua inspiração em uma filosofia em muitos pontos alheia à cultura nacional, de um lado, e sua ênfase no valor da tradição de outro, contribuíram para que a sua ação fosse um misto de êxitos e fracassos”.⁶⁶

No Paraná, Romário Martins, João Pernetá, Nilo Cairo da Silva e outros pensadores partilhavam as concepções do movimento positivista, que teve boa aceitação por parte dos republicanos paranaenses, manifestada pelo apoio no tipo de república que esperavam para o país, com um Executivo forte e intervencionista, pelo bem da sociedade e da modernização do Brasil.

O jornal *A Republica*, órgão do Partido Republicano Federal, era responsável pela divulgação das ideias deste partido no Paraná e, ao seguir os princípios positivistas, os republicanos paranaenses

⁶⁵ CARVALHO, op. cit., p. 130.

⁶⁶ Idem, p. 15.

acreditaram na nova forma de governo, criando uma espécie de religião cívica, como se os grandes homens e personagens da história fossem os santos e os rituais se constituíssem nas festas cívicas.

Outro movimento marcante da época, de origem literária, foi o simbolismo, que nasceu na Europa e chegou ao Brasil no final do século XIX, sendo que “os simbolistas paranaenses caracterizaram-se pela postura anticlerical e positivista, pregando a separação entre a Igreja e o Estado”.⁶⁷

O movimento literário simbolista do Paraná é reconhecido como um dos mais importantes do país, muito atuante e produtivo neste estado e permanecendo por mais tempo que o existente no plano nacional, até a década de 1920. Tendo sido iniciado por João Itiberê da Cunha, contou com representantes conhecidos como Emiliano Pernetta, Nestor Vítor, Dario Velloso, Júlio Pernetta, Silveira Neto, Leite Júnior, Domingos do Nascimento, Romário Martins, entre outros, que se constituíram em um grupo literário expressivo e duradouro de simbolistas, “considerados como fundadores da literatura paranaense, enquanto uma forma organizada de expressão de uma geração”.⁶⁸

⁶⁷ KERSTEN, op. cit., p. 112.

⁶⁸ BEGA, op. cit., p. 7. Em sua tese a autora fez um estudo sociológico das condições que permitiram o surgimento, a realimentação e a sobrevivência do simbolismo no Paraná, até os anos 30 do século XX e apresenta um quadro dos simbolistas paranaenses, por ordem de nascimento: Rocha Pombo, Domingos do Nascimento, Leôncio Correia, Emiliano Pernetta, Nestor de Castro, Nestor Vítor, Dario Velloso, Júlio Pernetta, João Itiberê da Cunha, Ricardo de Lemos, Silveira Neto, Santa Rita, Romário Martins, Leocádio Cysneiros Correia, Tiago Peixoto, Leite Júnior, Ismael Martins, Euclides Bandeira, José Gelbecke, Aristides França, Adolfo Werneck.

Os simbolistas tiveram a imprensa como veículo de disseminação de suas ideias, entre elas o abolicionismo, o republicanism, o nacionalismo, o anticlericalismo e a maçonaria. Publicaram algumas revistas, como *Club Curitibano*, *O Sapo*, *O Cenáculo*, (surgida em 1895, apesar de ter sido editada por apenas quatro anos, é considerada a mais representativa do movimento) e, posteriormente, a *Fanal*, esta última perdurando até pouco antes da Semana de Arte Moderna, de 1922.

Romário Martins, entre suas atividades como intelectual, foi responsável pela organização e gerência de veículos de divulgação artística e literária, tendo criado quatro revistas simbolistas (*Galáxia*, *Breviário*, *A Penna* e *Turris Eburne*) e duas de arte e variedades (*Álbum* e *Caras e Carrancas*).

No início de sua carreira como escritor produziu três livros não historiográficos: *Vozes Íntimas*, *Noites e Alvoradas* e *Ruínas*, este último em prosa poética, com traços que o aproximava ao movimento simbolista. Deixou, ainda, entre seus papéis, o esboço de outra obra sob o título de *Outrora*, do mesmo gênero de *Ruínas*.

Segundo o crítico literário Andrade Muricy, Romário Martins não chegou a se realizar no movimento simbolista, já que o seu campo era o da história e dos problemas sociais e econômicos, conservando-se um descritivo, apegado ao seu meio e à sua terra.

No entanto, Romário cultivava amizades com poetas simbolistas, sendo inegável a influência desse movimento no seu discurso simbólico sobre o estado do Paraná e na sua própria visão de mundo, o que se refletiria na condução como diretor do Museu Paranaense.

Contudo, talvez, o traço mais marcante que o período simbolista deixou na produção intelectual de Romário Martins tenha sido uma combinação de nacionalismo - com a procura de uma alma nacional e estabelecimento da psicologia e das virtudes morais do povo - por um lado, e por outro, a necessidade de civilizar o país, no sentido da civilização europeia.⁶⁹

Outra forma de pensamento que esteve presente não apenas nas obras literárias dos simbolistas e na imprensa periódica, mas também permeou toda a sociedade paranaense no período da Primeira República, foi o anticlericalismo – conjunto de ideias contra o clero da Igreja Católica e a interferência do poder eclesiástico e da religião na sociedade civil e no Estado.

O movimento anticlerical visava alguns pontos fundamentais: a separação entre o Estado leigo e a Igreja Católica, entre política e religião, reduzindo a Igreja à esfera privada, e a separação entre o ensino laico do religioso, em defesa do individualismo, da liberdade de consciência e de culto e de autonomia moral.

Com o propósito de atingir esses objetivos, os anticlericais pretendiam a expropriação dos bens eclesiásticos; a proibição das ordens religiosas; a instituição do matrimônio civil, em oposição ao controle religioso da família, e a reforma no ensino, com a extinção da obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas.

⁶⁹ SZVARÇA, op. cit., p. 5.

Eles acreditavam que a religião e sua visão de mundo eram responsáveis por muitos problemas da sociedade, sendo inimiga da razão, do progresso e da ciência. Somente com o ensino laico e a cientificidade viria a modernização da sociedade, numa tendência oposta à visão mística do mundo da Igreja.

Na análise desses movimentos que faziam parte do pensamento dos intelectuais e escritores paranaenses da época do início da República, percebe-se como a nação brasileira foi sendo construída simbolicamente, da mesma forma ocorrendo na região do Paraná.

Nesse contexto, os museus se constituíram em locais capazes de auxiliar na construção do imaginário da região, por reunirem e preservarem símbolos e signos que facilitavam a identificação de uma comunidade, como afirmam Mário Chagas e Solange Godoy: “os esforços desempenhados por setores da sociedade para o soerguimento de marcos referenciais do nacional passam frequentemente pela construção de museus”.⁷⁰

⁷⁰ CHAGAS, Mário de Souza e GODOY, Solange. Tradição e ruptura no Museu Histórico Nacional. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro, v. 27, p. 36, 1995.

2.3 - O Paranismo

No período da Primeira República, surgiu no Paraná um movimento conhecido como paranismo ou movimento paranista, que desempenhou um papel fundamental na construção de uma identidade para o estado.

O paranismo pode ser entendido como um movimento ocorrido no início do século XX, que contou com vários políticos, intelectuais e artistas na divulgação e valorização da história e das tradições paranaenses e na construção de uma identidade cultural própria para o estado.

A origem do termo “paranista” foi investigada, por ter causado dúvidas quanto ao seu criador, chegando-se ao acordo que a criação deste neologismo pertence ao jornalista e político paranaense Domingos Nascimento.

Romário Martins, considerado o principal divulgador do movimento paranista, em um manuscrito seu e em uma publicação posterior afirmou:

*Quem introduziu o termo entre nós foi Domingos Nascimento, em 1906, ao regressar de uma viagem ao norte do Estado, onde notara que ninguém os chamava paranaenses e sim paranistas. A palavra nascera ali espontaneamente. A população das nossas terras do setentrião, na sua quase unanimidade, constituída de paulistas, e êstes, por natural aproximação com o nome dado aos naturais de seu Estado, designavam os paranaenses de paranistas.*⁷¹

O historiador, simpatizando com o termo, passou a utilizá-lo, julgando que este seria mais abrangente do que a mera identificação com o local de nascimento e poderia trazer novos significados, como o de um devotado defensor de sua terra.

O movimento tinha como objetivos construir uma imagem de um estado em desenvolvimento, pautado nas ideias de cientificidade, de progresso, de tecnologia e de ciência, que permeavam o imaginário no período:

*Nas questões culturais assistimos o nascimento de um movimento denominado Paranista que, ao reunir artistas locais, tentará forjar um estado que não passava até então de uma parcela de terra sem fronteiras bem definidas e com uma população heterogênea e sem quaisquer características em comum.*⁷²

⁷¹ MARTINS, Romário. **Paranística**. A Divulgação. Curitiba, p. 9, fev. /mar. 1946.

⁷² PEREIRA, op. cit., p. 7.

O paranismo trazia em seu bojo elementos básicos para a construção de uma identidade para o Paraná: sua natureza específica, o território e o homem paranaense voltado para o trabalho, o progresso e a civilização.

No discurso paranista eram enfatizadas as riquezas naturais, como o clima ameno e o solo fértil para o plantio de muitos produtos, a grande quantidade de madeira e de campos, além das características do povo paranaense, como a disposição para o trabalho.

Através de manifestações literárias e artísticas, principalmente nas artes plásticas, os paranistas produziram e exacerbaram a imagem do paraíso do território paranaense, como se fosse uma terra paradisíaca, de acordo com a visão do viajante Saint-Hilaire. Além de Romário Martins, foram paranistas Euclides Bandeira, Dario Velloso, João Zaco Paraná, João Turin, Theodoro De Bona, João Ghelfi, Lange de Morretes.

A visão idílica por parte dos adeptos ao paranismo, imbuída de um ufanismo regionalista, deveu-se à preocupação com os imigrantes de várias nacionalidades e seus diferentes costumes, que constituíam ameaça ao nacionalismo e à identidade paranaense e também à questão de limites entre os estados do Paraná e de Santa Catarina (para a qual se tornou necessário recorrer a pesquisas históricas como subsídios para argumentação na defesa da região contestada).

As exposições do museu constituíram-se em eventos que difundiram os valores paranistas de progresso, promovendo a interação entre a população e os ideais do paranismo, bem como as publicações de periódicos e revistas.

Para a construção do sentimento de identidade paranaense, representantes do movimento paranista se expressaram através de obras de arte, de composições musicais, de decoração nas ruas e em salões de clubes, por meio de imagens e símbolos da terra e do homem paranaense, como o mate, o pinheiro, a pinha, as paisagens naturais e os grupos étnicos. Também criaram mitos, lendas indígenas e promoveram comemorações cívicas, com inaugurações de estátuas e movimentos em homenagem a heróis. São exemplos destes trabalhos, as esculturas de João Zaco Paraná, as fotografias e filmes de João Groff, os quadros de Lange de Morretes, de Guido Viaro, de João Turin e de Theodoro De Bona.

Romário Martins foi um dos que mais disseminou as ideias paranistas, publicando um manifesto e participando da criação do Centro Paranista, fundado pelo Instituto Histórico e Geográfico Paranaense e pela Sociedade de Agricultura do Paraná, em 1927, com objetivos de estudo estímulo e realização de iniciativas concernentes ao conhecimento, ao progresso e à civilização do estado do Paraná.

No programa deste Centro, paranista seria a denominação para “amigo do Paraná, contribuinte do seu progresso”, e o paranismo reuniria as aspirações e as realizações que visassem à grandeza do Paraná, em todas as manifestações morais, intelectuais e materiais. Existia a proposta de manter em sua sede uma exposição que concentraria informação documentada de manifestações da riqueza, da organização, da cultura e dos progressos da civilização paranaense, inclusive de épocas passadas.

Como está expresso em uma espécie de propaganda, intitulada Mensagem do Centro Paranista,⁷³ Romário Martins conclamava os cidadãos para se alistar como sócios neste Centro, desde que estes se mostrassem capazes de esforços úteis à comunidade e ao progresso do estado do Paraná, estivessem dispostos à colaboração, mais do que financeira, principalmente ao auxílio moral, intelectual e cívico e demonstrassem uma sincera afeição pelo Paraná, enfim, os que não fossem egoístas, aos quais considerava “os entraves do progresso e da civilização”.

Em outra mensagem, destinada a Affonso Camargo, considerava paranistas não somente aqueles que nasceram no estado, mas todos os que constituíssem a sociedade paranaense, sem importar as origens étnicas, incluindo, portanto, os imigrantes e todos os que se interessassem e almejassem o progresso e a civilização para o Paraná.

Sendo político e intelectual, autor de livros sobre a história do Paraná e colaborador em muitas revistas, como, por exemplo, a *Ilustração Paranaense*, Romário exerceu influência em seus contemporâneos como uma das principais lideranças no Estado e valeu-se de suas boas relações com pessoas ligadas a instituições estaduais para atingir seus objetivos, já que também era interesse do governo a construção de uma identidade e de um sentimento de pertencimento a esta terra.

⁷³ Duas mensagens de Centro Paranista podem ser lidas no Anexo 2.

Em suas obras é constante a construção de símbolos que identificam o Paraná, no sentido de despertar nos paranaenses os ideais de civilização.

Romário também construiu as bases do discurso simbólico do Paraná. As riquezas naturais apareciam fornecendo energia à civilização que acreditava viria a ser forjada. Encontrou na altivez e resistência do pinheiro o símbolo do homem e da terra paranaense: alto, forte e de braços abertos para o futuro. A erva-mate – a bebida do índio, congonha, chá dos jesuítas ou chá paraguaio – segundo ele de propriedades alimentícias, higiênicas e terapêuticas, saboreada em roda de amigos com a cuia do chimarrão passando de mão em mão, reforçaria a solidariedade, costurando as diferenças no espaço e no tempo.⁷⁴

Como um inventor de tradições, foi o criador dos símbolos do jovem estado, da bandeira e do brasão do Paraná, bem como os mesmos símbolos para a cidade de Curitiba, tendo proposto a data de 29 de março como aniversário da fundação da capital.

⁷⁴ KERSTEN, op. cit., p. 115.

2.4 - Romário Martins: uma breve biografia

Antes de analisar a atuação de Romário Martins no Museu Paranaense é importante que se conheça alguns de seus dados biográficos, ainda que resumidamente, para se entender seu pensamento, suas atividades como jornalista, político e historiador, sua vinculação com outras instituições científicas e culturais e com a imprensa.

Alfredo Romário Martins nasceu em Curitiba, em 8 de dezembro de 1874 e aí faleceu em 10 de setembro de 1948. Era filho do tenente coronel José Antônio Martins, natural do Rio de Janeiro e de Florência Severina Ferreira Martins, nascida em São Paulo. Foi filho único deste casal, porém tinha irmãos dos casamentos anteriores de seus pais, que eram viúvos ao se casarem.

Batizado na igreja Nossa Senhora da Luz de Curitiba, pelo padre Alberto José Gonçalves, em 25 de janeiro de 1875, teve por padrinhos o Conselheiro Manoel Francisco Corrêa, por procuração,⁷⁵ e seu meio-irmão Luiz Ferreira França.

Pode-se ter uma biografia deste intelectual escrita por ele mesmo em duas de suas obras: *Dados bio-bibliográficos até 1945* e em *Eu; notas auto-biográficas de Romario Martins*.

⁷⁵ Influente paranaense: político, deputado geral pelo Paraná, ministro, senador e Conselheiro de Estado.

Nesta última, divide sua “actividade intellectual” em três fases: a primeira de 1893 a 1900, a segunda de 1901 a 1916 e a terceira de 1916 a 1931, e considera sua “actividade burocrática e política” nos anos de 1890 a 1928.

Pouco se sabe sobre a sua infância, além de que tinha apenas dez anos quando perdeu seu pai, administrador do Correio Geral do Paraná e pessoa interessada pelo Museu Paranaense, ao qual doava livros, coleções de selos e pássaros empalhados.

Foi com dificuldades que sua mãe conseguiu mantê-lo na escola, estudando no Colégio Curitibano, sob a direção de Nivaldo Braga, tendo como colegas, entre outros, Ermelino Agostinho de Leão, Júlia Wanderley, João Pernetta e Artur Martins Franco, e cedo teve que deixar os estudos para começar a trabalhar, não prosseguindo em cursos superiores em outros estados brasileiros.

Em 1889, com 15 anos incompletos, iniciou seu trabalho como aprendiz de tipógrafo nas oficinas do *Dezenove de Dezembro* e, no mesmo ano, auxiliou nas oficinas do jornal *A Republica*, justamente no período da queda da monarquia e Proclamação da República.

O início de sua formação pessoal e profissional ocorreu, portanto, no ambiente dos jornais. Trabalhou no *Quinze de Novembro*, *Correio Oficial*, *Diario do Commercio*, *Folha Nova*, *A Federação* e na *Companhia Impressora Paranaense*. Das oficinas de tipografia passou à redação, como jornalista e, mais tarde, ocupou por muitos anos a chefia de redação d’*A Republica*, difundindo suas ideias e mostrando o pensamento cultural paranaense. Além de redator-chefe deste jornal, colaborou em muitos outros e escreveu vários artigos,

sendo que em alguns costumava adotar diferentes pseudônimos, tendo sido agraciado, na época, com o título de “Príncipe dos Jornalistas do Paraná”.

Outra atividade profissional exercida por Romário Martins se deu no serviço público: em 1892, foi admitido como colaborador na Superintendência do Ensino Público, repartição que tinha como superintendente Vicente Machado, sendo responsável pela organização do arquivo deste estabelecimento; em 1896, após ter prestado concurso, se tornou funcionário da Secretaria de Obras Públicas e Colonização e, em 1900, foi nomeado como Superintendente do Ensino Público.

Com menos de 30 anos de idade candidatou-se, indicado por Vicente Machado, importante líder político do Paraná, a deputado ao Congresso Legislativo do Estado. Foi eleito e permaneceu como deputado estadual durante dez legislaturas, entre os anos de 1904 e 1928⁷⁶ e, tendo sido também vereador e Presidente da Câmara Municipal de Curitiba, chegou a ocupar interinamente o cargo de prefeito, em 1905.

Como deputado, elaborou algumas leis, sendo de sua autoria, entre outras: a criação da bandeira e do brasão do estado do Paraná; a criação do brasão e das armas da cidade de Curitiba; o controle do corte de madeiras e estabelecimento do reflorestamento, para proteção da flora e fauna paranaenses; a criação da Escola de Agronomia do Paraná; a proposta da data de 29 de março para

⁷⁶ Os mandatos eram de dois anos. Romário Martins foi eleito para os biênios de 1904-1905; 1908-1909; 1910-1911; 1912-1913; 1918-1919; 1920-1921; 1922-1923; 1924-1925; 1926-1927 e 1927-1928.

aniversário da cidade de Curitiba; a criação do Boletim do Arquivo Municipal; a obrigatoriedade de numeração dos domicílios e a proibição das brigas de galo.

Considerado líder do paranismo, também partilhava de ideias socialistas e dos movimentos simbolista e positivista, como foi analisado anteriormente. Sob a influência de companheiros de vida literária, como Júlia Pernetta e Dario Velloso, tornou-se um socialista combativo, publicando, em 1895, a obra *Pelo Socialismo*, voltada à análise dos sistemas sociais e de crítica à sociedade.

Casou-se em 1898 com Benedita Menezes Alves, sobrinha do escritor e poeta Enílio de Menezes, com quem teve vários filhos.

Em 1900, propôs a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, tendo sido membro e incentivador desta instituição por muitos anos.

Foi eleito sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de outros regionais, como de São Paulo, da Bahia, de Santos, do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro.

Desde o início do século XX, entre os anos de 1901 a 1916, empenhou-se com dedicação à pesquisa em documentos e publicações sobre a questão de limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina, inclusive com viagens para as buscas de arquivos do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Participou, ainda, de vários congressos como representante do Paraná, como de Geografia, em São Paulo, Belo Horizonte e Salvador e de História, no Rio de Janeiro.

Por decreto presidencial foi nomeado, em 1912, para exercer o cargo de Secretário Geral do Comando Superior da Guarda Nacional do Paraná, recebendo o título de coronel.

Além de jornalista e político, Romário Martins foi historiador, escrevendo a história regional do estado do Paraná.

Preocupado em criar uma identidade, ao mesmo tempo em que procura reconhecer um ideal de capacidades civilizatórias, a obra de Romário Martins estuda o homem do Paraná na sua formação histórica, composição étnica e perfil psicológico. Durante o período de produção da obra romariana encontram-se livros, capítulos, folhetos e artigos dedicados ao estudo do homem paranaense. Dos caixas do litoral aos imigrantes europeus, do índio ao caboclo, do português ao negro, todos são fontes de estudos e comentários do autor.⁷⁷

Romário tinha o reconhecimento pela sociedade da época de sua intelectualidade e o prestígio de um verdadeiro “plumitivo e homem das letras”. Apesar de não ter vivido exclusivamente da pena, já que exerceu outras funções políticas e administrativas, deixou uma vasta produção literária e histórica. Mesmo tendo várias ocupações, sempre se dedicou à pesquisa e a escrever obras nas quais podia divulgar suas ideias, o que fez com que lançasse muitos trabalhos durante toda a sua vida.⁷⁸

⁷⁷ SZARÇA, op. cit., p. 43.

⁷⁸ Romário Martins escreveu mais de 70 obras. A relação delas, de acordo com o próprio autor, encontra-se no Anexo 3.

3

O MUSEU PARANAENSE SOB A DIREÇÃO DE ROMÁRIO MARTINS

Em 1902, por decreto de 25 de abril, Romário Martins foi nomeado para o cargo de Diretor do Museu Paranaense, pelo então Presidente do Estado do Paraná Francisco Xavier da Silva.

Contava apenas 27 anos de idade quando assumiu a direção do museu, após a breve gestão de Ermelino Agostinho de Leão, filho do desembargador Agostinho Ermelino de Leão, este último um dos fundadores e primeiro diretor da instituição, que havia permanecido por mais de 18 anos no cargo, tendo se ausentado por 6 anos (quando foi substituído pelo comendador Manoel Ricardo Carneiro).

Na direção do museu Romário Martins permaneceu durante 26 anos, até 28 de fevereiro de 1928, quando foi designado para Diretor do Departamento de Agricultura do Estado. Esta longa permanência de um conhecido intelectual e político neste cargo público permite algumas considerações.

Inicialmente, demonstra o prestígio e a influência que tinha Romário Martins junto a diferentes governantes, já que passou pelas administrações de diversos Presidentes de Estado: Francisco Xavier da Silva, em duas gestões, Vicente Machado da Silva Lima, João Cândido Ferreira, Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva, Manoel de Alencar Guimarães, Carlos Cavalcanti de Albuquerque, Affonso Alves de Camargo e Caetano Munhoz da Rocha, em duas gestões.

Ainda neste aspecto, o Museu Paranaense se constituiu em um bom exemplo para a análise das relações entre o poder executivo e as instituições culturais da época, revelando que o museu cumpria seu papel como local de representação de memória e como suporte necessário à construção de uma identidade regional.

Romário Martins foi o diretor que por mais tempo assumiu a tarefa de dirigir o museu logo após os fundadores desta instituição. Depois da instalação do museu, no século XIX, foi ele o responsável pelo início de seu desenvolvimento, no século XX, visando dar-lhe um caráter mais científico.

Começou com a classificação dos mostruários museológicos, auxiliado por pessoas especializadas, como os engenheiros de minas Francisco e Euzébio de Oliveira e com a catalogação das coleções de paleontologia e arqueologia, que constituíram o primeiro acervo do museu.

No ano de 1902, no jornal *A Republica*, foram encontradas 25 matérias sobre esta instituição, denominada Museu Paranaense ou Museu do Estado, em uma média de duas notas por mês, o que demonstra que este era um veículo de divulgação do museu e indica o interesse de mostrar ao público suas atividades.

A leitura e análise dos conteúdos das matérias publicadas pelo *A Republica* durante os 30 anos pesquisados permitem perceber alguns aspectos deste estabelecimento, pois Romário Martins foi redator-chefe do jornal por mais de 20 anos.

Mal tendo assumido como diretor do museu, que funcionava na atual rua Cândido Lopes com Dr. Murici, no centro de Curitiba, onde atualmente se encontra a Biblioteca Pública do Paraná, Romário aceitou a exposição de uma menina sem braços nem pernas, instalada no pavilhão da música, no jardim do museu, que foi visitada por um público recorde de 1.166 pessoas em um dia e decidiu que a renda da venda dos bilhetes para o jardim zoológico fosse para ela revertida. Além do fato de Romário, então um jovem

intelectual, ter aceitado tal exposição, causa surpresa o número de pessoas interessadas em ver este drama, porém, era costume esta “exposição da doença”, demonstração das “monstruosidades”, que auxiliavam como amostras vivas das teses e teorias científicas.

Esta exibição se deu quando Romário estava iniciando seus dias no museu e voltou a ocorrer no ano de 1906, com explicações sobre essas anomalias, o que demonstrava a preocupação do caráter científico do museu.

Desde o início de sua gestão como diretor, Romário se mostrou interessado em modificar a instituição: criou a *Secção Anthropologica*, além de manter a *Mineralogica*, a *Numismatica* e a de *Curiosidades*, que já existiam; aumentou a *Secção Zoologica*, cujo pátio foi reformado e ajardinado; procurou melhorar a disposição e classificação do acervo do museu e ampliou seu horário de funcionamento, com a abertura para visitação pública às quintas-feiras, além dos domingos e feriados, das 10 às 16 horas. Concomitante a este trabalho, Romário assumiu a organização da Biblioteca Pública do Paraná, que foi reaberta em uma das salas da frente do museu, em 1903.

Os objetos oferecidos ao museu neste ano foram animais para o zoológico, amostras de minerais, cédulas e moedas de prata, variedades de orquídeas, objetos de madeira, retratos a *crayon* e pássaros empalhados.

Numa demonstração do desejo de aumentar o acervo do museu, em 1903, fez a aquisição de um urso e de uma anta caçada em São José dos Pinhais, município vizinho de Curitiba, e foram publicados durante os meses de outubro e dezembro, quase que

diariamente, anúncios como “O Museu compra borboletas nocturnas, das que tem apparecido em profusão nesta capital. Trata-se com o guarda. Entrada pelo portão”.

Além destes animais adquiridos por compra e de outros ofertados, o museu recebeu doações de moedas de cobre e de prata, de medalhas, de couros de animais e uma coleção de minerais do Museu Nacional, em troca de exemplares que enviou para aquela instituição, retirados das jazidas de Morretes, Paraná.

Ainda no ano de 1903, Romário Martins foi escolhido membro da comissão organizadora da Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Província do Paraná e preparatória da Exposição de Saint Louis, nos Estados Unidos.

No início do governo do Presidente de Estado Vicente Machado, Romário Martins publicou o primeiro número do *Boletim do Museu Paranaense*, em junho de 1904, com o objetivo de ser este o marco de uma nova fase, uma forma do museu assumir um lugar e de se identificar com outras instituições congêneres do país, apresentando-se ao “mundo intelectual” através desta revista.

Este boletim contou com o apoio do governo do Estado, sendo que em novembro de 1905 a Câmara votou a franquia para a expedição da publicação pelo Museu Paranaense.

Este primeiro boletim foi importante para a divulgação do museu frente a outros estados. Segundo artigo de Octacilio Barbedo, do jornal *Gazeta do Commercio*, de Porto Alegre, com esta publicação o Museu Paranaense passava a ocupar o quarto lugar entre os museus que publicavam revistas e boletins, depois dos estados do Pará, São Paulo e Rio de Janeiro.

Neste boletim Romário afirmou que, ao assumir o cargo de diretor, tinha intenção de promover uma transformação na instituição, já que o seu antecessor ainda não havia feito esse trabalho, aceitando todas as doações sem critérios.

*Era norma de conducta sua, e pensava com acerto esse benemerito do Museu Paranaense, que para acumular objectos era mister aceitar todos os que lhe viessem ás mãos, por doações expontaneas, e assim fez esse illustre director deste estabelecimento, accumulando tudo o que pôde, com a paciencia e a calma de um beneditino, talvez para um dia tudo refundir em moldes outros, ordenando e methodisando as collecções.*⁷⁹

O material existente se constituía em “grande copia de exemplares da nossa fauna, mineralogia e especimens varios de archeologia indígena e de ethnologia brasileira de antiga idade historica”.⁸⁰

Uma das primeiras preocupações de Romário foi quanto à seleção desse acervo e, para tanto, empenhou-se na sua organização, pois considerava indispensável a metodização (como se chama a organização) destes materiais para que o museu estivesse nos moldes das instituições dos outros estados brasileiros. Segundo ele, nessa publicação, em dois anos este material estava selecionado e as coleções foram dispostas com método, tendo sido concluído o trabalho de classificação.

⁷⁹ MUSEU PARANAENSE. **Boletim do Museu Paranaense**. Curitiba: Museu Paranaense, n. 1, p. 3, 1904.

⁸⁰ MARTINS, op. cit., p. 3.

Pode-se perceber, por essas suas primeiras ações frente ao museu, a influência do pensamento positivista em Romário Martins, pela necessidade de se conhecer, classificar, ordenar e organizar os objetos da natureza. O interesse do diretor do museu, segundo ele próprio, estava voltado para a aquisição de materiais arqueológicos e etnológicos, com fins de estudos de cunho científico. Para tanto, como também era deputado estadual, apresentou um projeto, que o Presidente do Estado sancionou em lei, de março de 1904,⁸¹ obrigando os comissários de medição de terras a remeterem ao Museu Paranaense artefatos indígenas, objetos fósseis, bem como amostras de minerais encontrados em suas explorações. As despesas com o transporte destes objetos correriam por conta do Estado.

Os artigos desta publicação eram referentes ao Paraná: os sambaquis, as missões, as baías e os minerais, o que denota o interesse em divulgar este estado, as suas riquezas naturais e históricas e, portanto, através deste primeiro boletim, Romário já tratava de assuntos relacionados à busca de uma identidade paranaense.

Ainda neste mesmo ano, o museu passou por uma grande reforma e ficou quase três meses fechado aos visitantes, tendo sido feita a mudança da Biblioteca Pública para o Palácio da Instrução Pública. Foi adquirida uma coleção de machados de pedra, encontrados em sambaquis de Antonina, município paranaense, recebeu doações de animais para o seu jardim zoológico e também foi feita a

⁸¹ A Lei n.º 546, de 24 de março de 1904, na sua íntegra, está no Anexo 4.

aquisição de uma tela do pintor Alfredo Andersen,⁸² uma entre as muitas outras que foram obtidas no decorrer da direção de Romário Martins.

No denominado Salão de Pintura ou Salão da Pinacoteca do Museu Paranaense eram comumente feitas exposições de trabalhos deste pintor e de seus alunos, sendo que os quadros expostos estavam à venda para os visitantes, o que se sucedeu em diversos anos.

Resumindo o histórico de tal Pinacoteca, ela havia sido criada em 1886, funcionando em uma seção extra à Biblioteca Pública, com a finalidade de colecionar “retratos de pessoas importantes, quadros históricos, vistas, gravuras etc.” e teve início com 16 retratos. Em 1896, este acervo passou para a Escola de Belas Artes, devido às condições de umidade do prédio do museu e, através da lei nº 568, sancionada pelo Presidente do Estado, a Pinacoteca retornou ao salão do Museu Paranaense, em fevereiro de 1905.

Depois disso, foram adquiridas algumas telas com verbas do museu, observando-se que as aquisições para a Pinacoteca privilegiavam destacados homens paranaenses e paisagens da “grandiosa” natureza do Paraná.

De acordo com Romário: “tudo presagia um promissor futuro para a Pinacotheca, destinada a recolher a effigie dos melhores servidores da terra paranaense, e bem assim os aspectos mais notáveis da sua magnificente natureza”.⁸³

⁸² Alfredo Emilio Andersen era pintor norueguês que, tendo se estabelecido em Curitiba em 1902, fundou uma escola de desenho e pintura, tornando-se mestre de diversos pintores paranaenses.

⁸³ MARTINS, op. cit., p. 8.

Desta forma, o museu se constituía, através da sua coleção de quadros, a qual se destinava a divulgar a natureza do Paraná e, sobretudo, a perpetuar a memória de homens da elite paranaense, em um espaço para a promoção de políticos renomados, numa espécie de panteão dos personagens paranaenses importantes.

No final da gestão de Romário, o Salão da Pinacoteca foi melhorado, sendo que os quadros foram colocados sob a orientação de Alfredo Andersen. Entretanto, alertou-se para a necessidade de conservação desses quadros por um profissional competente, pelo valor histórico e artístico que eles representavam. Estas obras, pinturas a óleo, adquiridas no início do século XX, retratando políticos, “heróis” e alguns artistas, como Vicente Machado, Francisco Xavier da Silva, Generoso Marques, Santos Andrade, Nestor Vítor, Francisco Negrão, Manoel Ricardo Carneiro e Cândido de Abreu, continuam sendo expostas na instituição frequentemente.

No início de 1905, o *Diario da Tarde* fez algumas críticas à administração de Romário Martins como diretor do museu, através da publicação de uma carta que recebeu, reclamando que não estavam expostos objetos interessantes e curiosos à população e também comunicando que diversas pessoas se dirigiam à redação do jornal para comentar sobre os maus tratos e péssimo estado dos animais do jardim zoológico do museu.

Visitando o Muzeo Paranaense fiquei deveras contristado, com o coração confrangido ao vêr o estado em que se acha um estabelecimento desta ordem e que lá fóra fazia grande echo, classificado pelos entendidos como sendo de 1ª ordem neste genero, dos poucos que existem no Brazil.

Onde estão os objectos curiosos e mais raridades que ali foram collocados pelas mãos do inesquecível paranaense desembargador Ermelino de Leão?

Hoje, que vemos?

Nas diversas secções: falta de objectos que já vimos classificados. Os animaes que ali existem, vivos, estão á contarem se-lhes os ossos devido á magreza em que se acham.

Não haverá verba para a manutenção desses famelicos animais?

Faço esta, sr. redactor, para que chameis pelas columnas do vosso conceituado jornal a attenção de quem competir, para que lance as vistas a esse estabelecimento mantido pelos cofres do Estado.⁸⁴

Romário, sentindo-se perseguido por este órgão da imprensa, desde a época da Exposição do Cinquentenário, de 1903, respondeu n’*A Republica*. Apesar de relativamente longo, é interessante transcrever todo o texto, pois, através dele, pode-se conhecer um pouco mais das atitudes de Romário quando recebia críticas.

Além de se perceber traços de seu temperamento ao revelar o destino que deu aos objetos do museu que considerou inúteis, pode-se, ainda, constatar como ele manifesta a certeza de que foi o único responsável em tornar o museu “científico”:

Já é forte toleima a do “Diario da Tarde”, em procurar molestar-me.

⁸⁴ DIARIO DA TARDE. Curitiba, 10 de janeiro de 1905, p. 1.

Hontem ainda, edita elle, em forma epistolar, uma acrimoniosa censura á minha administração como director do “Museu Paranaense”, já que não póde levar avante a campanha que, sobre a distribuição dos prêmios da Exposição, intentou visando á minha pessoa.

Entretanto, o “Diario” já pensou de outro modo a meu respeito em relação ás proprias reformas que hoje condemna, feitas por mim no Museu.

Quando aquella folha tinha como redactor Torres Homem, dizia a respeito do “Museu Paranaense”, já sob minha direcção:

“A distribuição do grande numero de objectos que ali existem com diverso valor scientifico, carece de ser feita methodicamente em secções, como já o entendeu e começou a executar o intelligente e laborioso sr. Romario Martins. Admiramos a feliz tentativa em tal sentido nas secções de anthropologia e de mineralogia, que tiveram nova installação.

Acompanharemos os esforços do dedicado paranaense, no intuito de imprimir ao museu o cunho verdadeiramente scientifico, quer pelo valor real dos objectos offerecidos ao estudo, “quer pela eliminação das bugigangas”, que era de uso entre os particulares, como sabemos de varios exemplos, enviar para encher inutilmente as vitrines”.

Mudaram-se, agora, os tempos, e estas bugigangas cuja eliminação o “Diario” applaudiu sem reservas, são hoje

reclamadas nestes termos: Onde estão os objectos “curiosos” e mais “raridades” que alli foram collocados?

Si o articulista do “Diario” se refere áquelles objectos que foram retirados por INUTEIS (e entre os quaes citaremos montões de lixo dos incendios dos Puritanos, da S. P. dos Operarios, da casa do sr. Manoel Nabo, etc.) fique sabendo que foram empregados no entulho do pateo do mesmo Museu, hoje por mim transformado em jardim!

Era, pois, fatal, que não escapasse á lei da inveja que, como eu, talhou pertinazmente e com algum talento, rumo seguro e recto em pról das causas sérias onde a minha terra é sempre a interessada.

*Morda-me embora a inveja dos nullos: - a organização científica do Museu Paranaense, a minha terra ha de dever só a mim!*⁸⁵

Pode-se observar, então, que nestes anos iniciais de Romário Martins na direção do museu sua preocupação era para que esta instituição fosse se tornando mais científica, na proposta de identificar-se com os ideais de modernidade e civilização da época. E ele buscava a infraestrutura para que este fim fosse cumprido, como com a vinda de especialistas estrangeiros que pudessem classificar as coleções do museu, com a publicação do primeiro boletim do Museu Paranaense, que possibilitou o contato com as outras instituições semelhantes brasileiras e internacionais e com a divulgação na imprensa, por

⁸⁵ A REPUBLICA. Curitiba, 11 de janeiro de 1905, p. 1.

exemplo, dos animais doados ao zoológico, nomeados com suas denominações científicas.

Da mesma forma, quando naturalistas visitavam o museu, a notícia era anunciada no jornal, com a intenção de mostrar que esse era realmente um “instituto científico”. Isto aconteceu em 1914, quando o cientista sueco Pedro Dusén, em trabalho de exploração botânica do Paraná, classificou e indicou as procedências do material botânico do museu.

Em 1906, Romário Martins apresentou seu primeiro relatório como diretor do Museu Paranaense ao governo do Estado, no qual fez o relato por seções e em detalhes dos trabalhos realizados na instituição durante o ano anterior.

Neste relatório apresentou o museu como já em uma nova fase, de “progresso”, com a “remodelação esthetica e scientifica de todo o vasto acervo”, disposição sistemática das suas coleções, determinação científica dos exemplares das seções de zoologia, mineralogia e botânica e a finalidade de, por meio de uma “exposição clara e minuciosa”, mostrar o grau de “prosperidade” do Museu Paranaense.

Enfatizou que, desde que assumira a direção do museu, seu trabalho estava direcionado para a remodelação do acervo desta instituição, com a finalidade que assumisse o caráter científico que julgava necessário e urgente.

O Museu Paranaense era, segundo ele, um repositório das riquezas naturais e de valiosos subsídios arqueológicos e históricos que visava o conhecimento do homem paranaense e seu *habitat*. O diretor reforçava que o museu era destinado a “recolher o material

que caracteriza a nossa natureza, os artefactos archeologicos sumidos nas trevas das edades pre-historicas, emfim, a documentação do nosso passado historico”.⁸⁶

Prosseguia enfatizando que era intenção desta instituição ser um espaço à exibição de um acervo paranaense:

*Desejo que o Museu seja, para o seu visitante, um mostruário o mais possível completo de tudo quanto for nosso, isto é, paranaense, de sorte que por uma simples inspecção das suas collecções, se possa formar uma justa ideia da nossa acção no passado, das condições do presente, e, sobretudo, do valor actual das nossas riquezas naturaes.*⁸⁷

Romário fez uma análise sucinta de todas as seções do museu. Segundo ele, a Seção de Arqueologia Indígena estava desfalcada por objetos que não foram devolvidos da Exposição de Berlim, de 1886, e havia sido aumentada com materiais adquiridos por Ermelino de Leão nos sambaquis de Antonina, demonstrando que era sua preocupação a aquisição de outros, de uma época tão “notavel e interessante em que o Homem Paranaense iniciou o passo no caminho da arte, da industria e das concepções culturais”.⁸⁸

⁸⁶ PARANÁ. **Relatorio apresentado ao Secretario d' Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrucção Publica, Bento Lamenha Lins pelo diretor do Museu Paranaense Romário Martins, em 1º de janeiro de 1906.** Curityba: Typ. e lith. a vapor Impressora Paranaense, 1906. p. 4.

⁸⁷ Idem, p. 5 e 6.

⁸⁸ Idem, p. 9 e 10.

Com o intuito de se apresentar esta seção como uma unidade e despertar o interesse dos visitantes, as aumentadas coleções foram dispostas, segundo a opinião de Romário, “adequadamente” e caracterizadas com informações sobre a utilidade e procedência dos objetos, em etiquetas devidamente impressas.

A seção zoológica, por falta de pessoal especializado, sofria dificuldades. O material empalhado era constituído por 151 exemplares de aves, de 97 espécies, e mais alguns mamíferos. Também existiam exemplares de répteis e peixes, expostos em vidros inadequados, e coleções de borboletas e mariposas. Pelo que Romário apresentou neste relatório, toda esta seção estava em ordem, classificada e organizada cientificamente, aguardando apenas o aumento das coleções.

A maior seção do museu era a mineralógica, com as amostras minerais tendo sido revistas por um especialista, um engenheiro de minas, e necessitando do governo a substituição dos antigos armários para que estas “ostentassem a sua riqueza”.

A seção botânica era composta por madeiras paranaenses, destinadas à indústria e à propaganda destas coleções de “maravilhosas essencias florestaes”, o que era do interesse econômico do Estado.

Como deputado, Romário elaborou leis para proteção da flora e da fauna paranaenses, tendo sido o Paraná o primeiro estado a aprovar um código florestal no Brasil, em 1907. Seguiram a lei de 1919, referente ao reflorestamento, o código de caça e pesca, em 1924, e o código de 1926, que reorganizava o código florestal e consolidava as demais leis vigentes sobre a exploração de madeiras no Paraná.

Nos códigos florestais do início do século XX existiam propostas de proteção das reservas florestais:

*Destinadas a perpetuarem o ‘sertão paranaense’, ou seja, resguardar o meio característico do Paraná, tanto para fins científicos, como legado às gerações futuras. Está aí presente um aspecto do pensamento preservacionista, donde florestas, um patrimônio natural, serviria como um museu da flora e da fauna regionais do Paraná.*⁸⁹

Outra seção, a de objetos antigos e históricos, segundo Romário, era a que maior interesse despertava no público, contando com um vasto acervo constituído por peças históricas, como troféus de guerras, armas, lanças, espadas, fardas, varas dos ouvidores, juizes e oficiais da Câmara do tempo colonial e imperial, relógios, objetos do século XVIII, coleções de medalhas e de moedas. Esta seção do museu, bem como a Pinacoteca, já comentada anteriormente eram as que estavam mais diretamente relacionadas à memória e à construção de uma identidade.

Por fim, existia o jardim zoológico, bastante procurado para a visitação pública, com mamíferos, aves e répteis. Neste local promoveram-se reformas, como arborização e ajardinamento no pátio, apesar da escassez das verbas destinadas ao museu.

⁸⁹ AMADIGI, Fausto Rogério. **Legislação florestal no Paraná**: a “preocupação ecológica” de Romário Martins (1907-1944). Curitiba, 1999. 66 f. Monografia (Conclusão do curso de História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. p. 45.

Através desta sua publicação sobre o Museu Paranaense, Romário teve novamente, como em 1904, oportunidade de se corresponder com diretores de outras instituições brasileiras similares.

Era comum professores, como Júlia Wanderley, darem aulas de História Natural no museu, o que ocorreu em 1906, passando esta instituição a assumir este papel pedagógico.

De vez em quando surgia na imprensa polêmica entre *A Republica* e o *Diario da Tarde*, como uma discussão que aconteceu em 1910 por motivo de paranaenses residentes no Rio de Janeiro, que lá formaram uma associação denominada “Centro Paranaense”, cuja finalidade principal era a divulgação das coisas do Paraná na então capital do país. Romário Martins teria ofendido este grupo de pessoas, ao que ele desmentiu, apesar de afirmar que elas não representavam a unanimidade da “colônia paranaense”.

Em 1912, iniciaram-se mudanças nas salas do Museu Paranaense: o Laboratório de Análises Químicas e Microscópias deixou as dependências que ocupava, sendo ali instaladas as seções mineralógica e zoológica. O antigo espaço destas seções passou a ser usado pelo Corpo de Bombeiros, até que, pouco a pouco, todo o prédio ficou para este órgão.

Após ficar alguns meses fechado ao público, no início de 1913 o museu foi transferido para outro imóvel, à rua São Francisco, o “Salão Tívoli”, alugado, reformado e adaptado para abrigar as suas coleções.

No dia 15 de agosto de 1913 se deu, então, a reabertura do Museu Paranaense ao público, em sua terceira sede, com a presença do Presidente do Estado Carlos Cavalcanti, que deixou suas

impressões no livro de assinaturas, além de funcionários públicos, representantes da imprensa e outros “cavalheiros”, pois mulheres não participavam destas solenidades.

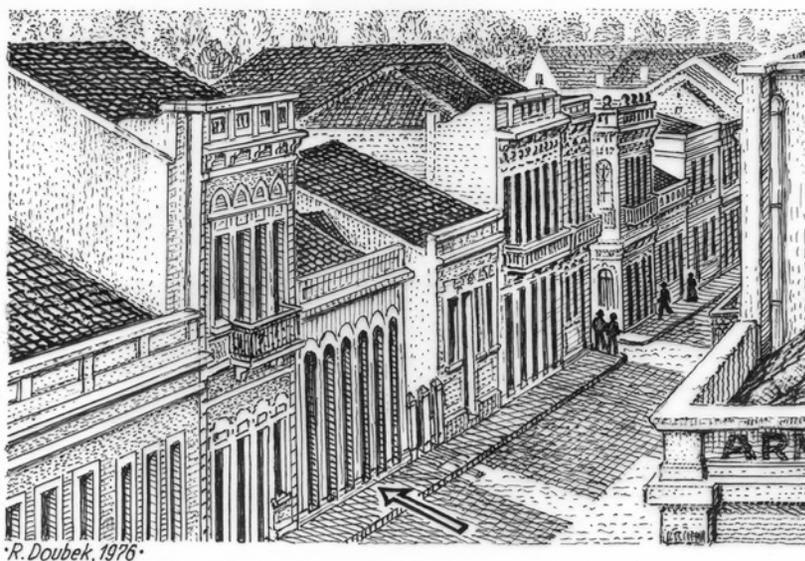


Figura 4 - Terceira sede do Museu Paranaense, no então Salão Tívoli, à rua São Francisco, Curitiba, de 1913 a 1928. Acervo do Museu Paranaense.

Muitos foram os comentários quanto à nova instalação do museu na imprensa, alguns elogiando as modificações, outros criticando o espaço, que se tornou mais reduzido, e a localização, que julgavam distante do centro da cidade, da rua XV de Novembro.

Em um relatório apresentado por Romário Martins, em 1914, à Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Indústria do Paraná, órgão ao qual o museu passou a pertencer pela nova organização do Estado, foram apresentados alguns problemas

da instituição, como a falta de pessoal, pois a diretoria e as diversas seções não tinham nenhum auxiliar ou especialista. Era sentida, por exemplo, a ausência de um taxidermista para a seção de zoologia e de um escrevente ou datilógrafo para auxiliar a diretoria.

Também a insignificância da dotação orçamentária para a manutenção do museu e do jardim zoológico impedia qualquer despesa extra, como a publicação de uma revista trimestral, que era do interesse para divulgação da instituição. Havia, ainda, a necessidade de um novo regulamento para o museu, pois o que ainda estava em vigor era o de 1882 e não mais correspondia às exigências do estabelecimento.

Outro problema que aparece relatado com frequência nos anos seguintes era quanto à sede definitiva. Em 1918 saiu um artigo com a seguinte manchete: “Uma idéia feliz do governo do Estado”, em que se comentava o acordo do Presidente do Estado, Affonso de Camargo, com o Prefeito Municipal, João Xavier, no sentido de se ter uma instalação definitiva para o museu, num prédio histórico no Alto de São Francisco, “mais condigna com este estabelecimento que reúne, preserva, organiza e destina ao futuro as reliquias do nosso passado histórico”.⁹⁰ Entretanto, tal projeto não chegou a ser efetivado.

No final da gestão de Romário, o museu recebeu algumas melhoras que permitiram modificar a disposição dos mostruários. No entanto, o próprio Presidente do Estado, Caetano Munhoz da Rocha, reconhecia que: “o estabelecimento não se poderá apresentar em

⁹⁰ A REPUBLICA. Curitiba, 14 de junho de 1918, p. 1.

condições inteiramente satisfactorias e nas devidas proporções, sem uma instalação definitiva em prédio espaçoso e apropriado”.⁹¹

Diversas doações eram feitas ao museu, principalmente às seções histórica, de numismática e de arqueologia. Em 1924, houve o recebimento das coleções de Telêmaco Borba, conhecido indigenista paranaense, que as doou ao Estado através de testamento.

Em 1923 foi solucionado o caso do roubo de medalhas do Museu Paranaense ocorrido em 1903, que muitos aborrecimentos trouxeram ao diretor. Essas medalhas haviam sido cunhadas especialmente para a ocasião da Exposição do Cinquentenário do Paraná, tendo sido guardadas por Romário Martins em um armário do seu gabinete no Museu Paranaense para serem doadas a autoridades e vencedores de prêmios. Entretanto, foram roubadas 6 medalhas de ouro e 100 de prata, o que gerou insinuações por algumas pessoas e pela imprensa de que o diretor poderia ter alguma participação ou, ao menos, negligência quanto ao roubo. Somente 20 anos mais tarde é que o caso foi elucidado, quando pessoas foram buscar informações quanto ao valor das medalhas, supostamente achadas nas ruínas de um prédio, reconhecidas imediatamente como sendo àquelas da exposição.

O caso foi levado ao conhecimento do Governo e as medalhas roubadas foram restituídas ao Tesouro, isentando, assim, Romário de culpa neste desaparecimento.

⁹¹ PARANÁ. Presidente de Estado (1924-1928: Caetano Munhoz da Rocha). **Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do Estado pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha. Presidente do Estado do Paraná ao instalar-se a Primeira Sessão da 18ª Legislatura.** Curitiba, 1º de Fevereiro de 1926.

No relatório de 1925, Romário comentou que haviam sido organizados os catálogos das diversas seções do museu, sendo que o da seção de arqueologia trazia um estudo da distribuição das tribos indígenas que habitaram o território paranaense.

Nas palavras desse diretor, referindo-se a um estudo sobre a erva-mate, então o principal produto de exportação paranaense, revelam-se também os objetivos do museu: “Tudo quanto interessa ao Paraná e constitue elemento de estudo util ao progresso do Estado, cabe no raio de indagações do seu Museu Official”.⁹²

Pelo levantamento do jornal *A Republica*, no período pesquisado, foi possível encontrar dados sobre o número de visitantes do Museu Paranaense, com exceção dos anos de 1916 a 1922 e o de 1927.

Infelizmente não existem dados anuais da população de Curitiba e do Paraná no início do século XX, o que possibilitaria uma análise da frequência da população ao museu, sendo que os dados disponíveis são provenientes dos recenseamentos de 1900 e 1920, tendo sido feita uma projeção para 1910.

⁹² Idem.

TABELA I –**Visitantes do Museu Paranaense, 1902 a 1928**

ANO	VISITANTE	OBSERVAÇÕES
1902	4.080	
1903	9.600	
1904	9.170	
1905	6.762	
1906	10.797	
1907	11.314	
1908	159.620	Exposição Preparatória da Nacional
1909	2.116	
1910	5.311	
1911	6.024	
1912	2.921	
1913	6.829	
1914	7.042	
1915	5.115	
1923	4.834	
1924	5.342	
1925	5.841	
1926	6.064	
1927		Não foram encontrados dados
1928	3.030	

Fonte: Levantamento do jornal **A República**, de 1902 a 1928.

Tabela II –**Dados da População de Curitiba, 1900 a 1920**

Ano	Curitiba
1900	50.124
1910	60.800
1920	78.986

Fonte: MARTINS, Romário.⁹³

Pelos dados estatísticos disponíveis, salvo erro de impressão ou mesmo de cálculo, o que se nota é a enorme visitação pública ao museu em 1908, ano da Exposição Preparatória da Nacional, que se deu no pátio desta instituição, com mais que o dobro da população curitibana visitando o museu naquela ocasião.

Na falta de outros dados referentes à nacionalidade, idade, procedência, ocupação e classe social deste público visitante, pode-se presumir que houve a afluência de pessoas de outros estados, comprovando o interesse destes eventos comemorativos para a população.

Em 1910, o museu teve 5.311 visitantes para uma população curitibana de 60.800, ou seja, menos de 10% da população o visitou, porém, lembrando que, nesta época, o museu funcionava apenas aos domingos e feriados, contabilizando aproximadamente

⁹³MARTINS, Romário. **Quantos somos e quem somos**: dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941 e MARTINS, Romário. **Curitiba de outr'ora e de hoje**. Curitiba: Prefeitura Municipal, 1922.

53 dias ao ano, esse número de visitantes pode ser considerado significativo, pois a média era de 100 pessoas por dia de visitação pública.

3.1 - A relação com o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense

A relação do Museu Paranaense com o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense pode ser notada em muitos momentos, pois Romário Martins foi o fundador deste instituto, em 24 de maio de 1900, portanto antes mesmo de ter iniciado sua gestão na direção do museu.

Era comum Romário Martins utilizar o espaço do Museu Paranaense para tratar de assuntos de outras associações, como aconteceu, por exemplo, em 1906, ao ter convocado para reunião no museu sócios do Instituto ou, ainda, em 1921, quando foi em seu gabinete de diretor que se deu a posse da nova diretoria desta instituição.

Para a fundação do Instituto, Romário convocou pessoas de seu círculo de amizades interessadas no Paraná, com trabalhos sobre assuntos que julgava pertinentes aos objetivos da nova associação, como Sebastião Paraná, Dario Velloso, Emiliano Pernetta, Cândido de Abreu, Julio Pernetta, Ermelino de Leão, entre outros.

Esta instituição foi criada com a preocupação de reunir, estudar, arquivar e publicar documentos para a historiografia do Paraná, nos moldes do que se propunha o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em termos nacionais, pois os objetivos deste eram de procurar, coligir, classificar e publicar os documentos sobre a história e a geografia brasileiras, visando a sua classificação.

Romário, na fundação do então chamado “Instituto Historico e Geographico Paranaense”, previa para esta instituição:

*Uma larga existencia de brilhos a reflectir-se na terra Paranaense – exaltando os nomes dos seus melhores filhos, - asignalando a influencia historica dos seus memoraveis successos, - descrevendo o curso dos seus rios, - delimitando a altitude das suas regiões esplendentes, e expondo, com largos traços vibrantes, a accentuada feição da nossa carcteristica.*⁹⁴

Nesse seu discurso pode-se observar novamente a ideia da construção da identidade paranaense, inerente a Romário, a qual também era notada na maneira de conduzir o museu. Ele acreditava que no Paraná existiam assuntos a resolver sobre a sua história e a sua geografia, os quais com a criação do Instituto viriam à discussão e ao exame – provavelmente ele estava se referindo às questões de limites de terras com Santa Catarina.

⁹⁴ A REPUBLICA. Curitiba, 24 de maio de 1900, p. 1.

Para tanto, havia a necessidade da união de esforços e Romário utilizou-se das palavras de um dos fundadores do Instituto Histórico Brasileiro, por ocasião de sua criação, em 1838, o cônego Januario da Cunha Barbosa, na fundação do Instituto Paranaense:

*As forças reunidas dão resultados prodigiosos e quando os que se reúnem em tão nobre associação aparecem possuídos do mais acendrado patriotismo, eu não duvido preconisar um honroso successo á fundação do nosso Instituto Historico e Geographico.*⁹⁵

Em seus anos iniciais, ainda no tempo do Império, o interesse do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi com o conhecimento do Brasil, seu passado histórico, suas riquezas e suas potencialidades, pois seus membros acreditavam ser necessário preservar a documentação do passado para a construção da história brasileira. Dessa maneira, se afirmaria a unidade política e se garantiria um lugar perante as outras nações civilizadas.

Ao se referir ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, José Honório Rodrigues comentou que “os historiadores brasileiros e sua principal instituição sabiam, desde o começo, o que se devia entender e fazer em matéria de história”.⁹⁶

Eles se empenharam num projeto de construção de uma história nacional: uma história pautada por biografias, genealogias, vultos históricos e eventos, de um tipo épico e nacionalista,

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ RODRIGUES, José Honório. **A pesquisa histórica no Brasil**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1969, p.37.

reunindo e organizando todos os documentos que julgavam necessários para tanto, produzindo e publicando o que possibilitasse a formação de uma memória nacional para a nação brasileira.

Da mesma forma se deu com a instituição paranaense em termos regionais, que, desde a sua criação no período republicano, buscava o conhecimento do passado paranaense e de suas riquezas naturais para se afirmar entre os outros estados do país.

Sobre o conceito de identidade, que pode ser aplicado tanto em termos individuais quanto para uma sociedade ou nação:

*Ela se manifesta em sua imagem, no sentimento de dependência ou de consciência comuns, no reconhecimento de um passado, de um presente e, talvez, de um futuro comuns, na percepção de diferenças, de fronteiras, e em um sistema de filiações determinado pelo contexto.*⁹⁷

No caso do Paraná, a construção da identidade tornou-se uma atribuição não somente do Instituto, como também foi desempenhada pelo Museu Paranaense, no período que teve Romário Martins como seu diretor. A busca deste historiador em distinguir seu estado natal dos outros, estabelecendo uma identidade paranaense, teve início quando era bem jovem e, ao analisar-se sua biografia, constata-se a permanência e a continuidade deste pensamento ao longo de suas atividades políticas e profissionais.

⁹⁷ SPIELBAVER, J. K. Identidade. In: **Cadernos Museológicos**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 2ª ed. n. 1, set 1989.

3.2 - A relação com os indígenas

A relação do Museu Paranaense e do próprio Romário Martins com os indígenas constituía-se em um caso que merece ser estudado mais detalhadamente.

Desde o século XIX, o museu recebia índios do interior do estado, que lá ficavam hospedados. Não foi diferente na gestão de Romário Martins, que havia participado ativamente do debate levado pela revista *O Cenáculo*, em 1895, em favor dos índios Kaingang, de Palmas, Paraná, em processo de dizimação, e que havia fundado, em 1902, uma Associação Etnográfica de Proteção dos Índios, cujas propostas eram “estudos científicos a respeito dos silvícolas paranaenses e sua incorporação ao nosso meio”.⁹⁸

Romário Martins também escrevia artigos nos jornais sobre a sociedade indígena, sendo, ainda, de sua autoria a lei que reservou para os índios a propriedade perpétua de terras em Palmas, Guarapuava, Tibagi e Rio Negro. Como deputado costumava ajudar os índios, encaminhando seus pedidos de auxílios ou problemas de terras aos órgãos competentes do governo.

Participou de uma comissão para a construção, na baía da Guanabara, de um monumento ao índio Guairacá, cacique Guarani de grandes qualidades guerreiras, segundo exaltava Romário, o que acabou não se concretizando.

⁹⁸ DIARIO DA TARDE. Curitiba, 25 de novembro de 1901, p. 1.

Praticamente em todos os anos do levantamento em jornais existem matérias informando da chegada de índios a Curitiba e sendo hospedados no Museu Paranaense. Foi assim em 1902, quando índios Coroados, também conhecidos como Kaingang, vieram solicitar do governo do Estado ferramentas para lavoura, roupas e garantias sobre suas terras. Andaram 478 km a pé e ficaram instalados em um barracão do museu, onde a Sociedade Etnográfica e Protetora dos Índios lhes forneceu alimentação. Além do alojamento, os índios receberam brindes adquiridos com o dinheiro arrecadado na venda das entradas para o museu.

O mesmo aconteceu em 1904, quando uma turma de índios Cayuá, após uma viagem a pé de 4 meses e 5 dias do Alto Paraná, da região dos saltos das Sete Quedas, veio para receber auxílios, conseguidos através da Secretaria de Obras Públicas e Colonização e, mais tarde, com outros 30 indígenas Coroados: todos ficaram hospedados no museu. Também nos anos seguintes, mais índios Coroados, residentes no município de Tibagi, e Cayuá, do norte do estado, pernoitaram na instituição e, quando não havia espaço para tanta gente, alguns ficavam no quartel de polícia.

Em 1903, o indianista Alberto Grempe, residente no Rio Grande do Sul, enviou para Romário Martins certa quantia em dinheiro para ser aplicada em proveito da catequese e auxílios aos índios paranaenses, tendo sido aceito como sócio da Sociedade Etnográfica do Paraná.

Em 1905 foi instalada no museu uma “Galeria Ethnographica”, na qual estavam representados em fotografias diversos índios das tribos que estiveram nos anos anteriores em Curitiba.

A maneira como Romário apresenta o índio em sua obra é como o intelectual brasileiro o via, com um romantismo que transformava o indígena no símbolo do bem e da comunhão idílica com a natureza, confundindo-se com o mito da origem.

Numa demonstração do interesse que os índios despertavam em Romário Martins, fato que era comum aos intelectuais da época, o museu foi adquirindo uma grande coleção de objetos indígenas, alguns provenientes de sambaquis, formando, assim, um acervo que até os dias atuais é preponderante neste museu, compondo a seção de etnologia.

4

O MUSEU PARANAENSE E AS EXPOSIÇÕES:

ESPETÁCULOS DA IDENTIDADE REGIONAL

Muitos autores⁹⁹ já escreveram sobre as exposições universais, como eram chamadas as grandes mostras dos mais variados produtos e mercadorias de diversas naturezas (sobretudo de máquinas e aparelhos relacionados à indústria), que tiveram início na segunda metade do século XIX, mais precisamente em 1851, em Londres, onde foi construído o famoso Palácio de Cristal.

A organização destas primeiras exposições universais se deu numa conjuntura de aceleração e desenvolvimento do processo de industrialização e de um projeto de expansão imperialista do capitalismo. Elas se constituíram em espaços organizados para exposições de produtos que mostravam os avanços da ciência, da técnica e da indústria, servindo como propaganda da sociedade burguesa, que tinha como pressupostos básicos o progresso e a conquista da civilização.

As exposições procuravam transmitir algumas mensagens: apresentavam o trabalho como fator de dignidade e de igualdade para todos os homens, de maneira que os trabalhadores que as visitassem se vissem reconhecidos nos produtos saídos de seu trabalho, se considerassem participantes na obra da civilização e do progresso, se sentissem importantes, pela dignidade do ofício que desempenhavam e pela possibilidade de ascensão social.

⁹⁹ Como, por exemplo, John Allwood, Madeleine Rébérioux, Werner Plum, Pascal Ory, Robert Rydell, Schroeder- Gudehus & Rasmussen, Heloisa Barbuy, Francisco Foot Hardman, Sandra Jatahy Pesavento, Margarida de Souza Neves, entre outros.

*A exposição procura transmitir valores e ideias, como a solidariedade entre as nações e a harmonia entre as classes, a crença no progresso ilimitado e a confiança nas potencialidades do homem no controle da natureza, a fé nas virtudes da razão e no caráter positivo das máquinas, etc, etc. Por outro lado, a exposição busca ocultar a exploração do homem pelo homem, a concorrência entre as nações e o processo de submissão do trabalhador à máquina.*¹⁰⁰

Segundo Francisco Foot Hardman,¹⁰¹ no período compreendido entre a exposição de 1851 e a Primeira Grande Guerra Mundial, as exposições assumiram grande vulto e, além destas mostras universais, realizaram-se outros eventos similares em nível internacional, nacional e local, com elevado número de exibidores e de visitantes, o que demonstra o forte atrativo que estas exposições representavam e sua importância econômica e sociocultural.

As principais exposições universais do século XIX se realizaram em sua maioria em cidades europeias e dos Estados Unidos,¹⁰² tendo o Brasil participado em algumas delas, ainda na época do Império. Essa participação do país nas exposições era considerada importante, como uma forma de se fazer representar perante outras

¹⁰⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 44.

¹⁰¹ HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

¹⁰² Londres (1851, 1862), New York (1853), Paris (1855, 1867, 1878, 1889, 1900), Porto (1865), Viena (1873), Filadélfia (1876), Amsterdam (1883), New Orleans (1884), Antuérpia (1885,1894), Barcelona (1888), Copenhagen (1888), Bruxelas (1888,1897), Chicago (1893). E ainda, na Austrália: Sydney (1879) e Melbourne (1880).

tantas nações, tendo em vista que, para muitos, as novas ideias e invenções que aqui chegavam eram vistas como sinais de “progresso” e de “civilização”.

Neste período, o entusiasmo com o progresso, ideia norteadora do século XIX, difundido a partir da Europa Ocidental, especialmente da Inglaterra e da França, grandes centros industrializados e importantes no cenário internacional, era visível no Brasil e “ser civilizado” era estar o mais de acordo possível com esses países, centros da “civilização”, ou com os Estados Unidos, considerado um modelo de país jovem que acompanhava este ritmo acelerado do progresso.

As exposições se constituíram em uma espécie de palco para mostras de imagens do mundo industrial, que representassem a nação, o progresso e a tecnologia. Foram, também, portadoras de outras ideias, além dessas de progresso, prosperidade e paz para todos os povos, pois atuaram no processo de construção de uma identidade nacional. Sandra Jatahy Pesavento, ao se referir à Exposição da Filadélfia de 1876 como um dos momentos privilegiados da construção da nacionalidade e que obteve os resultados desejados, analisa que esta exibição “atuou como um poderoso elemento de reafirmação de uma identidade coletiva nacional, articulando um conjunto de ideias, crenças, valores e mitos num todo articulado, socialmente desejável e intelectualmente compreensível”.¹⁰³

Nesta exposição, os Estados Unidos mostraram-se ao mundo como uma pátria acolhedora de imigrantes, como uma nação desenvolvida tecnologicamente e com um governo democrático,

¹⁰³ PESAVENTO, op. cit., p. 157.

constituindo-se a materialização do “mito do progresso”, presente no século XIX, e o povo norte-americano se identificando como portadores de valores determinantes deste sucesso.

Nas exposições universais, as máquinas industriais eram expostas como uma atração à parte:

*Engana-se, pois, quem supuser que o espaço das primeiras exposições universais foi ocupado exclusivamente pelo desfile racional, metuculoso e calculista dos produtos da indústria moderna. A disposição de objetos foi, na verdade, muito mais extravagante. A febre classificatória de largo espectro herdada do enciclopedismo converteu-se, aqui, no desejo ilimitado de exibir o máximo: daí deriva uma heterogeneidade de formas, técnicas e ramos. A agricultura, a mineração e sobretudo o artesanato também estão fortemente representados.*¹⁰⁴

Este espírito de classificar todas as coisas era bastante próprio dos museus, constituindo-se o período das exposições em um grande momento para estas instituições em várias partes do mundo e também no Brasil. E não foi diferente com o Museu Paranaense. Como ocorria com os outros principais museus do país, que se esforçavam para se alinhar a outras instituições científicas da época, para o Museu Paranaense era de grande importância sua participação nestas exposições: era uma ocasião para organizar suas coleções (preparando os materiais adequados a essas exposições), para destinar mais tempo de abertura ao público, para se constituir em um espaço para divulgação

¹⁰⁴ HARDMAN, op. cit., p. 57.

de seus trabalhos, pesquisas e objetivos, com publicações de catálogos, e de obtenção de prêmios. Enfim, era uma oportunidade ímpar no âmbito regional e nacional.

É importante ressaltar algumas marcas características das exposições universais, que também foram detectadas nas nacionais e nas estaduais, como o clima de otimismo, de entusiasmo e até mesmo de euforia frente ao progresso, com o Estado sendo um dos maiores patrocinadores destes eventos, bem como o caráter de celebração das efemérides nacionais ou internacionais, numa construção ou reconstrução nacional: “reaparece aqui o nacionalismo revigorado pela expansão planetária dos impérios europeus, mesmo que o processo adquira contornos, no cenário das exibições, de entrelaçamento fraterno dos povos”.¹⁰⁵

Para celebrar as grandes datas montavam-se esses espetáculos de progresso e de identificação nacional. Exemplificando, a Exposição da Filadélfia, em 1876, foi em comemoração ao centenário da independência norte-americana, a Exposição de 1889, em Paris (para a qual foi construída a Torre Eiffel) à Revolução Francesa, da mesma forma que, no Brasil, a Exposição do Cinquentenário da Província do Paraná, de 1903, foi em comemoração à emancipação política do Paraná, a Exposição Nacional de 1908, ao primeiro centenário da abertura dos portos do Brasil e a Exposição Nacional do Centenário, em 1922, à independência do Brasil.

¹⁰⁵ Idem, p. 60.

O Museu Paranaense sempre esteve às voltas com as exposições e Romário Martins, já em seu primeiro ano à frente desta instituição, numa continuidade da tradição do museu em promover exposições para divulgação de produtos do estado do Paraná, apresentou trabalhos litográficos da Impressora Paranaense:

*O sr. Director do Museu Paranaense, nosso collega Romario Martins, vai iniciar naquelle estabelecimento, em pavilhão já preparado, exposições industriaes de productos do nosso Estado. É justo que o louvavel emprehendimento encontre echo nos srs. Industriaes, que dest'arte teem um modo facil de divulgar o que as nossas fabricas e officinas produzem e que é desconhecido por falta de propaganda.*¹⁰⁶

No ano de 1907, foi nomeada uma comissão para a organização da representação do Paraná na Exposição Nacional de 1908, da qual Romário Martins fez parte. A maior preocupação desta comissão foi organizar a propaganda para todo o estado da Exposição Preparatória, que se deu no pátio do Museu Paranaense. No ano seguinte a este evento, foi na sede do museu que se fez entrega aos expositores dos objetos vindos da Exposição Nacional do Rio de Janeiro e, em 1910, foram entregues os prêmios relativos a esta exposição.

Ainda em 1910, aconteceu a Exposição Universal de Bruxelas e, em 1911, a Exposição Internacional de Turim (ambas com a participação do Brasil), com a exibição de slides apresentando a fauna e flora do país, as plantações e a colheita do café e com a

¹⁰⁶ A REPUBLICA. Curitiba, 21 de agosto de 1902, p.1.

mostra de exemplares de borracha, mate, café, cacau, madeiras, frutas e conservas.

Nestas duas exposições Paraná se fez representar, alcançando alguns prêmios: diplomas de honra, medalhas de ouro, de prata, de bronze e menções honrosas, referentes aos produtos paranaenses, como a erva-mate e madeiras.

Romário Martins foi secretário da Exposição do Milho e da Comissão Executiva da Conferência Nacional de Cereais, em 1917, razão pela qual neste ano foi montada, ao lado das seções antigas do museu, uma exposição agrícola, com cereais e legumes de além de duas outras: de fibras têxteis e de materiais de construção.

Em 1918 ocorreu mais uma Exposição Nacional do Milho, no Rio de Janeiro, sendo que os produtos expostos no pavilhão paranaense foram doados para o Dispensário São Vicente de Paula, após o término deste evento.

O Paraná, em 1919, participou da Exposição Nacional de Cereais e da Exposição Sul-Americana de Montevideú, ocasião que recebeu prêmios pela exibição de mate, queijos, pianos, mobílias, trabalhos de litografia e neste mesmo ano foi instalada no museu uma Exposição do Trigo, promovida pelo Centro Agrícola do qual participaram por volta de 700 expositores. O estado se estas exposições mais como um celeiro do país do que propriamente como um estado industrial, com as sociedades agrícolas paranaenses promovendo estes eventos.

Em 1920 realizaram-se no museu a 1ª Exposição Avícola e a 4ª Exposição de Canários, reunindo 66 aves, com grande afluxo de público, num total de 1.244 pessoas em apenas um dia.

A Exposição Preparatória da Nacional do Centenário da Independência do Brasil, de 1922, foi realizada em diversos estabelecimentos, entre os quais o Museu Paranaense, onde foram expostos pianos e mobílias. Na Exposição Nacional, no Rio de Janeiro, o museu se fez representar com coleções de minerais e de madeiras e Romário apresentou um catálogo das principais madeiras paranaenses em um livro sobre árvores.

Os critérios para a escolha de um estudo mais detalhado sobre as exposições que são tratadas a seguir prenderam-se aos fatos de que Romário Martins tomou parte ativamente nas comissões para organização destas exibições enquanto diretor do Museu Paranaense e da participação do museu nestes eventos, tendo alguns dos objetos de seu acervo expostos nestas exposições e servindo como sede para os industriais fazerem suas inscrições e retirarem os objetos que vinham das exposições nacionais.

4.1 - A Exposição do Cinquentenário da Província do Paraná

A Exposição do Cinquentenário da instalação da Província do Paraná, que foi inaugurada em 19 de dezembro de 1903, em Curitiba, começou a ser idealizada em junho daquele mesmo ano, quando a Sociedade Estadual de Agricultura do Paraná cogitou a promoção do evento. Em uma reunião, os sócios desta sociedade nomearam quatro comissões: uma para a organização do regulamento e da exposição, outra para a organização e classificação dos produtos, na qual Romário Martins era secretário-geral, uma terceira, agenciadora de produtos e uma comissão técnica.

No relatório desta exposição, escrito por Romário Martins, ele ressaltou que, de fato, quem trabalhou para que esta se realizasse foram, além de si próprio, o presidente da exposição, Octavio Ferreira do Amaral e Silva, o coronel Brazilino Moura, como tesoureiro e Conrado Erichsen Filho e Paulo d'Assumpção, como auxiliares.

O regulamento desse evento e as instruções para um melhor entendimento foram divulgados pela imprensa local em setembro do mesmo ano, sendo que, por meio destes documentos, é possível conhecer as normas para a organização desta exposição.¹⁰⁷

¹⁰⁷ O Regulamento da Exposição do Cinquentenário está no Anexo 5.

Nesta série de instruções, uma particularmente dizia respeito ao Museu Paranaense e constituiu uma forma de se conseguir o aumento de seu acervo:

XVI - Será tido como valioso serviço prestado ao Estado, si o expositor de amostras de mineraes e madeiras as destinarem, após a exposição, ao Museu Paranaense.

Para esse effeito as amostras devem conter, na guia respectiva, essa indicação.

Ás Camaras Municipaes e ás commissões regionaes, solicita a directoria da exposição o maior empenho no sentido de se obter a maior representação numeral possível.

Os objetivos desta exposição eram, além da comemoração do 50º aniversário da emancipação política da província do Paraná, a preparação para a Exposição Universal de Saint Louis, com a mostra do “inventário que é das riquezas naturaes e do trabalho industrial do nosso meio como povo culto e progressista que somos”.¹⁰⁸

Aparece nas finalidades do evento as ideias de mostrar as riquezas naturais e os produtos industriais do Paraná, além de retratar o povo paranaense como culto e já alinhado ao progresso, pensamento tão caro à época.

A exposição foi planejada para estar de acordo com as “modernas” organizações deste tipo e no seu programa fica evidente a intenção da exibição da produtividade paranaense e da divulgação para os outros estados da prosperidade desta região, conclamando o espírito “progressista” dos paranaenses (principalmente prefeitos dos

¹⁰⁸ Regulamento da Exposição do Cinquentenário.

municípios e industriais) para que se empenhassem nesta iniciativa “patriótica”, enviando o maior número possível de amostras de madeiras e de minerais, já que era preciso representar o Paraná como uma região rica em produtos naturais.

A inauguração da exposição foi em um sábado, à uma hora da tarde, de forma solene, com todas as cerimônias que condiziam a um evento desta natureza: discursos, orações, execução do hino nacional pela orquestra e com a participação de coros, representantes do governo desatando o laço simbólico, entrega de medalhas comemorativas ao cinquentenário às principais autoridades do Estado e fotografias registrando o acontecimento. A imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo, o Congresso Nacional, diversos ministérios e outras autoridades estiveram representados por enviados especiais.

O clima de euforia parecia grande com a movimentação em torno deste evento: hotéis cheios, trens trazendo passageiros de várias localidades do estado e do país, incentivados por promoções de 50% de abatimento nas passagens para os viajantes que se destinassem a visitar a exposição.

À época da inauguração, era Presidente do Estado Francisco Xavier da Silva e, ao findar-se, um mês e meio depois, em fevereiro de 1904, fez-se uma homenagem à posse do novo Presidente eleito Vicente Machado.

A exposição foi instalada na praça Eufrásio Correia, iluminada com luz elétrica, em 16 pavilhões próprios, além de um teatro, três botequins e um pavilhão para divertimentos, onde estavam muitos produtos dos principais municípios do Estado. Havia o

pavilhão de entrada e vários outros: de Curitiba, de Antonina, de Paranaguá, de Castro e de São José dos Pinhais, que construíram pavilhões próprios, mais de Ponta Grossa, Ipiranga e Imbituva, que estavam em conjunto em um mesmo pavilhão, bem como o da Lapa, Rio Negro, Morretes, Campo Largo e Colombo. Tinham, ainda, os pavilhões de perfumaria, da fábrica de Withers, das máquinas, da Livraria Econômica, dos Polacos, da erva-mate, das flores e dos instrumentos rurais, além da seção pastoril e o dos Correios e Telégrafos.

Esses pavilhões estavam repletos com produtos que representavam o que se achava importante no Estado, que constituíam a riqueza dos municípios: coleções de madeiras, de minerais e de produtos naturais e agrícolas, como o mate.

Uma infinidade de objetos estavam expostos, entre máquinas, obras em ferro, bronze, alumínio, peças de marcenaria, tecidos, chapéus, calçados, sabões, velas, cereais e hortaliças, flores, fumos, vinhos, xaropes, licores, cervejas, conservas, trabalhos de pintura a óleo e aquarela, de escultura, litografia e tipografia, fotografias, instrumentos musicais etc.



Foto 1 - Exposição do Cinquentenário, 1903. Pavilhão central, um prédio com um salão e duas salas, onde estavam expostos vários produtos, como nos outros pavilhões. No centro da praça foi colocada uma fonte. Acervo do Museu Paranaense.

No discurso de abertura da exposição, o presidente da Sociedade de Agricultura e diretor da comissão organizadora, Octavio do Amaral, reportando-se a outro discurso proferido na Exposição Pan-Americana de Buffalo, pelo presidente Mac-Kinley, dizia:

*As exposições são o relógio do progresso; registram o adiantamento do mundo; estimulam a energia, a iniciativa e a inteligência dos povos, acelerando a marcha do engenho humano, penetram nos lares; concorrem para tornar mais ampla e mais fácil a vida diária do povo; fornecem mananciais uberrimos á investigação dos homens estudiosos; e não ha exposição, grande ou pequena, que não traga um contingente qualquer ao progresso.*¹⁰⁹

Mais adiante, ele enfatizava que a exposição que estava inaugurando deveria servir para marcar o progresso do estado, registrando o grau de adiantamento e cultura do povo e exibindo a força produtiva dos dez lustros decorridos desde a emancipação política da Província do Paraná.

O Museu Paranaense foi premiado pelas madeiras que expôs, tendo recebido o diploma e a medalha de prata um ano após o evento, em dezembro de 1904.

¹⁰⁹ **A Exposição do Cincoentenário.** Curitiba, Impressora Paranaense, 1905, p. 71.



Figura 5 - Diploma ao Museu Paranaense pela exposição de Madeiras, em 1903, numa demonstração de como o museu exibia as riquezas naturais do estado do Paraná. Acervo do Museu Paranaense.

As impressões sobre esta exposição podem ser encontradas na imprensa, sendo que a maioria fez comentários favoráveis, considerando-a como um grande êxito:

*Sucesso, tal a grandeza, tal a imponencia, tal a vibração patriótica de que revistiu-se a magestosa festa do trabalho com que o Paraná, commemorando tão auspicioso facto da nossa historia, apresentou se aos olhos do Brasil e do mundo com toda a exuberância da sua vida, com toda a prodigalidade das suas riquezas naturais, com toda a abundância de produtos do seu esforço, da sua actividade, da sua industria.*¹¹⁰

O jornal polonês *Gazeta Polska* também assim se manifestou: “Depois de uma crise, que atravessou o Estado, promovida principalmente pela ultima revolução, estão voltando, o progresso e as condições normaes, graças aos esforços do governo e do povo”.¹¹¹

Em seus comentários, *A Tribuna Paranaense* reforça a busca pela civilização: “Chanaan de portas abertas, o Paraná possui área que abrange capacidade de um reino, caudal de rios e mares que sulcão quilhas de todas as nacionalidades, que fazem do Oceano ponte de passagem para os conductos da civilisação”.¹¹²

Esta teria sido, segundo alguns contemporâneos, a maior e mais bem organizada exposição até então realizada no Paraná, considerada “uma grande festa do trabalho paranaense”, e foi

¹¹⁰ A REPUBLICA. Curitiba, 21 de dezembro de 1903, p. 1.

¹¹¹ A REPUBLICA. Curitiba, 22 de dezembro de 1903, p. 2.

¹¹² Idem, p. 2.

idealizada pelo interesse demonstrado pela sociedade no sentido de “apurar o grão de progresso industrial e cultural do Estado”.¹¹³

Também quanto à participação do público, os comentários foram exagerados:

*Numerosas famílias, homens, crianças, quasi toda a população de Curitiba e o grande número de visitantes que vieram dos arredores, das cidades do interior e da marinha dirigiam-se então de um para outro lado, observando satisfeitos toda a nossa riqueza ahi posta sob as suas vistas.*¹¹⁴

No entanto, ao lado de tantas opiniões positivas e de elogios ufanistas, existiram críticas e comentários negativos, como quanto aos privilégios que a comissão organizadora teria dado a alguns industriais na escolha dos locais dos pavilhões e também quanto a pouca representatividade da totalidade dos municípios paranaenses, com a participação na exposição ficando restrita a Curitiba, alguns municípios dos Campos Gerais e do litoral, apesar de a diretoria da exposição ter nomeado comissões de propaganda em todos os municípios do estado.

¹¹³ Caixa de Romário Martins, DEAP.

¹¹⁴ A REPUBLICA. Curitiba, 21 de dezembro de 1903, p.1.

*Apesar da solícitude com que o illustre governador do Estado se houve diante da opinião publica, afim de dar expansão à idéa exposicionista da Sociedade de Agricultura, - o que se vê no largo Euphrasio Correia é mais um afan de barulho, um prurido de apresentações espalhafatosas do que uma concepção utilitaria de methodo e de senso systematico de ordem na organização de toda essa coisa descommunal e tumultuaria a que deram o nome de Exposição. Para corroborar o que acima dissemos, senão nos sobrassem outras razões incombativeis, bastava o archi-grotesco facto de dar-se o rotulo de riquezas do Paraná áquillo que apenas representa o esforço de cinco ou seis municipios desta terra.*¹¹⁵

Em uma avaliação a respeito desta exposição, das divergências entre alguns críticos e jornalistas ufanistas, devido à intensa participação de Romário Martins neste evento, tanto na sua organização, como na sua execução e, posteriormente, ao escrever um extenso relatório sobre o mesmo, pode-se considerar que para o Museu Paranaense esta exposição foi bastante proveitosa, pela oportunidade de divulgação e de ampliação de seu acervo, pelo recebimento de prêmios e por adquirir maior visibilidade perante o estado do Paraná.

Numa demonstração de seu empenho neste evento, Romário Martins foi nomeado, pelo governo do Paraná, com Octavio do Amaral e Brazilino Moura, para tratar da representação do estado na Exposição de Saint Louis, de 1904.

¹¹⁵ DIARIO DA TARDE. Curitiba, 24 de dezembro de 1903, p. 1.

Por ocasião da data de seu aniversário, dias antes da organização da exposição, em 1903, o jornal *A Republica* publicou uma nota que chama a atenção por dois aspectos: o primeiro, pela ênfase dada ao autodidatismo deste intelectual que nunca saiu para estudar fora do estado do Paraná e, em seguida, referindo-se à sua decisiva participação na exposição:

Litterato e jornalista distincto, historiador e paleontologista notavel, Romario Martins tem para nós o grande merito de haver creado aqui, e só aqui, á custa de muito trabalho, o renome de que actualmente goza nos mais adiantados circulos scientificos do paiz.

*E para aquilatarmos do seu grande amor á terra natal, ahi está a Exposição paranaense, producto em grande parte da sua influencia e dos seus esforços, e que será, estamos certos, mais uma victoria para o Estado, vindo também corôar a vida publica do incansavel patriota.*¹¹⁶

¹¹⁶ A REPUBLICA. Curitiba, 07 de dezembro de 1903, p. 1.

4.2 - A Exposição Nacional de 1908

Em 1908, a representação do Paraná em exposições se deu em dois momentos: o primeiro, na Exposição Preparatória, em Curitiba, no pátio do Museu Paranaense e, posteriormente, na Exposição Nacional, realizada no Rio de Janeiro, em comemoração ao “Primeiro Centenário da Abertura dos Portos do Brasil ao Comércio Internacional”.

Em 31 de maio de 1907 foi nomeada pelo governo do estado uma comissão para organizar a representação industrial do Paraná na Exposição Nacional, que se daria em junho do ano seguinte na então capital do país, da qual fazia parte Romário Martins, como secretário geral, além de Octavio do Amaral, Brazilino Moura, Oscar Muller, Florestano De Lavigne e Mario Lipikowski.

Essa comissão resolveu promover a Exposição Preparatória em Curitiba, que serviria de ensaio à representação paranaense na Exposição Nacional do Rio de Janeiro e iniciou nomeando comissões regionais, nos municípios do Paraná, para a aquisição e remessa de produtos que estariam dispostos no evento.¹¹⁷

¹¹⁷ Municípios: Paranaguá, Antonina, Morretes, Porto de Cima, Guaraqueçaba, Guaratuba, Piraquara, Cerro Azul, São José dos Pinhais, Araucária, Campo Largo, Palmeira, Campina Grande, Colombo, Bocaiúva, Tamandaré, Votuverava, Assungui, Ponta Grossa, Castro, Guarapuava, Palmas, Porto União, Tibagy, Conchas, Entre-Rios, Imbituva, Ipiranga, Irati, Prudentópolis, Triunfo, São Mateus, Rio Claro, Palmira, Jaguariaíva, Piraí, Tomazina, São José da Boa Vista, Itararé, Jaboticabal, Jacarezinho, Lapa, Rio Negro e Lucena.

O que se pode notar é que houve dificuldade para a ampla participação de todos os municípios, pois representantes de algumas regiões do estado alegavam não encontrar produtos para expor. Foi necessário, então, primeiramente, convencer os industriais paranaenses das vantagens de se participar das referidas exposições e da capacidade industrial, do esforço para o trabalho dos paranaenses e dos recursos naturais de cada local.

Na imprensa saíram propagandas que demonstram claramente a função do museu como espaço para reuniões de membros das comissões das exposições e para recebimento do material que seria exibido nestes eventos, como esta a seguir:

EXPOSIÇÃO NACIONAL

A Exposição Preparatória do Paraná abre-se a 25 de Fevereiro

Diariamente, das 8 horas da manhã às 5 da tarde, os Snrs. Industriaes encontrarão com quem se entender, no escriptorio da COMMISSÃO CENTRAL estabelecido no Museu.

Todos os productos destinados à Exposição, teem transporte gratuito nas estradas de ferro, bastando para isso que venham endereçados á COMMISSÃO CENTRAL DA EXPOSIÇÃO PARANAENSE, EM CURYTIBA

Segundo os jornais da época, não foram poupados esforços pelo governo para dar à exposição o “maior brilho possível”, pretendendo fazê-la um “marco de progresso”, em comemoração à posse do novo presidente interino do Estado, Alencar Guimarães. Novamente pode-se perceber a ligação deste tipo de evento com uma data comemorativa, somada, neste caso, à solenidade do início de um governo, com a posse de um novo representante do poder.

Alguns melhoramentos urbanos foram realizados para a preparação da exposição: a rua Cândido Lopes, em frente ao Museu Paranaense, foi macadamizada; obras foram feitas para a instalação da exposição no pátio do museu, com a construção de pavilhões especialmente para esse fim; o prédio do museu também passou por reformas, tendo sido feito o ajardinamento do pátio por um artista de São Paulo, com os canteiros do jardim em estilo da época, *art nouveau*.

Pela imprensa é possível constatar o que se esperava da exposição: a exibição do estágio de desenvolvimento industrial que se julgava achar o estado e a propaganda para outros estados brasileiros:

*O aspecto em geral é magnífico e estamos certos que (a exposição) será um verdadeiro sucesso que não deslustrará a fama do nosso Estado.*¹¹⁸

*Á comissão promotora do certamen preparatorio a inaugurar-se hoje, asseguramos nosso franco apoio pela dupla vantagem de sua execução: forte incentivo á nossos productores, - compreensão nitida da phase imminente-mente industrial que ora atravessamos.*¹¹⁹

¹¹⁸ A REPUBLICA. Curitiba, 11 de fevereiro de 1908, p. 1.

¹¹⁹ A REPUBLICA. Curitiba, 25 de fevereiro de 1908, p. 1.

A abertura da Exposição Preparatória em Curitiba ocorreu em 25 de fevereiro de 1908, celebrada com a solenidade que se usava em tais ocasiões, com o novo Presidente do Estado desatando as fitas verde e branca, cores da bandeira estadual, e com a execução dos hinos nacional e do Paraná, numa demonstração de patriotismo. Neste primeiro dia, a exposição foi visitada por mais de 2.000 pessoas, um público recorde até então.

A área destinada à exposição no pátio do Museu Paranaense correspondia a 650 metros quadrados e constava de um grande pavilhão central, bem iluminado, onde fora instalada luz elétrica para esta ocasião, medindo 20 metros de frente por 10 metros de fundos, no qual em sua porta principal se destacava um desenho artístico representando as armas do Estado. Esse local foi destinado à mostra dos produtos da indústria fabril e manufatureira de muitas regiões.

À direita deste pavilhão havia uma ala destinada a grandes gaiolas de símios e um aviário. Do outro lado, estavam os animais aquáticos e, à frente, um pavilhão de dois andares, onde funcionava um bar. Ao lado destes pavilhões ficavam as feras nas novas jaulas, que foram construídas segundo o tipo do jardim zoológico de Berlim.

Também nesta exposição, como nas anteriores, os produtos exibidos pelos industriais eram destinados a realçar o progresso e a riqueza natural do estado do Paraná, de forma que os municípios estivessem representados pela exibição dos seus inúmeros produtos: erva-mate (em pacotes e barricas de diversas dimensões preparadas artisticamente), madeiras, cafés, chocolates, vinhos e cervejas de várias qualidades, gasosas, champagnes, produtos de farmácia

homeopática, perfumarias, sabões, sabonetes, tintas, artefatos de alumínio, móveis, massas alimentícias, produtos naturais, como bananas e cereais, cigarros, arreios, couros curtidos, obras de cimento, calçados, vassouras, escovas, colchões, colchas e travesseiros, pássaros embalsamados, fotografias de máquinas, livros e outras obras impressas etc.

Na sala de geologia e mineralogia do Museu Paranaense foram expostas mostras de minerais do Paraná, demonstrando suas aplicações na indústria. No parque do museu funcionou, ao lado da exposição, um cinematógrafo, muito comum à época:

*Desde as primeiras projeções, em 1895, do cinematógrafo de Lumière, as apresentações espalharam-se pelas cidades francesas e pelas capitais de quase todo o mundo. Mas é a partir de 1900, e muito em função da Exposição, que o cinematógrafo começa a ser reconhecido oficial e internacionalmente.*¹²⁰

Não tardou muito para que, da Europa, esses cinematógrafos chegassem a Curitiba; vieram a partir de 1905 e suas apresentações eram consideradas como uma das “diversões modernas, tão em uso das cidades adiantadas”,¹²¹ constituindo-se em um verdadeiro sucesso. As sessões cinematográficas eram mostradas em um lugar para o público, geralmente dentro dos parques, no interior de um teatro ou ao ar livre, onde funcionava o aparelho que apresentava imagens: era

¹²⁰ BRANDÃO, op. cit., p. 79.

¹²¹ A REPUBLICA. Curitiba, 4 de abril de 1908, p. 2.

parte do espetáculo das máquinas, tão apreciadas no mundo no início do século XX e também em Curitiba.

De acordo com a imprensa de então, a exposição de 1908 não assumiu a imponência da Exposição do Cinquentenário, por razões de seu próprio caráter preparatório e da falta de tempo da comissão em prepará-la melhor, já que, como se afirmou na avaliação desse evento, ali não fora exposto “tudo” o que o Paraná produzia.

Mesmo assim, recebeu um grande número de visitantes, pois a exposição era aberta diariamente à visitação pública depois das 17 horas, fato que era incomum ao museu. Funcionou por um mês e meio até 12 de abril de 1908 e, logo que foi encerrada, a comissão deu início à seleção e aquisição de produtos industriais a serem destinados ao Rio de Janeiro.

Para a Exposição Nacional foi constituída no estado do Paraná uma comissão, nomeada por decreto em abril de 1908, composta por seis membros, entre os quais, Romário Martins, que recebia industriais e expositores no Museu Paranaense para a inscrição no evento.

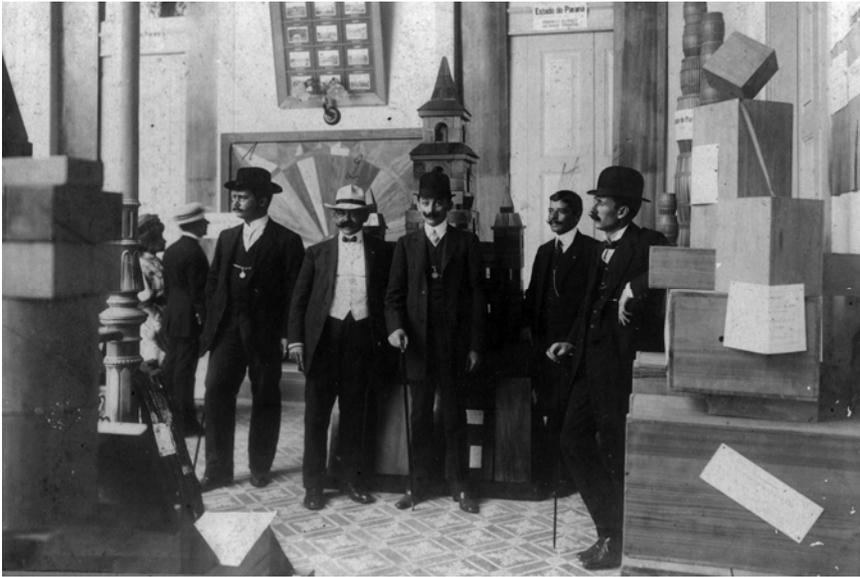


Foto 2 - Comissão do Estado do Paraná na Exposição Nacional de 1908, em frente aos objetos de madeira expostos na Seção Paranaense. Aparecem, da esquerda para a direita: Dr. Jayme Drumond dos Reis, Brazilino Moura, Antonio Augusto de Carvalho Chaves, Paulo d'Assumpção e Romário Martins. Acervo do Museu Paranaense.

Segundo Margarida Neves,¹²² o pretexto para essa mostra nacional foi a comemoração do centenário da abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional. Entretanto, o objetivo principal era, de acordo com o discurso do Presidente da República Affonso Pena (proferido na sessão solene de abertura do Congresso, em 1908), servir como um “largo inquérito sobre a situação econômica do país”, traçando um inventário da economia brasileira.

¹²² NEVES, op. cit., p. 52.

Nessa exposição, os dez mil visitantes que por ela passaram, segundo estatísticas oficiais, se depararam com uma síntese da grandiosidade do país e de suas riquezas naturais, com a produção dos diversos estados brasileiros e a importância da cidade do Rio de Janeiro como capital da modernidade brasileira e do Estado, agente da modernização do país.

Os valores e as ideias que se podiam depreender do evento, organizado pelo governo federal, eram a imagem de progresso do país, capaz de atingir o tão almejado grau de cultura e civilização.

Já por decreto do Presidente do Estado do Paraná, Manoel de Alencar Guimarães, um dos objetivos desta exposição era que fossem preenchidas as lacunas notadas na Exposição Preparatória e, para tanto, procurou-se promover os meios para que os industriais paranaenses fossem representados na capital da República.

Talvez por essa razão, o Paraná se fez representar neste evento com tamanha variedade de produtos que, de acordo com a imprensa, se ressentiu da falta de espaço para acomodar tudo o que foi enviado à exposição, apesar da boa distribuição das salas para a instalação de suas mostras, já que não chegou a construir um pavilhão próprio como alguns outros estados.

A Seção Paranaense dispunha no andar superior do edifício central de um pavilhão, composto por dois grandes salões, uma varanda, dois corredores e um amplo patamar situado no alto da escadaria, em comunicação direta com o salão destinado às solenidades oficiais.

Como se pode notar através das fotografias do evento, os produtos predominantes na exposição paranaense foram as riquezas naturais, como a erva-mate e as madeiras. As duas associações agrícolas de Curitiba, a Sociedade de Agricultura do Paraná e a Sociedade Teuto-Brasileira de Agricultura foram responsáveis pela Seção de Agricultura, apresentando diversas culturas e amostras de produtos agrícolas dentro de um moinho, contendo cereais. Além disso, havia mel, café, batata, cebola, frutas, fumo e farinhas (de diversas qualidades) e fardos de palhões para engarrafamento, que o Paraná exportava em quantidade.

Ao lado do moinho havia fotografias com vistas de aspectos da vida rural paranaense: colônias, lavouras, camponeses (poloneses e italianos), e ervais, pinheirais, entre outras. Foram também expostas telas pintadas a óleo da Escola de Desenho Alfredo Andersen, representando frutas, flores, tipos de colono e mate.



Foto 3 - Seção de Agricultura do Paraná da Exposição Nacional de 1908. Espécie de moinho com sementes e plantas da Sociedade Teuto-Brasileira de Agricultura, de Curitiba. Acervo do Museu Paranaense.

Na Seção das Indústrias fabril e extrativa havia mostruários de muitas fábricas, com produtos como massas alimentícias, lácteos, chocolates, conservas, vinhos, licores, cervejas, águas minerais, charutos, vidros, porcelanas, louças, cerâmicas, tecidos de algodão, calçados, mobílias e diversos mais.

A Seção de Artes Liberais era composta por departamentos de Belas Artes, Numismática, Arte Musical, Fotografia, Tipografia, Litografia, Papelaria, Livros e Publicações.

No que se refere à madeira, segundo a imprensa, a representação do Paraná foi a melhor do país, não somente pelo grande número de espécies, mas pela maneira original de suas instalações. As amostras de madeiras foram apresentadas de diferentes modos: em forma bruta e em condições possíveis de consumo, como cadeiras, mesas, berços, barricas e palitos de fósforos ou, ainda, preparadas em cubos montáveis em castelos e pontes, além de peças próprias para diferentes aplicações, como tábuas para paredes, soalhos, tetos, mesas.

No catálogo do estado do Paraná, distribuído nas salas ocupadas por este estado, há um trabalho de Paulo d'Assumpção descrevendo mais de 100 espécies de madeiras mostradas na exposição, com a respectiva origem, designação científica, emprego, condições de resistência e de aquisição. Neste mesmo catálogo, Romário Martins escreveu sobre a Seção de Agricultura e Domingos Nascimento, sobre fibras têxteis.



Foto 4 - *Stand* da Seção Paranaense na Exposição Nacional de 1908, com decoração de bandeiras e símbolos patrióticos, onde estavam expostos diversos objetos de louça e de madeira do Paraná. Acervo do Museu Paranaense.

O Museu Paranaense enviou 84 amostras de minerais, que foram expostos em duas vitrines, além de mais de 90 amostras de madeiras, de 1ª e 2ª qualidades, como peroba, pinho, cedro, imbuia, jacarandá, cereja.

A metalurgia foi representada por duas fundações: Muller & Filhos e Frederico Segmüller, com sinos, gradis, fogões, máquinas diversas e granadas para artilharia.

A seção dos couros era grande, com mostra de peles curtidas, couros de bois e peles mais delicadas, como pelicas, cobrindo os muros das paredes da sala e com as possibilidades de sua aplicação, em malas, selins, sapatos e arreios.



Foto 5 - Uma das salas da Seção Paranaense na Exposição Nacional de 1908. Na parede, couros curtidos e, à direita, caixas empilhadas destinadas a armários, fazendas, cervejas, conservas, frutas, licores, pregos e velas. Acervo do Museu Paranaense.

A imprensa foi favorável na avaliação da exposição paranaense na capital federal, considerando um sucesso pela demonstração que deu este estado, ainda jovem, das suas “inestimáveis” riquezas naturais e do “notável” desenvolvimento industrial.

Através das análises destas exposições foi possível detectar as funções que o Museu Paranaense desempenhava nestes eventos como um espaço para a busca de uma identidade regional, já que essas exposições eram oportunidades de o museu ganhar visibilidade, refletindo uma diferenciação do Paraná perante outros estados do Brasil.

Além disso, essas exposições atraíam o interesse da população paranaense e, na maioria das vezes, causavam boa impressão ao público, como provam as estatísticas já comentadas por ocasião do ano de 1908, com o grande aumento de visitantes ao museu.

Analisando-se desde o projeto da criação de um museu para o estado do Paraná, em 1874, quando seu primeiro acervo foi formado pelo aproveitamento do material que chegava das exposições, constatou-se a importância destas mostras no ideal da construção da nação/estado.

Foi por meio destas exposições que o Museu Paranaense procurou cumprir uma função, criando uma representação do território, por meio da exibição das riquezas naturais do Paraná.

CONCLUSÃO

A construção de uma identidade para o Paraná se constituiu em um longo processo, iniciado antes mesmo da fundação do Museu Paranaense, desde o início do século XIX, quando se lutava pela emancipação política e territorial da Quinta Comarca da Província de São Paulo.

No período estudado, as províncias do sul do Brasil estiveram envolvidas em disputas de fronteiras, sendo bastante visível a preocupação com a construção do território e a valorização dos sentimentos de patriotismo.

Nesta conjuntura, de formação de uma nacionalidade brasileira e de um sentimento de pertencimento à pátria, o Paraná, a última província criada no tempo do Império, tinha a necessidade de se afirmar perante a nação, buscando uma identidade própria, como um local com características distintas de outras regiões do país, principalmente de São Paulo, do qual foi emancipado politicamente e, mais tarde, de Santa Catarina, com o qual estava em litígio de terras.

A construção desta imagem se fazia a exaltação das potencialidades do Paraná e das peculiaridades do estado, que teria uma natureza e população com características diferentes de outras localidades brasileiras.

Nos seus anos iniciais, o Museu Paranaense pode ser caracterizado como as outras instituições congêneres do país, como um “gabinete de curiosidades” e um museu de história natural, pois seu acervo era constituído por exemplares referentes às ciências naturais, de botânica, de mineralogia e, predominantemente, de zoologia, por coleções de numismática e de objetos arqueológicos, ao lado de fotografias, quadros e objetos de personagens importantes, além de objetos exóticos e curiosidades.

Entretanto, no início do século XX, acompanhando as transformações do país, do estado e da cidade de Curitiba, o Museu Paranaense foi se modificando e o discurso de Romário Martins e sua posição ideológica tiveram grande influência nos rumos da instituição.

Eram, então, objetivos do museu, a conservação, legitimação e veiculação de uma noção de história elaborada em outras instituições, como o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense e pelo historiador Romário Martins.

Esse diretor participou na construção de uma identidade regional, seja pelas suas publicações, como artigos e livros sobre a história do Paraná ou por suas atividades políticas, nas quais manifestava sua preocupação pelas coisas do seu estado. Soma-se a isso sua intensa atividade legislativa, com a elaboração de projetos de leis referentes a comemorações e símbolos cívicos, à preocupação com a devastação das florestas e do esgotamento do potencial econômico da reserva vegetal do estado, portanto de proteção às riquezas naturais paranaenses e, ainda, seu papel como jornalista e chefe de redação do jornal *A Republica*.

A relação do Museu Paranaense com o seu diretor Romário Martins pode ser considerada como um “caminho de mão-dupla”. Se, por um lado, Romário aproveitava este local para suas pesquisas, reuniões com outras associações, para publicações de seus livros, quase como seu escritório particular, por outro, o prestígio que este diretor possuía junto ao governo e como deputado estadual permitia uma boa divulgação do museu e possibilidades de algumas regalias, como a participação nas “grandes” exposições.

Como idealizador, fundador e membro por muitos anos do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, Romário foi o responsável pela estreita relação que este instituto manteve com o Museu Paranaense no período analisado, com objetivos e atividades que se articulavam, já que as duas instituições contavam com a sua atuação.

Também como formador de opiniões, discorrendo sobre assuntos culturais, por exemplo, sobre o nome do Teatro Guaíra, em 1900, numa polêmica entre os jornais *A Republica* e o *Diario da Tarde* e com o seu nome ligado ao Museu Paranaense, conseguia colocar esta instituição na mídia.

Como político e contando com o apoio oficial do Estado conseguiu, em 1904, a aprovação de uma lei que obrigava os comissários de medição de terras a entrega de material que encontrassem em suas explorações para o acervo do museu, como artefatos indígenas, objetos fósseis e amostras de minerais.

Romário tinha a intenção de que o museu se tornasse uma instituição científica, nos moldes daquelas de outros centros brasileiros, como o Museu Nacional, o Museu Paraense Emilio Goeldi e o Museu Paulista, com pesquisas nas áreas de arqueologia, antropologia, etnologia e história e, por essa razão, buscava seguir os critérios que possibilitassem o desenvolvimento das ciências naturais, como a classificação sistemática dos objetos e o envio dos produtos mais peculiares para outros locais.

Como um dos mais importantes propagadores do movimento paranista, durante sua gestão como diretor o museu se constituiu em uma espécie de “laboratório” para o paranismo, um espaço por ele utilizado para expor suas ideias, já que, em outubro de 1927, quatro meses antes de Romário ter deixado a direção do museu, ele fundou o Centro Paranista.

Os elementos para a construção de uma identidade para o Paraná baseavam-se no território, na qualidade da terra própria para a lavoura e nos produtos típicos que ela continha, como o pinheiro, a madeira e a erva-mate; nas riquezas naturais, como os minérios que podiam ser extraídos deste território; no clima (ameno e temperado) e no povo, com valores característicos, composto por uma população ordeira, disciplinada, empreendedora e “civilizada”.

De muitas formas é possível perceber a contribuição do museu na busca dessa identidade para os paranaenses: pela sua participação nas diversas exposições do período, as quais visavam, entre suas finalidades, afirmar a identidade do novo estado perante os outros estados brasileiros; pela política de aquisição para o seu acervo de quadros de célebres políticos paranaenses e de objetos de

arqueologia, antropologia e etnologia para a reconstrução de seu passado; pela publicação de material de divulgação de assuntos referentes ao Paraná, como o homem e o território paranaenses e como um espaço cultural para reuniões de membros de outros institutos e associações, em que a discussão versava sobre esses temas, como da Sociedade Estadual de Agricultura do Paraná e do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense.

Acredito que o Museu Paranaense, mesmo caracterizado como um palco de memória, semelhante a outros museus nacionais, sendo um museu de pequeno porte se comparado aos de outros estados brasileiros e, apesar dos problemas que permaneceram até o início do século XXI, cumpriu uma importante função como espaço para a construção de uma identidade regional, num processo que nos traz à luz um momento importante da vida cultural do estado do Paraná.

BIBLIOGRAFIA

- AMADIGI, Fausto Rogério. **Legislação florestal no Paraná**: a “preocupação ecológica” de Romário Martins (1907-1944). Curitiba, 1999. 66 f. Monografia (Conclusão do curso de História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- ANAIS DO MUSEU PAULISTA. São Paulo, 1944.
- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- BARBUY, Heloisa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Série, v. 4, p. 211-261, jan./dez. 1996.
- BEGA, Maria Tarcisa S. **Sonho e invenção do Paraná**: geração simbolista e a construção de identidade regional. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP.
- BITTENCOURT, José N. **Território largo e profundo**: os acervos dos museus do Rio de Janeiro como representação do Estado Imperial. 1808-1889. Niterói, 1997. 422 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: EdUNB, 1997.

- BOJANOSKI, Silvana de F. **Museu Paranaense**: um marco da modernidade regional. Curitiba, 1992. 35 f. Monografia (Conclusão do curso de História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- BRANDÃO, Angela. **A fábrica de ilusão**: o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913), Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1994.
- BREFE, Ana Cláudia F. Os primórdios do Museu: da elaboração conceitual à instituição pública. In: **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, n. 17, p. 281-315, 1998.
- BURMESTER, Ana Maria; PAZ, Francisco; MAGALHÃES, Marionilde Dias Brephol de. O paranismo em questão: o pensamento de Wilson Martins e Temístocles Linhares na década de 50. In: SILVA, Marcos Aurélio da. **República em migalhas**: história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 145 a 160.
- CANCLINI, Néstor García. O patrimônio cultural e a construção imaginária do social. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília, n.23, 1994.
- CARNEIRO, David. Efemérides Paranaenses. In: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v. XXXI, 1976.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CHAGAS, Mário de S. e GODOY, Solange. Tradição e ruptura no Museu Histórico Nacional. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro, v. 27, p. 31-59, 1995.
- CUNHA, Oswaldo Rodrigues da, et al. **O Museu Paraense Emilio Goeldi**. São Paulo: Banco Safra, 1966.

- DE BONI, Maria Ignês. **O espetáculo visto do alto**; vigilância e punição em Curitiba (1890-1920). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- GERMINARI, Geyso Dongley. **Museu Paranaense**: um marco na construção da identidade paranaense no século XIX. Curitiba, 1997. 35 f. Monografia (Conclusão do curso de História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- GUARNIERI, Waldisa Rússio. Museu, museologia, museólogos e formação. **Revista de Museologia**. São Paulo, Ano 1, n. 1, p. 7-11, 1989.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma**: a modernidade na selva. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- _____. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOLLANDA, Guy de. **Recursos educativos dos museus brasileiros**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e Organização Nacional do ICOM (The International Council of Museums), 1958.
- JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

- KERSTEN, Márcia S. De A. **Os rituais de tombamento e a escrita da história**. Bens tombados no Paraná, entre 1938-1990. Curitiba, 1998. 325 f. Tese (Doutorado) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- KUBO, Elvira M.; POSSE, Zulmara C. S. & CARDOSO, Jayme A. O Museu Paranaense na história do Paraná. In: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH). **Anais da XVII Reunião**. São Paulo, p. 59-63, 1997.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: ROMANO, R. (dir.) **Enciclopédia Einaudi**, v. 1, p. 95-106, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.
- _____. Memória. In: ROMANO, Ruggiero (dir.) **Enciclopédia Einaudi**, v. 1, p. 11-50, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.
- MACHADO, Brasil Pinheiro. A historiografia de Romário Martins na sua “História do Paraná”. In: **Boletim do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná**. Curitiba, n. 21, 1974.
- MAGALHÃES FILHO, Francisco. Evolução histórica da economia paranaense. In: **Revista paranaense de desenvolvimento**. Curitiba, v. 28, p. 31-52, jan./fev. 1972.
- MARTINS, Romário. **Curitiba de outr’ora e de hoje**. Curitiba: Prefeitura Municipal, 1922.
- _____. **Quantos somos e quem somos**: dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941.
- _____. **Terra e Gente do Paraná**. Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Nova Série, n. 1, p. 207-222, 1993.

- MOREIRA, Júlio Estrella. **Dicionário bibliográfico do Paraná**. Curitiba: Museu Paranaense, 1960.
- NEVES, Margarida de S. As arenas pacíficas. **Revista Gávea**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica - RJ/ Departamento de História, n. 5, 1988.
- _____. **As vitrines do progresso**. Relatório de Pesquisa. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica - RJ/ Departamento de História, FINEP, 1986.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, dez. 1993.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- PARANÁ. **Trajetória das sedes do Museu Paranaense**. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, Secretaria de Estado da Cultura, Museu Paranaense, s/d.
- PAZ, Francisco Moraes. **Na poética da História**: a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba, 1995. 563 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- PEREIRA, Luis Fernando Lopes. **Paranismo**: cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba, 1996. 215 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **Semeando iras rumo ao progresso**: (ordenamento jurídico e econômico da Sociedade Paranaense, 1829-1889). Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições universais**: espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- _____. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Nova Série, v. 2, 1994.

- POSSE, Zulmara; KUBO, Elvira; CARDOSO, Jayme. A história no Museu: o projeto no Museu Paranaense. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA (SBPH), 1996. Curitiba. **Anais da XVI Reunião**. Curitiba, p. 63-66, 1996.
- RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. **Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)**. São Paulo, 1985. 261 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- SANTOS, Nestor Vítor dos. **Terra do futuro: impressões do Paraná**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.
- SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças: cientistas, intuições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. O nascimento dos museus brasileiros (1870-1910) In: MICELI, Sérgio et al. **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais/IDESP, p. 20-71, 1989.
- SPIELBAVER, J.K. Identidade. **Cadernos Museológicos**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1990, 2ª ed., n. 1, set 1989.
- SZVARÇA, Décio. **O forjador: ruínas de um mito**. Romário Martins, 1893-1944. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República**. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.
- _____. Parandade ou Paranismo? A construção de uma identidade regional. **Revista da SBPH**. Curitiba, n. 13, p. 65-74. 1997.

FONTES

A EXPOSIÇÃO DO CINCOENTENARIO. Curitiba: Impressora Paranaense, 1905.

A REPUBLICA. Curitiba. 1900 a 1928.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO PÚBLICO-DEAP. Documentos de Romário Martins.

DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba. 1875.

DIARIO DA TARDE. Curitiba. 1902 a 1928.

FERNANDES, J. Loureiro. Romário Martins. O fundador do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v. 4, n.1, p. 17-33, jan. 1950.

_____. **Museu Paranaense**: resenha histórica, 1876-1936. Curitiba: Museu Paranaense, 1936.

FERNANDES, J. Loureiro e NUNES, Marília Duarte. **Oitenta anos de vida do Museu Paranaense**. Edição comemorativa. Curitiba: Museu Paranaense, 1956.

LEÃO, Agostinho E. de. **Guia do Museu Paranaense**. Curitiba: Impressora Paranaense, 1900.

MACIEL, Marcial. Romário Martins, o esquecido. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v. 9, p. 22-25, 1967.

_____. Romário na intimidade. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v. 23, p. 43-50, 1974.

MARTINS, Romário. (org.) **Catálogo do Estado do Paraná**: agricultura, indústrias, artes liberais, pecuária. Rio de Janeiro: M. Orosco, 1908.

_____. **Catálogos e estudos do Museu Paranaense**. (Separata do Relatório apresentado a S. Excia. o Sr. Presidente Munhoz da Rocha por Excia. Sr. Alcides Munhoz, Secretário Geral do Estado). Curitiba: Mundial, 1925.

_____. Correspondência pessoal. Reserva Técnica do Museu Paranaense.

_____. **Paranística**. A Divulgação. Curitiba: fev./mar. 1946.

MUSEU PARANAENSE. **Arquivos do Museu Paranaense**, v. 1-10, jun.1941/dez. 1954. Curitiba: Museu Paranaense, 1941-1954.

_____. **Arquivos do Museu Paranaense**, Nova Série, 1955-1993. Curitiba: Museu Paranaense, 1955-1993.

_____. **Boletim do Museu Paranaense**. Curitiba: Museu Paranaense, n. 1, 1904.

_____. **Boletins do Museu Paranaense**, 1968-1979. Curitiba: Museu Paranaense, 1968-1979.

PARANÁ. **Collecção de Decretos e Regulamentos de 1913**. Curitiba: Typ. d' "A Republica". 1913. (1914, 1915, 1916, 1918)

_____. **Leis**. 1907 a 1911.

_____. **Leis de 1910**. Curitiba: Typ. d' "A Republica". 1910. (1912, 1913).

_____. **Leis, Decretos e Regulamentos**. 1900. Curitiba: Typ. d' "A Republica". 1901. (1902, 1903, 1904, 1905, 1906).

_____. **Leis e Decretos não sancionados**. 1909. Curitiba: Typ. da Penitenciaria do Estado, 1913. (1908, 1911).

_____. **Relatórios e mensagens de Presidentes de Província, Presidentes de Estado e Governadores de Estado ao Poder Legislativo do Paraná**, entre 1875 e 1930.

_____. **Relatorios apresentados ao Governador do Estado do Paraná pelo Secretario de Negocios do Interior, Justiça e Instrucção Publica**. Curityba: Typ. e Lith. a vapor da Companhia Impressora Paranaense, 1895. (1904, 1905, 1906).

_____. **Relatorio apresentado ao Secretario d'Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrucção Publica, Bento José Lameinha Lins pelo diretor do Museu Paranaense, Romário Martins em 1º de janeiro de 1906**. Curityba: Typ. e lith. a vapor da Companhia Impressora Paranaense, 1906.

_____. Presidente de Estado (1912-1916: Carlos Cavalcanti). **Relatorio apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque. Presidente do Estado do Paraná pelo Dr. Ernesto Luiz de Oliveira, Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Comercio e Industria do Paraná**. Curitiba, 1914. (1915).

_____. Secretaria de Estado da Cultura. Caderno de Pesquisa e Documentação I. **Mão Dupla**. Curitiba, 1989. (**Dupla II**, 1991)

TREVISAN, Edilberto. A formação de Romário Martins. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v. 23, p 5-26, 1974.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Boletim do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná**. Curitiba, n. 21, 1974.

ANEXOS

Anexo 1 - Regulamento do Museu Paranaense.

PARANÁ. Leis, decretos, etc., Coleção das leis e decretos da Província do Paraná em 1882. Curityba, Typ. Perseverança, 1882. v. 29.

ACTO n. 393

REGULAMENTO DO MUSEU PARANAENSE

CAPITULO I

DO MUSEU, SEU FIM, ORGANISAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO.

Art. 1º O Museu Paranaense, estabelecido nesta capital em edificio proprio provincial é destinado a colligir e conservar sob sua guarda, devidamente classificados, os productos naturaes e industriaes que interessem ao estudo da historia natural ou que mostrem as riquezas da provincia e quaesquer curiosidades em geral.

Art. 2º Dividir-se ha em quatro secções:

1ª De anthropologia, zoologia e paleontologia animal.

2ª De botanica em geral e paleontologia vegetal.

3ª De mineralogia e geologia.

4ª De archeologia, ethnographia e numismatica.

Art. 3º A direcção do estabelecimento será exercida por um director que o governo da provincia nomear.

Art. 4º Além do director, haverá um secretario, que será empregado provincial, e um porteiro, que fará as vezes de servente, ambos nomeados pelo governo.

Parágrafo unico. Ao porteiro se abonará uma gratificação.

Art. 5º Ao director compete:

Dirigir e fiscalisar todo o serviço do estabelecimento.

Propor pessoa idonea para o cargo de porteiro.

Representar ao governo da provincia sobre as providencias que julgar convenientes ao estabelecimento.

1. Promover relações entre o Museu e analogos estabelecimentos.
2. Assignar a respectiva correspondencia, abrir, encerrar e rubricar os livros que forem necessarios ao serviço.
3. Apresentar annualmente ao governo um relatorio dos negocios concernentes ao estabelecimento á seu cargo, indicando as medidas que julgar convenientes.
4. Nomear agentes, em quaesquer localidades para aquisição de productos que possam figurar no Museu.
5. Indicar ao governo da provincia as pessoas, que, por seu reconhecido merito e serviços prestados ao estabelecimento, se tornem dignas do titulo de membros benemeritos do Museu Paranaense.
6. Nomear quem substitua ao porteiro nos impedimentos deste.

Art. 6º Ao secretario compete:

1. Fazer toda a correspondencia e escripturação do estabelecimento.
2. Organizar o archivo de todos os papeis e tel-o sob sua guarda.

Art. 7º Ao porteiro compete:

1. Abrir e fechar as portas do edificio, velar pela segurança e asseio deste e suas dependencias.
2. Expedir a correspondencia e cumprir todas as ordens do director.

Art. 8º O director e o secretario serão substituidos em suas faltas ou impedimentos por quem o governo da provincia designar.

Art. 9º Será franqueada ao publico nos domingos e dias santificados, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, a visita do estabelecimento.

Art. 10. - Em quaesquer outras occasiões, alem das indicadas no artigo antecedente, poderão visitar o estabelecimento as pessoas que para esse fim obtiverem cartão de ingresso, assignados pelo director.

Parágrafo unico. Os salões do estabelecimento não serão franqueados senão para trabalhos scientificos e ahi somente reunioes dessa natureza poderá permitir o director.

CAPITULO II

DOS CURSOS PUBLICOS

Art. 11. - O director do Museu promoverá o ensino das sciencias phisicas e naturaes por meio de conferencias, que se realizarão em uma das salas do estabelecimento nos dias que designar.

Art. 12. - Para o desenvolvimento do ensino poderá o director do Museu promover a fundação de uma associação, que receberá do governo provincial os auxílios de que necessitar.

CAPITULO III

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 13. - Os nomes das pessoas que fizerem ao Museu donativos de importancia, á juizo do director, serão inscriptos de modo visivel em um quadro collocado em lugar especial do edificio com declaração do serviço prestado.

Art. 14. - São considerados benemeritos do Museu Paranaense, devendo seus nomes ser inscriptos, desde já, na sala principal do estabelecimento, os Drs. Adolpho Lamenha Lins, presidente que foi desta provincia, José Candido da Silva Murici e Agostinho Ermelino de Leão.

Art. 15. - Ficam revogadas as disposições em contrario.

Palacio da Presidencia do Paraná, em 30 de Dezembro de 1882.

Carlos Augusto de Carvalho.

Anexo 2 - Mensagens do Centro Paranista Mensagem ao Illustre Republico Paranista, Dr. Affonso Camargo.

Paranista é todo aquelle que tem pelo Paraná uma affeição sincera, e que notavelmente a demonstra em qualquer manifestação de actividade digna, util á collectividade paranaense.

Esta é a accepção em que o neologismo, si é que é neologismo, é tido por esse nobre movimento de idéas e iniciativas contidas no Programma Geral do “Centro Paranista”.

Associação de amigos do Paraná, o “Centro Paranista” tem por objectivos o estudo, o estímulo, a realização de tudo quanto concernir ao conhecimento, ao progresso, á civilização do Estado. Dentro dessa ordem de idéas e nessa orientação, consequentemente se desdobram, para todos os horizontes de nossas actividades theoricas e praticas, finalidades altas e magnificas que constituem o ideal “ paranista”, filho legitimo da brasilidade e integrador de todos os nosso ethnos sociaes no espirito novo e liberal dos nossos designios.

Paranista é aquelle que em terras do Paraná lavrou um campo, vadeou uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma machina, dirigiu uma fabrica, compoz uma estrophe, pintou um quadro, esculpiu uma estatua, redigiu um lei liberal, praticou a bondade, iluminou um cerebro, evitou uma injustiça, educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma arvore.

Paranismo é o espirito novo, de elance e exaltação, idealizador de um Paraná maior e melhor pelo trabalho, pela ordem, pelo progresso, pela bondade, pela justiça, pela cultura, pela civilização. É o ambiente de paz e de solidariedade, o brilho e a altura dos ideaes, as realizações superiores da intelligencia e dos sentimentos.

Nós que aqui estamos nos esforçando por fazer germinar e florir e fructificar esse ideal entre as gentes que estão povoando e affeiçãoando aos surtos de uma maior grandeza este trecho lindo e dadivoso das terras de nossa Patria, - pretendemos que o “paranismo” seja a fé constante nas nossas realizações, a confiança no nosso futuro, a ufania do nosso passado, o dynamismo da nossa vitalidade, o heroismo pacifico do nosso trabalho, a confraternização dos nossos elementos sociaes de todas as origens, para a formação desse espirito de brasilidade que nos ha de salvar de nós mesmos.

Os Estados cosmopolitas como o nosso, povoados pelas immigrações, vão constituindo sua sociedade por agrupamentos entre si distinctos pelas tradições, pelos costumes, pelas tendencias espirituaes e sentimentaes, pelo pensamento e pela linguagem, seguindo os traços caracteristicos de suas origens ancestraes.

Nós estamos nessa situação.

Nossa sociedade, unida por direitos e deveres civis e politicos e por uma certa communitade de interesses, se subdivide em nucleos de sentimento e de mentalidade consoante as origens de cada grupo ethnico de que se constitue.

Um sociologo teria em nosso meio um campo interessantissimo de estudos em numerosos grupos de nossa população, distinctos entre si.

Sem sahir de Curtityba, teria a seu dispôr materiaes ethnographicos para estudar a diversidade de usos e costumes, de temperamento e de character, de intelligencia e de imaginação, que nos fazem a sociedade mais cosmopolita do Brasil. Quem vier a Curityba esperando ver uma cidade nos moldes das cidades historicas do paiz ou mesmo daquellas onde já penetrou determinado ethno adventicio, terá uma perturbadora surpresa. A Capital do Paraná, originaria de povoadores portugueses, hespanhóes, indios e negros e seus mestiços e

descendentes, até 1853 tinha realmente os característicos das demais cidades do sul do paiz.

Dahi em diante, porém, entraram a constituil-a e a lhe encaminhar o progresso e a civilização, allemães e austriacos, depois franceses argelinos, suissos allemães, húngaros, belgas, suécos, irlandeses, hollandeses, russos, dinamarqueses, italianos, polacos, syrios, etc., realizando esse typo de cidade que ahí está, cujos característicos mal se ajustam em conjuncto, mas se agrupam em nucleos distinctos segundo as suas corespondentes cepas ancestraes.

Da parte do antigo ethno lusitano e de sua mestiçagem, restam-nos a ascendencia historica, a lingua grammatical, official e academica, e, graças aos Céos! os sentimentos fundamentaes affectivos, generosos, altos, a agilidade mental, o amor á liberdade, os principios da fé christã, aliás felizmente communs á massa integral de nossa actual população.

O que havemos de ser no futuro ainda distante, como typo ethnico nacional em terras do Paraná, não se resolve com as cogitações da hora presente, nem siquer o advinham as previsões thaumaturgicas dos sociologos.

Seremos “o que houvermos de ser, tranquillamente, sem espéques nem anteparos ridiculos”. Diante do futuro, escreveu João Ribeiro, “estamos como aquelle pintor inepto de que fala Cervantes no *D. Quixote*, o qual não sabia bem o que lhe dariam os pinceis e a palheta.”

- *Que é que V. Mercê está pintando? É uma onça ou uma pessoa?*

- *Eu mesmo não sei, (respondeu elle). É o que sahir”.*

Creemos nós, porém, para satisfação do nosso amor ao Brasil e ao Paraná, que das matizes ethnicas do paranaense de hoje não sahirá a onça, mas o homem: o paranaense do futuro, com a eugenia de todas as raças e com os

nobres sentimentos de nossa primeira formação historica, para pôr ao serviço do Brasil todas as immensuraveis forças e riquezas naturaes do nosso territorio e realizar o typo ideal do paranista – da vontade realizadora, da cooperação fraternal, da cultura generalizada, da belleza physica e moral, - de um Paraná erguido no apice de sua propria grandeza.

Nós queremos raciocinar sobre realidades e não sobre as abstracções da phantasia. Precisamos crear communicantes entre os tão variados agrupamentos ethnicos que formam a nossa actual sociedade, e esses communicantes hão de ser a facilitação e a nobilitação do trabalho, a educação dos espiritos e dos sentimentos, o aceno de interesses de ordem geral despertando desejos honestos e aspirações legitimas, a fraternização dos ideaes, as conveniencias regionaes e nacionaes bem entendidas e generalizadas.

Nós todos que constituimos a sociedade paranaense, sem distincção de origem, somos os depositarios da belleza e da riqueza e os responsaveis pelos destinos desta grande e generosa terra do Paraná. Em nada importam as nossas origens ethnicas; o que importa aos nossos e aos interesses do Brasil e da Humanidade, é que a amemos com sinceridade e que irmanados a façamos prospera e feliz, porque é a nossa propria prosperidade e felicidade que assim estaremos edificando, - para nós todos e para todos os que hão de vir.

Pelo Centro Paranista.

Romario Martins.

Mensagem do Centro Paranista

O CENTRO PARANISTA é a mais vasta iniciativa e alevantada contribuição de ordem social que a iniciativa particular tem ideado e tentado organizar no Paraná.

Sua eficiência depende da colaboração de todos os nossos valores sociais representativos do trabalho, de todos os nossos concidadãos capazes de esforços úteis á comunidade.

Não queremos a adesão dos incapazes nem dos egoistas.

Elles são os entraves do progresso e da civilização, - o peso morto da humanidade.

Tambem não solicitamos dos nossos concidadãos apenas a cooperação pecuniaria, mas tambem e sobre tudo a colaboração moral, intellectual e civica.

Quem não tiver pelo Paraná uma sincera afeição e não fôr capaz de um esforço pelo seu progresso, não deve se alistar entre os socios do CENTRO PARANISTA.

Anexo 3 - Relação das obras de Romário Martins

Esta lista das obras de Romário Martins está de acordo com suas notas manuscritas encontradas na caixa-arquivo nº 12 do Departamento Estadual de Arquivo Público- DEAP e com seu livro “Dados Bio-bibliográficos até 1945”.

Vozes Íntimas (1893)

Noites e alvoradas (1894)

O Socialismo (1895)

Ruínas (contos) (1898)

Combate do Cormorant (1898)

História do Paraná (1555-1853) (1899)

Almanaque do Paraná (1899-1903)

Psicologia da placa (1900)

Paraná antigo e moderno (1900)

Limites a Sueste (1901)

Motivos da criação da Província do Paraná (1901)

Limites interestaduais entre o Paraná e Santa Catarina (1901)

Argumentos e subsídios sobre a questão de limites entre o Paraná e Santa Catarina (1902)

O Rio Sahy (1904)

A Exposição do Cinquentenário (1905)

Curitiba. História de sua fundação (1906)

- Paranaguá. História de sua fundação (1906)
- O Que é o Paraná (1907)
- Catálogo dos jornais do Paraná de 1854 a 1907 (1908)
- Catálogo do estado do Paraná na Exposição Nacional de 1908 no Rio de Janeiro (1908)
- O pinheiro do Paraná e suas necessidades (1908)
- Três estudos da questão de limites Santa Catarina versus Paraná (1909)
- Santa Catarina versus Paraná (1909)
- Catálogos de mapas dos séculos XVII a XIX (1910)
- Limites interestaduais entre o Paraná e Santa Catarina (1910)
- Lages. Histórico da sua fundação (1910)
- Mapas da questão de limites entre o Paraná e Santa Catarina (1910)
- Mapa do Estado do Paraná para estudo da questão de limites com Santa Catarina (1911)
- O litígio em face do acordão de 6 de julho de 1904 (1911)
- Litígio territorial entre o Paraná e Santa Catarina (1911)
- O que eu faria se fosse advogado (1914)
- Mapa etnográfico do Paraná (1915)
- Alguns mapas dos séculos XVII a XIX (1915)
- Documentos comprobatórios dos direitos do Paraná na questão de limites com Santa Catarina (1915)
- Ararapira. Limites com São Paulo (1915)

- O livro do mate (1916)
- Alguns aspectos do Paraná (1918)
- A devastação dos pinheirais e a reflorestação industrial no Paraná (1919)
- A bandeira dos Estados Unidos do Brasil (1921)
- Ligação ferroviária do Paraguai com um porto no Atlântico (1921)
- Mapa geral do estado do Paraná (1921)
- Como se fez a nossa independência (1922)
- Curitiba de outrora e de hoje (1922)
- Bicentenário de uma santa (1922)
- O estado do Paraná na exposição do centenário (1822-1922) (1923)
- Cafelândia, terra das glebas de ouro (1924)
- A caça e a pesca no Paraná (1924)
- Código da erva-mate (1925)
- Código florestal (1925)
- Catálogos e estudos do Museu Paranaense (1925)
- Curitiba, estudo onomástico (1926)
- Ilex-mate (1926)
- Manifesto e Programa do Centro Paranista (1927)
- União Rural Paranaense (estatutos) (1929)
- Plantando, dá! (1931)
- O ouro da Serra do Mar (1931)

- Como se fundou Curitiba (1931)
- Eu (1931)
- Roteiro paranista (1932)
- Paranismo (1932)
- Safra e valor dos principais produtos agrícolas e nativos do estado do Paraná (1932)
- Duas palavras sobre a bracatinga (1933)
- Elevação da Comarca de Curitiba à Província (1935)
- História do Paraná (1937)
- Discurso de paraninfo da turma de agrônômicos da Escola Agrônômica do Paraná (1937)
- O primeiro dia da vila (1938)
- A cruzada da República no Paraná (1939)
- Paiquerê, mitos e lendas (1939)
- Vozes indígenas na toponímia do Paraná (1940)
- Escolas rurais especiais para a educação e socialização do caboclo (1940)
- Quantos somos e quem somos (1941)
- Guairacá (1941)
- Livro das árvores do Paraná (1944)
- Terra e Gente do Paraná (1944)
- Dados bio-bibliográficos até 1945 (1946)

Bandeiras e bandeirantes no Paraná (1946)

Manoel Ribas, grande administrador do Paraná (1947)

Deixou quatro relatórios inéditos: Organização e realizações do Departamento de Agricultura, Tindiquera, Canguiry e Cruzada do trigo.

Pela relação de obras existente na introdução do livro “Terra e Gente do Paraná” (e “História do Paraná”) constam, ainda, outras obras:

Álbum (1901)

Nheengassú (1940)

Como nasceu Curitiba (1943)

Eu penso que... (1952)

Curitiba, capital do estado do Paraná (s/d.)

Dr. Jaime Reis (s/d, em outra fonte, 1953)

O intervalo (s/d, em outra fonte, 1953)

Dr. Vicente Machado (1905)

Conferência Nacional de Cereais (1918)

Paraná no 4º centenário do descobrimento do Brasil (1922)

Breve notícia das realizações do Departamento de Agricultura do Paraná (1924)

Catálogo do Paraná seção de agricultura (1925)

Outrora (1931)

Hitler guerreia o Brasil há dez anos (1953)

No país das iaras (1953)

Ébano Pereira (1908)

Anexo 4 - Lei nº 546, de 24 de março de 1904

O Congresso Legislativo do Paraná decretou e eu sanciono a lei seguinte:

Art. 1º Os commissarios de medições de terras são obrigados a enviar ao Museu do Estado os objectos da primitiva arte indígena, objectos fosseis e amostras de mineraes que encontrarem em suas explorações.

Art. 2º Cada objecto deverá vir acompanhado da indicação de sua procedencia, e quanto possível, de todo o accidente que possa caracterisar a constituição geologica da jazida.

Art. 3º As despezas com o transporte de objectos enviados ao Museu, correrão por conta do Estado.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario d'Estado dos Negocios de Obras Publicas e Colonização a faça executar.

Palacio da presidencia do Estado do Paraná, em 24 de março de 1904, 16 da República.

Vicente Machado da Silva Lima – Joaquim P. P. Chichorro Junior.

Publicada na Secretaria de Obras Públicas e Colonização, em 24 de março de 1904, p. 85.

Fonte: PARANÁ, SECRETARIA DE OBRAS PÚBLICAS E COLONIZAÇÃO. **Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Vicente Machado da Silva Lima; Presidente do Estado do Paraná, pelo Secretario d'Estado dos Negocios de Obras Publicas e Colonização Joaquim P. Pinto Chichorro Junior, em 31 de Dezembro de 1904.** Curityba: Typographia d'A Republica. 1905, 124 p.

Anexo 5 - Regulamento da Exposição do Cinquentenário

Regulamento da Segunda Exposição Promovida pela Sociedade de Agricultura, a realizar-se em Curityba a 19 de Dezembro de 1903, 50º anniversario da installação da Provincia do Paraná.

Art. 1º- A commissão abaixo assignada, por delegação da Sociedade Estadual de Agricultura do Paraná, organisa nesta cidade de Curityba uma exposição de productos naturaes, artísticos, industriaes, pastoris e agrícolas ou de utilização agricola.

Paragrapho único - A exposição installar-se-ha a 19 de Dezembro de 1903 e ficará aberta até fins de Março de 1904.

Art. 2º- A exposição será organisaada por concurso, só tendo direito aos prêmios os productos do Estado do Paraná. Os productos dos outros Estados da União e do estrangeiro poderão tambem figurar na exposição, mas fóra de concurso.

Art. 3º- Os productos expostos obedecerão á seguinte methodisação:

SECÇÃO I

PRODUCTOS NATURAES

I - Vegetaes e seus productos

Grupo I - Producção florestal - (Tóros de arvores; amostras de madeiras de construcção; idem de marcenaria e torneiro; colecções de madeiras em geral com indicação de seus usos, procedencia, caracteristicos e nome vulgar pelo menos, na impossibilidade da classificação scientifica).

Grupo II - Materia prima vegetal empregada em cortume, tinturaria, colxoaria, etc. (Madeiras, cascas e qualquer sustancia no estado natural, empregada naquelle mister: - musgos, lichens, etc.)

Grupo III - Cereaes e hortaliças, inclusive toda a especie de forragem.

Grupo IV - Herva-matte, café, chá, etc.

Grupo V - Plantas medicinaes e empregadas na perfumaria.

Grupo VI - Plantas texteis e as de emprego na tecelagem - (Linho, cânhamo, algodão, etc)

Grupo VII - Conservas vegetaes, panificação e massas alimenticias.

Grupo VIII - Vinificação e productos alcoolicos.

Grupo IX - Assucar, xaropes e doces.

Grupo X - Fructos diversos e seus productos.

Grupo XI - Flores naturaes, plantas de ornamentação, etc.

Grupo XII - Viticultura, selvicultura e pomicultura.

Grupo XIII - Fumo e seu productos manufacturados.

Grupo XIV - Bulbos, rhyomas e farinaceos.

Grupo XV - Orchideas e parasitas.

Grupo XVI - Productos vegetaes não classificados.

II - Mineraes

Grupo I - Pedras preciosas - Mineraes metallicos e não metallicos -
(Excepto o carvão de pedra).

Grupo II - Pedras para construcção e ornamentação. (Granitos,
marmores, alabastros, ardósias, etc., inclusive cal).

Grupo III - Combustiveis mineraes - (Carvão de pedra, lignites,
schistos bituminosos, petroleo, enxofre, etc.)

Grupo IV - Materiaes empregados na ceramica - (Argilas, kaolin,
gesso, silica, etc.)

Grupo V - Aguas mineraes naturaes (Ferreas, alcalinas, sulphorosas,
thermaes, etc.)

Grupo VI - Applicação industrial dos metaes. - Trabalhos de
fundição e torneiro.

Grupo VII - Ceramica - Louça em geral e artefactos de olaria.

III - Animais e seus productos

Grupo I - Animaes cavallares e muares, de sella, tracção
e reproductores.

Grupo II - Animais vaccuns.

Grupo III - Animaes bovinos, suinos, etc.

Grupo IV - Aves.

Grupo V - Lã, seda, pelles, couros, plumas, colla, ossos, chifres, etc.

Grupo VI - Lacticínios, carnes salgadas ou em conserva, banha, óleos, etc.

Grupo VII - Apicultura e seus productos.

Grupo VIII - Peixes e seus preparados.

SECÇÃO II

PRODUCTOS INDUSTRIAES

Grupo I - Apparelhos de utilização agricola.

Grupo II - Machinismos de qualquer serventia.

Grupo III - Vehiculos.

Grupo IV - Fiação e tecelagem.

Grupo V - Moveis.

Grupo VI - Productos chimicos e pharmaceuticos.

Grupo VII - Productos de saponificação.

Grupo VIII - Phosphoros.

Grupo IX - Papelaria e encadernação.

Grupo X - Productos industriaes não classificados.

SECÇÃO III

ARTES PLASTICAS E GRAPHICAS

Grupo I - Pintura.

Grupo II - Esculptura.

Grupo III - Architectura.

Grupo IV - Desenhos e modelos.

Grupo V - Photographia.

Grupo VI - Litographia e typographia.

Art. 4º - A secção, Parágrafo II (productos mineraes) compor-se-ha de amostras com as possiveis indicações de procedencia caracterisada pelo sitio da jasida, sem municipio, visinhança de portos, rios navegaveis ou estradas; propriedade; centros de população proximos; quantidade calculada do minéreo (si é ou não abundante); a sua classificação e analyse.

Art. 5º - Todos os productos terão entrada livre na exposição, somente sujeitos á necessaria inscripção no catalogo geral a cargo dos secretarios.

Art. 6º- Os expositores são obrigados a sujeitar os seus productos á collocação systematica estabelecida neste Regulamento, salvos aquelles que tiverem pavilhões proprios, feitos a sua custa.

Art. 7º- Os expositores, no acto da inscripção de que trata o art. 5º, receberão um cartão permanente e intransferivel, de entrada livre em todas as dependencias da exposição.

Paragrapho único - A direcção da exposição determinará o quantum a cobrar por pessoa, de entrada para o publico.

Art. 8º- A instalação do material da Iª secção, Parágrafo III (animaes) será determinada como julgar mais conveniente a directoria.

Paragrapho unico. – Ficam, porem, a cargo dos expositores, o custeio dos animaes e a conservação das baias e apriscos.

Art. 9º- O local da exposição estará vedado ao publico até a instalação official.

Art. 10. - A Commissão Central nomeará, para cada uma das classes, um jury composto de tres membros de reconhecida competencia.

Art. 11. - Ficam instituidos os seguintes premios para a recompensa dos productos expostos:

I - Medalha de ouro; II - Medalha de prata; III - Medalha de bronze; IV - Menção honrosa; V - Animação; e os premios em dinheiro nos valores de 50\$000, 30\$000 e 20\$000, para os productos da lavoura colonial, a juizo do jury.

Art. 12. - A directoria da exposição fará cunhar uma medalha commemorativa do 50º anniversario da elevação do Paraná a Provincia, para ser distribuida a 19 de Dezembro.

Paragrapho unico. – O desenho da medalha será posto em concurso e escolhido por um jury previamente nomeado pela directoria da exposição, que arbitrará um premio ao autor do trabalho escolhido.

Art. 13. - Os productos destinados á exposição, terão transporte gratuito nas estradas de ferro.

Art. 14. - Os productos deverão ser entregues á directoria da exposição, até o dia 1º de Dezembro.

ISBN: 978-85-67310-00-8



9 788567 310008